

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Denísia Moraes dos Santos

***Guia de receitas brasileiras: uma saborosa viagem pela literatura***

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem

SÃO PAULO

2011

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC-SP

Denísia Moraes dos Santos

***Guia de receitas brasileiras: uma saborosa viagem pela literatura***

Mestrado em Linguística Aplicada e Estudo da Linguagem

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, sob a orientação da Prof<sup>ª</sup>. doutora Elisabeth Brait.

SÃO PAULO

2011

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP

Santos, Denísia Moraes dos  
*Guia de receitas brasileiras: uma saborosa viagem pela literatura* / Denísia Moraes dos Santos; Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Doutora Elisabeth Brait. – São Paulo 2011.  
140 f. il. color.  
Dissertação (Mestrado) – PUC-SP, 2011.  
1. Literatura – 2. Leitura – 3. Produção de texto – 4. Cronotopo.

Banca Examinadora

---

---

---

Aos meus pais, Pedro e Noemia (*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

À Secretaria da Educação do Estado de São Paulo – Programa Bolsa Mestrado da SEESP, pelo apoio financeiro dado a esta pesquisa.

À professora Doutora Elisabeth Brait, mestra e pesquisadora notória, pela orientação desta pesquisa e pela amizade que construímos.

À professora Doutora Maria Inês Batista Campos, pelas valiosas indicações bibliográficas, além do conselho que se configurou no ponto de partida para esta pesquisa.

À professora Doutora Maria Aparecida Junqueira, pelas preciosas observações dadas no exame de qualificação.

Às professoras Doutoradas do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, da PUC-SP, Maria Cecília P. Souza e Silva, Maria Francisca Lier-De Vito, Maximina Maria Freire, por contribuírem com suas reflexões para o desenvolvimento desta pesquisa.

A todos os colaboradores do Centro de Pesquisa e Documentação, Acervo histórico, da Nestlé Brasil Ltda., em especial Sandra Souza, Solange Ramos Peirão, Carolina Kuk de Freitas e Edna Hiroe Miguita, por cederem importante material de consulta para a realização desta pesquisa.

Aos meus colegas do curso de Pós-graduação, em especial Regina, Irene, Sandra e Maria Helena, pela amizade e reflexões em torno dos textos de Bakhtin e o Círculo.

Às minhas amigas Cláudia Cantarin e Solange Cunha, pela leitura atenta desta pesquisa.

## ***Guia de receitas brasileiras: uma saborosa viagem pela literatura***

Denísia Moraes dos Santos

### **RESUMO**

Esta dissertação tem por objetivo compreender, sob o ponto de vista da Análise Dialógica do Discurso, o processo de construção dos sentidos em *Guia de receitas brasileiras* — texto premiado na primeira edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999). Com o tema “A literatura e a vida nos 500 anos de Brasil”, essa edição desafiou alunos e professores a produzir um intertexto literário-cultural, utilizando cinco obras da literatura brasileira — *Cronistas do Descobrimento*, com textos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego e *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade. Dentre os textos vencedores na primeira edição do concurso, selecionamos *Guia de receitas brasileiras* para nosso objeto de estudo, em razão de esse texto apresentar uma particularidade: essa produção escolar não apenas oferece o elemento temático viagem como centro organizador das relações espaço-temporais na narrativa, conforme observamos nas outras duas produções, mas traz também uma composição híbrida (receita culinária e receita poética). Examinamos, também, o roteiro literário que movimentou, em 1999, mais de seis mil escolas, públicas e privadas, fazendo o aluno do Ensino Médio saltar da posição de estudante sem interesse pela leitura para leitor com condição de assinar o próprio texto. Constituem, assim, o *corpus* desta pesquisa, o texto *Guia de receitas brasileiras* e o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Roteiro Cultural – Caderno Pedagógico do concurso). Para compreender o processo de construção dos sentidos em *Guia de receitas brasileiras*, buscamos apoio teórico no estudo de M. Bakhtin, intitulado “Formas de tempo e do cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”. A escolha desse recorte teórico se justifica por observarmos no espaço da narrativa de *Guia de receitas brasileiras* algumas características próximas da natureza dos cronotopos (neologismo que significa “tempo-espaço”) examinados por Bakhtin. Encontramos explicações para o processo de construção dos sentidos em *Guia de receitas brasileiras* em três categorias cronotópicas, observadas no estudo de Bakhtin: cronotopo da metamorfose, cronotopo da estrada e cronotopo do autor e do leitor. No que diz respeito ao processo de construção dos sentidos do texto, a análise de *Guia de receitas brasileiras* mostrou que autores e leitores desempenham papéis ativos na construção de sentidos, sendo o repertório de natureza literária de ambos o aspecto relevante na relação que se cria entre enunciados no mesmo espaço narrativo. O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* favoreceu a transformação dos jovens leitores com baixo rendimento na avaliação de leitura para leitores críticos e autores de textos literários. Mostrou aos estudantes brasileiros o diálogo intertextual e interdiscursivo que percorre toda “viagem literária”.

Palavras-chave: literatura, leitura, produção de texto, cronotopo.

## ***Brazilian Recipes Guide: a delicious journey through literature***

Denísia Moraes dos Santos

### **ABSTRACT**

This thesis aims to investigate, from the standpoint of Dialogic Discourse Analysis, the process of making sense in *Brazilian Recipes Guide*, winner text of the Cultural Contest *Nestlé Journey Through Literature* (1999). With the theme “Literature and life in 500 years of Brazil”, this edition has challenges students and teachers to produce a literary intertext, viewing the topic of "literary journey," they make a tour through five works of the classical tradition of Brazilian literature — *Cronistas do Descobrimento*, with texts by Pero Vaz de Caminha, Hans Staden, *O cortiço* by Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro* by Machado de Assis, *Fogo morto* by José Lins do Rego and *Sentimento do mundo*, by Carlos Drummond de Andrade. Among the school production winners of the first contest edition we selected *Brazilian Recipes Guide* to be our study object due to this text presents a particularity: this work does not only presents the journey as part of the organizing center of the space-time relations in the narrative, as we could note in the other two productions, but it also brings a hybrid composition (cooking recipe and poetical recipe). We shall also examine the literary path that moved in 1999, more than six thousand schools, public and private, making the high school students jumping out from the position of poor reading condition students to students able to sign their own texts. It constitutes, therefore, the *corpus* of this research, the texts *Brazilian Recipes Guide* and *Nestlé Journey Through Literature Guide* (Pedagogical Dossier). To understand the process of making sense in *Brazilian Recipes Guide*, we seek theoretical support in the study of M. Bakhtin, entitled "Forms of time and chronotope in the novel: essays in historical poetics." The choice of this theoretical approach is justified by observing the space of narrative *Brazilian Recipes Guide* of some features of the nature of cronotopos (neologism meaning "time-space") examined by Bakhtin. Find explanations for the process of making sense in *Brazilian Recipes Guide* into three categories chronotopic, observed in the study of Bakhtin, chronotope of metamorphosis, chronotope of the road and chronotope of the author and reader. Regarding the process of making sense of the text, the analysis of *Brazilian Recipes Guide* showed that authors and readers play active roles in the construction of meaning, and the repertoire of literary nature of both the relevant aspect of the relationship that develops between set out in the same narrative space. The *Nestlé Journey Through Literature Guide* favored the transformation of young readers with low incomes in the assessment of critical reading for readers and authors of literary texts. Showed the Brazilian students and interdiscursive intertextual dialogue that runs through "literary journey."

**KEYWORDS:** literature, reading, writing text, chronotope.

As obras rompem fronteiras de seu tempo,  
vivem nos séculos, ou seja, na grande  
temporalidade, e, assim, não é raro que essa vida  
(o que sempre sucede com uma grande obra) seja  
mais intensa e mais plena do que nos tempos de  
sua contemporaneidade.

Mikhail Bakhtin

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	01
<b>CAPÍTULO 1</b>	
<b>Rotas literárias</b>	05
1.1 A chegada do <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> na Escola Estadual Amaral Wagner	06
1.1.2 Nestlé: Ações de responsabilidade social	08
1.2 <i>Viagem Nestlé pela literatura</i> e os programas de avaliação em leitura	10
1.3 As oito rotas literárias	14
1.3.1 O convite para a primeira viagem	33
1.3.2 O regulamento do concurso	34
<b>CAPÍTULO 2</b>	
<b>O Guia <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i></b>	39
2.1 O planejamento do roteiro da primeira viagem literária	40
2.1.1 A proposta de seduzir os viajantes e antecipar emoções	42
2.1.2 Os cronistas do Descobrimento e o cruzamento de olhares	44
2.1.3 O cruzamento de olhares entre as obras lidas	49
2.2 Viagem pela literatura	50
2.2.1 <i>Dom Casmurro</i>	50
2.2.2 <i>O cortiço</i>	57
2.2.3 <i>Fogo morto</i>	59
2.2.4 <i>Sentimento do mundo</i>	64
2.3 Dinâmicas para antecipação de leitura	71
2.4 As três produções escolares premiadas na primeira viagem literária	75
2.4.1 <i>Guia de receitas brasileiras</i>	76
2.4.2 <i>Do sabor ao saber</i>	79
2.4.3 <i>Brasileiro de muitos sabores</i>	82

**CAPÍTULO 3**

<b>Relações espaço-temporais em narrativa literária</b>	85
3.1 A concepção de cronotopo	86
3.2 O cronotopo da metamorfose	88
3.3 O cronotopo da estrada	90
3.4 O cronotopo do autor e do leitor	92
3.5 De que ponto espaço-temporal observa o autor os acontecimentos por ele representados?	93
3.6 A construção da imagem dos acontecimentos no cronotopo	95

**CAPÍTULO 4**

<b><i>Guia de receitas brasileiras: produção escolar vencedora da 1ª edição do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura</i></b>	98
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	113
-----------------------------	-----

<b>BIBLIOGRAFIA GERAL</b>	118
---------------------------	-----

<b>BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA</b>	121
--------------------------------	-----

<b>ANEXOS</b>	125
---------------	-----

**Lista de quadros**

Quadro 1 – Temas e obras selecionadas nas oito edições do <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i>	15
Quadro 2 – Escolas vencedoras da 1ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (1999)	16
Quadro 3 – Escolas vencedoras da 2ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2000)	17
Quadro 4 – Escolas vencedoras da 3ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2001)	19
Quadro 5 – Escolas vencedoras da 4ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2002)	21
Quadro 6 – Escolas vencedoras da 5ª edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2003)	23
Quadro 7 – Escolas vencedoras da 6ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2004)	25
Quadro 8 – Escolas vencedoras da 7ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2005)	28
Quadro 9 – Escolas vencedoras da 8ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> (2006/2007)	31

## Lista de figuras

Figura 1 – Foto do Kit da 2ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2000	07
Figura 2 – Foto do Kit da 1ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	16
Figura 3 – Foto do Kit da 2ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2000	18
Figura 4 – Foto do Kit da 3ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2001	20
Figura 5 – Foto do Kit da 4ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2002	22
Figura 6 – Foto do Kit da 5ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2003	24
Figura 7 – Foto do Kit da 6ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2004	27
Figura 8 – Foto do Kit da 7ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2005	28
Figura 9 – Foto do Kit da 8ª. edição do Concurso Cultural <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 2006/2007	32
Figura 10 – Foto do artigo 1º Regulamento do <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> – Concurso Cultural (1999)	34
Figura 11 – Foto do artigo 6º Regulamento do <i>Viagem Nestlé pela Literatura</i> – Concurso Cultural (1999)	35
Figura 12 – Foto do sumário do <i>Guia da Viagem Nestlé pela Literatura</i>	41
Figura 13 – Foto de duas xilogravuras de Hans Staden	44
Figura 14 – Foto da página 12 do <i>Guia Nestlé pela Literatura</i> (1999)	46
Figura 15 – Foto de Alexandre Salgado. <i>Praia Itacaré</i> (1997)	47
Figura 16 – Foto da página 11 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	48
Figura 17 – Foto da página 24 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	52

Figura 18 – Foto da página 26 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	54
Figura 19 – Foto da página 29 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	60
Figura 20 – Foto da página 34 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	65
Figura 21 – Foto da página 36 do <i>Guia Viagem Nestlé pela Literatura</i> , 1999	68
Figura 22 – <i>Guia de receitas brasileiras</i> . Produção escolar. (1999), p. 1	76
Figura 13 – <i>Guia de receitas brasileiras</i> . Produção escolar. (1999), p.2	77
Figura 24 – <i>Guia de receitas brasileiras</i> . Produção escolar. (1999), p.3	78
Figura 25 - <i>Do sabor ao saber</i> . Produção escolar. (1999), p. 1	79
Figura 26 - <i>Do sabor ao saber</i> . Produção escolar. (1999), p. 2	80
Figura 27 - <i>Do sabor ao saber</i> . Produção escolar. (1999), p. 3	80
Figura 28 - <i>Brasileiro de muitos sabores</i> . Produção escolar. (1999), p. 1	81
Figura 29 - <i>Brasileiro de muitos sabores</i> . Produção escolar. (1999), p. 2	82
Figura 30 - <i>Brasileiro de muitos sabores</i> . Produção escolar. (1999), p. 3	83
Figura 31 - <i>Brasileiro de muitos sabores</i> . Produção escolar. (1999), p. 4	84

**ANEXOS**

ANEXO A – *Viagem Nestlé pela Literatura - Concurso Cultural – Regulamento* 121

ANEXO B – *1893.* 123

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto principal compreender, sob o ponto de vista da Análise Dialógica do Discurso, o processo de construção dos sentidos em *Guia de receitas brasileiras* — texto premiado no Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999) —, produzido por um grupo de alunos com a ajuda de dois professores da Escola Estadual Francisco de Campos, na cidade de Dores do Indaiá, estado de Minas Gerais.

É possível explicitar a Análise Dialógica do Discurso, segundo Brait (2008), por “seu embasamento constitutivo, ou seja, a indissolúvel relação existente entre língua, linguagens, história e sujeitos que instaura os estudos da linguagem como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida, responsável, e não apenas como procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas (BRAIT, 2008, p. 10)”. Embasados nessa perspectiva de análise do discurso, examinaremos *Guia de receitas brasileiras*.

“A literatura e a vida cotidiana nos 500 anos de Brasil” foi o tema escolhido pela Fundação Nestlé de Cultura para a primeira edição (1999) do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura*. Professores e alunos retrataram na produção cultural momentos do cotidiano brasileiro, a partir da leitura de cinco obras clássicas da literatura brasileira: *Cronistas do Descobrimento*, com relatos de Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e outros, *O Cortiço* de Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro* de Machado de Assis, *Fogo Morto* de José Lins do Rego e *Sentimento do Mundo* de Carlos Drummond de Andrade. Venceram o concurso a Escola Estadual Francisco Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais com o texto *Guia de Receitas Brasileiras*, o Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás, com o texto *Brasileiro de Muitos Sabores* e o Colégio XIX de Março, em Itajubá, Minas Gerais com o texto *Do Sabor ao Saber*. Dentre os 3350 textos de escolas de Ensino Médio de todo o Brasil, a equipe do *Viagem Nestlé pela Literatura* premiou três. Na primeira edição do concurso, não houve 1º, 2º ou 3º colocado.

Dentre os três textos vencedores da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, selecionamos *Guia de receitas brasileiras* para nosso objeto de estudo em razão de essa produção escolar apresentar uma particularidade: esse texto não apenas oferece o elemento temático viagem como centro organizador das relações espaço-

temporais na narrativa, conforme observamos nas outras duas produções, mas traz também uma composição híbrida (receita culinária e receita poética).

Além da característica da composição híbrida, outro aspecto chamou-nos a atenção: a esfera escolar (Escola Estadual Francisco de Campos, em Dores do Indaiá, no estado de Minas Gerais, em 1999) provocou o aparecimento de *Guia de Receitas Brasileiras* no momento em que o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (PISA), em 2000, na avaliação do domínio de leitura dos estudantes na faixa de 15 anos, de escolas públicas e privadas, apontava o Brasil na 32ª posição, à frente apenas de Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru. Dessa maneira, examinamos também o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Roteiro Cultural – o Caderno Pedagógico do Concurso); trata-se de um roteiro literário-cultural aplicado nas oficinas de leitura para criar repertório de natureza literária aos participantes do concurso e, dessa forma, dar aos jovens leitores condições de assinar textos literários.

Para atender os questionamentos desta pesquisa, buscamos apoio teórico no estudo do filólogo da linguagem Mikhail M. Bakhtin (1895-1975), produzido entre 1937-38, “Formas do tempo e do cronotopo no romance”, com o subtítulo “ensaios de poética histórica”. Desse estudo, observamos o conceito de cronotopo (neologismo que significa “tempo-espaço”) e selecionamos três categorias cronotópicas — *cronotopo da metamorfose*, *cronotopo da estrada* e *cronotopo do autor e do leitor* —, porque apresentam características muito próximas das relações espaço-temporais observadas no espaço narrativo de *Guia de Receitas Brasileiras*.

Escolhida a perspectiva teórica e delimitado o *corpus* — ao texto *Guia de Receitas brasileiras* e ao *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* —, esta dissertação subdivide-se em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, intitulado “Rotas literárias”, iniciamos com um relato de como conhecemos o *Viagem Nestlé pela Literatura*. Queremos mostrar ao leitor o momento e o lugar de onde tudo começou. Essa relação espaço-temporal marcada no ano de 2000, na Escola Estadual Amaral Wagner, na cidade de Santo André, estado de São Paulo, constitui esta pesquisa. Examinamos, neste capítulo, a participação da Fundação Nestlé de Cultura em projetos denominados “Ações de responsabilidades sociais” com o objetivo de compreender de que forma o resultado do PISA (2000) motivou o *Viagem Nestlé pela Literatura* a estender a abrangência da “viagem literária”, em 2003, envolvendo os alunos da 8ª série do Ensino Fundamental. Na primeira edição, participaram

apenas alunos do Ensino Médio. Ainda, neste capítulo, com o propósito de apresentar ao leitor um panorama histórico das viagens literárias (1999-2006), elaboramos uma síntese com os temas, obras selecionadas, escolas e textos vencedores de todas as edições.

No segundo capítulo, “O Guia da Viagem Nestlé pela Literatura”, direcionamos um olhar mais atento ao roteiro da primeira viagem (1999) em virtude de ser essa a edição em que se sagrou vencedor o texto *Guia de receitas brasileiras*. Para tanto, descrevemos as oficinas de leitura que integram o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. O nosso objetivo, nessa tarefa, foi flagrar o repertório de natureza literária criado para capacitar os alunos de Ensino Médio na produção de um intertexto literário-cultural. Terminamos este capítulo com o resultado do concurso da primeira edição. Mostramos, assim, os três textos que venceram a primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura — Guia de Receitas Brasileiras*, texto da Escola Estadual Francisco Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais, *Brasileiro de Muitos Sabores*, texto do Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás, *Do Sabor ao Saber*, texto do Colégio XIX de Março, em Itajubá, Minas Gerais.

Iniciamos o terceiro capítulo, “Relações espaço-temporais em narrativa literária”, com a definição do termo cronotopo segundo o pensamento bakhtiniano. Bakhtin (2002) chamou de cronotopo (que significa “tempo-espaço”) “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (BAKHTIN, 2002, p. 211). Em seguida, mostramos algumas observações nossas, do estudo do filólogo russo, em “Formas de tempo e de cronotopo”: ensaios de poética histórica. Desse texto, selecionamos três conceitos teóricos — (1) cronotopo da metamorfose, (2) cronotopo da estrada e (3) cronotopo do autor e do leitor. Esses conceitos mostram formas de representação da relação espaço-temporal nos romances analisados por Bakhtin. A escolha desse recorte teórico se justifica por observarmos no espaço da narrativa de *Guia de receitas brasileiras* algumas características próximas da natureza dos cronotopos examinados por Bakhtin. Pretendemos, a partir dessa observação, encontrar explicações para as relações espaço-temporais em *Guia de receitas brasileiras*.

No quarto capítulo, intitulado “*Guia de receitas brasileiras*”, fazemos a análise dos elementos enunciativos e discursivos de *Guia de receitas brasileiras* com o objetivo de compreender o processo de construção das relações de sentidos entre os enunciados, no espaço da narrativa desse texto. Para tanto foi preciso compreender que para produzir o texto vencedor, os autores de *Guia de receitas brasileiras* se posicionaram em um lugar e um tempo específicos. E é desse ponto espaço-temporal (Dores do Indaiá, Minas Gerais,

no ano de 1999, na Escola Estadual Francisco de Campos) que assistiram aos acontecimentos representados em cinco obras da literatura brasileira — *Cronistas do Descobrimento* com relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden (1560), *O cortiço* de Aluísio Azevedo (1890), *Dom Casmurro* de Machado de Assis (1899), *Fogo morto* de José Lins do Rego (1943), *Sentimento do mundo* (1940). Observaram, assim, o mundo representado (literatura brasileira) a partir de sua contemporaneidade (1999). Realizamos a análise em busca das relações de sentidos do texto, tendo em mente o que significa uma análise da perspectiva dialógica do discurso. Lembramos, ainda, de que é preciso, de acordo com Brait (2008) “pensar o homem, as culturas, a produção do conhecimento, as particularidades das atividades humanas, o papel da linguagem e das interações sociais na construção dos sentidos (...)” (BRAIT, 2006, p. 48).

Brait (2009) em artigo publicado na Revista *Língua Portuguesa*, “Memória de escritor”<sup>1</sup>, levanta a questão: “como se constrói um leitor de livros, se os cidadãos são leitores compulsivos de tantos objetos socioculturais?”. Dentre as várias respostas para essa questão, dadas pela autora, selecionamos uma bastante pertinente ao que vamos mostrar nesta pesquisa: “Nada supera a atitude exemplar de que a leitura é antes um hábito prazeroso, sendo o conhecimento uma consequência que estabelece a ligação entre livros e vida. Sem essa ligação primeira entre o livro e o indivíduo, as demais estratégias se tornam artificiais, destituindo a leitura de seus verdadeiros valores”.

Nesta pesquisa, mostramos, por meio da análise de uma obra premiada, possibilidades de como se constrói um leitor.

---

<sup>1</sup> BRAIT, Beth. *Memória de escritor*. Revista *Língua Portuguesa*, São Paulo, ano 3, nº 43, pp.34-35, maio de 2009.

## CAPÍTULO 1

### Rotas literárias

(...) qualquer passeio pelos mundos ficcionais tem a mesma função de um brinquedo infantil. As crianças brincam com boneca, cavalinho de madeira ou pipa a fim de se familiarizar com as leis físicas do universo e com os atos que realizarão um dia. Da mesma forma, ler ficção significa jogar um jogo através do qual damos sentido a infinidade de coisas que aconteceram, estão acontecendo ou vão acontecer no mundo real. Ao lermos uma narrativa, fugimos da ansiedade que nos assalta quando tentamos dizer algo de verdadeiro a respeito do mundo.

Umberto Eco (*Seis passeios pelo bosque da ficção*)

Neste capítulo, traçamos um panorama histórico do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* — projeto educacional e cultural de iniciativa da Fundação Nestlé de Cultura, em parceria com o Ministério da Cultura (Minc) e apoio do Ministério da Educação (MEC) — para apresentar ao leitor uma visão do conjunto das “viagens literárias” ao longo de oito anos (1999-2006). Para tanto, daremos início com o relato de nossa experiência nesse evento literário-cultural.

“A literatura e a vida cotidiana nos 500 anos de Brasil” foi o tema escolhido para a primeira edição. Professores e alunos retrataram na produção cultural momentos do cotidiano brasileiro, a partir da leitura de cinco obras clássicas da literatura brasileira: *Cronistas do Descobrimento*, Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e outros, *O Cortiço*, Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro*, Machado de Assis, *Fogo Morto*, José Lins do Rego e *Sentimento do Mundo*, Carlos Drummond de Andrade.

Mais de 6 mil escolas foram inscritas de um total de 15 mil estabelecimentos existentes no país em 1999. Venceram o concurso a Escola Estadual Francisco Campos, em Dolores do Indaiá, Minas Gerais com o texto *Guia de receitas brasileiras*, o Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás, com o texto *Brasileiro de muitos sabores* e o Colégio XIX de Março, em Itajubá, Minas Gerais com o texto *Do sabor ao saber*.

O julgamento foi realizado por um grupo de professores especializados, os mesmos produtores do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Roteiro Cultural - Caderno pedagógico do Concurso). A premiação ocorreu em 6 de dezembro de 1999, às 11 horas e trinta minutos, no Ministério da Educação em Brasília, com a presença dos Ministros da

Educação e da Cultura. Na primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, não houve 1º, 2º ou 3º colocado no concurso. Dentre os 3350 textos de escolas de Ensino Médio de todo o Brasil, a equipe de coordenação do concurso premiou três.

O enorme volume de textos de excelente qualidade de toda parte do Brasil, produzidos para o Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura*, surpreendeu a coordenadora do projeto da Fundação Nestlé de Cultura — Vera Lúcia de Carvalho Marchezi<sup>2</sup>. Além de nomear três escolas vencedoras, a equipe que avaliou e julgou os textos decidiu entregar menção de honra para mais dez instituições de ensino: o Centro Educacional Brasil Central, em Taguatinga do Norte, Distrito Federal, o Colégio Notre Dame, em Passo Fundo, Rio Grande do Sul, o Colégio Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, a Escola Neusa Assad Malta, em Corumbá, Mato Grosso do Sul, a Sociedade Educacional Positivo, em Curitiba, Paraná, a Escola de Educação Básica e Profissional Fundação Bradesco, em Manaus, Amazonas, o CEFAM Professor Washington Silva, em Itapetininga, São Paulo, o Colégio Marista Arquidiocesano de São Paulo, em São Paulo, o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em São Paulo, e o Colégio Nossa Senhora do Carmo, em Recife, Pernambuco.

Mais de 78 mil escolas do Ensino Médio e Fundamental das redes pública e privada de todo o país, cerca de 1.500.000 alunos e 130 mil professores foram beneficiados pelo programa. Os benefícios envolveram valores educacionais, culturais e monetários.

### **1.1 A chegada do *Viagem Nestlé pela Literatura* na Escola Estadual Amaral Wagner**

A primeira lembrança que temos do primeiro contato com o *Viagem Nestlé pela Literatura* é a imagem de uma caixa grande com um selo do logotipo do concurso estampado com letras grandes e coloridas sobre a mesa do diretor da escola.

O *Viagem Nestlé pela Literatura* já estava na sua segunda edição, naquele ano de 2000, quando chegou a Escola Estadual Amaral Wagner, na cidade de Santo André, estado de São Paulo. Dentro da caixa havia (ver figura 1) cinco obras literárias — *Um certo*

---

<sup>2</sup> Na ocasião do concurso (1999), Vera Lucia de Carvalho Marchezi, Coordenadora do Projeto Fundação Nestlé, era Pós-graduada em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP/SP. Também era Assessora Pedagógica em Escolas Públicas e Particulares, Assessora Técnica da Divisão de Orientação Técnica da Prefeitura de São Paulo para projetos de Sala de Leitura – 1996 e Professora de Língua Portuguesa. (MARCHEZI, V. L. Caderno Pedagógico. *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999).

*Capitão Rodrigo* de Érico Veríssimo, *Grande Mentecapto* de Fernando Sabino, *Quinze* de Rachel de Queiroz, *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água* de Jorge Amado, *Libertinagem & Estrela da Manhã* de Manuel Bandeira —, CDs com as canções da segunda viagem literária, um caleidoscópio, o Diário de viagem, o *Caderno Roteiro Cultural* (Caderno Pedagógico também denominado *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*) e outros materiais pedagógicos criados pela Fundação Nestlé de Cultura para a realização das oficinas de leitura com os alunos em sala de aula.



**Figura 1 - Foto do Kit da 2ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2000)**

Acompanhava o kit, um convite para aceitar o desafio de embarcar na segunda viagem literária, uma ficha de inscrição para ser preenchida por dois professores e vinte alunos do Ensino Médio e o regulamento do concurso. Nosso interesse foi imediato. Naquele instante estendemos o convite a todos os alunos. Fizemos uma lista com os nomes daqueles que mostraram interesse. Dessa lista, selecionamos dez alunos que tinham pouco ou quase nenhum conhecimento de obras literárias e dez que já haviam lido algumas obras da tradição clássica da literatura brasileira.

Para atrair a participação de professores e alunos, a Fundação Nestlé de Cultura mencionava no convite o valor da premiação — doze mil reais para a escola (em bens ou benfeitorias), oito mil reais em cheque para cada professor coordenador do projeto na escola, mil e quinhentos reais, em depósito em caderneta de poupança, para cada aluno participante. O total máximo por escola, na primeira edição do concurso, chegara a 81 mil reais. Para o recebimento das premiações, ofereciam-se ainda às escolas ganhadoras traslado e hospedagem, sem qualquer ônus.

Com o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, em mãos, realizávamos as oficinas de leitura aproximadamente em quatro meses, três vezes por semana, no Anfiteatro da escola — espaço que favoreceu a interpretação de trechos extraídos das obras literárias. No início notávamos que muitos de nossos alunos estavam ali porque acreditavam na possibilidade de receberem o prêmio de um mil e quinhentos reais oferecidos pela Fundação Nestlé de Cultura para os autores da produção escolar vencedora. Essa motivação ficava para trás ao passo que descobriam o prazer da leitura literária.

Aqueles que embarcavam nessa empreitada literário-cultural aceitavam o desafio de dialogar com textos de diferentes autores, épocas e linguagens. O destino final da “viagem literária” revelava-se em um intertexto literário-cultural, mostrando de modo implícito e explícito os caminhos por onde andaram os leitores.

Depois da última edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, em 2006/2007, decidimos fazer um estudo sobre o roteiro da primeira viagem literária em 1999. Essa era a única edição do concurso que não havíamos participado. Nascia, naquele momento, a primeira ideia para o projeto que resultou, nesta pesquisa, intitulada *Guia de receitas brasileiras: uma saborosa viagem pela literatura*.

### **1.1.2 Nestlé: Ações de responsabilidade social**

A empresa de produtos alimentícios, Nestlé Brasil Ltda nasceu em 1867 por iniciativa do químico alemão Henri Nestlé, radicado em Vevey, na Suíça. Preocupado com o alto índice de mortalidade infantil da época, ele desenvolveu a Farinha Láctea Nestlé, que logo demonstrou seu valor nutritivo ao promover a recuperação de bebês debilitados. Nos cinco anos seguintes, a fama do produto aumentou e alcançou a Europa e a América.

No Brasil, a novidade chegou em 1876, ainda como item importado por recomendação de pediatras<sup>3</sup>.

Para nosso interesse, nesta pesquisa, pretendemos apresentar dentre os inúmeros programas de ações de responsabilidade social desenvolvidos pela empresa apenas dois: o *Prêmio Nestlé de Literatura* e o *Viagem Nestlé pela Literatura*.

Em 1980, a Nestlé decidiu lançar a *Bienal Nestlé de Literatura*, com a finalidade de revelar novos autores e divulgar obras inéditas. Essa iniciativa fez tanto sucesso que, em 1987, a empresa resolveu criar a Fundação Nestlé de Cultura para coordenar e organizar o projeto que premiava escritores consagrados e novos autores<sup>4</sup>.

Após oito edições da *Bienal Nestlé de Literatura*, a partir de 1993, essa iniciativa passou a se chamar *Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira*. Ao longo de sua história, contou com a participação de mais de 50 mil escritores e premiou mais de 50 obras, nas categorias romance, poesia, literatura infanto-juvenil, conto e crônica. Dentre os autores vencedores do *Prêmio Nestlé de Literatura Brasileira* estão Rachel de Queirós, Jorge Amado, Mário Quintana, Lygia Fagundes Telles, Antonio Fernando Borges. Novos talentos como Álvaro Cardoso Gomes, Marçal Aquino, Luiz Alfredo Garcia-Rosa e Antônio Cícero foram revelados com essa iniciativa literário-cultural<sup>5</sup>.

Em 1997, o *Prêmio Nestlé de Literatura* foi responsável pela mais alta soma já paga aos escritores no país, 270 mil reais. A oitava e última edição desse evento premiou o poeta Manoel de Barros com a obra *Livro sobre nada*. Além da recompensa financeira, o autor via o seu livro ser publicado naquele ano.

O concurso *Viagem Nestlé de Literatura* foi criado em 1999, após a constatação de que as obras vencedoras do prêmio literário que, além da recompensa financeira, também eram publicadas, apresentavam um número pequeno de vendas e de leitores. Os títulos começaram sendo editados numa tiragem de cinco mil exemplares, passaram para três mil e depois para mil. Diante desse quadro, o prêmio foi suspenso por um período e os esforços da Fundação foram direcionados para o lançamento de um projeto pedagógico de fomento à leitura<sup>6</sup>.

O *Viagem Nestlé pela Literatura* movimentou, numa época de tantas outras linguagens, na primeira edição, cerca de 6 mil escolas públicas e particulares de toda parte

---

<sup>3</sup> Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico, São Paulo, 2009/2010.

<sup>4</sup> Ibid..

<sup>5</sup> Ibid.

<sup>6</sup> Ibid.

do Brasil, embarcando professores e jovens do Ensino Médio numa viagem de estudos através da História, da Literatura e da Cultura brasileira<sup>7</sup>.

A ideia inicial do *Viagem Nestlé pela Literatura* era proporcionar um aprendizado sobre como utilizar os próprios recursos da sala de aula no desenvolvimento de atividades de reflexão e discussão, possibilitando ao professor transportar o formato das oficinas de leitura propostas no *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Pedagógico) para outras séries. Dessa forma, o projeto, além de contribuir para a formação de um jovem leitor crítico, capacitava professores para o ensino de literatura brasileira<sup>8</sup>.

## **1.2 Viagem Nestlé pela literatura: os programas de avaliação em leitura**

O *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999-2006), ao longo de sua existência, trouxe à tona questões cruciais na educação brasileira, sobretudo no que diz respeito ao aperfeiçoamento da leitura dos alunos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Depois da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, em 1999, a Fundação Nestlé de Cultura vinha a cada ano reforçando a ideia do projeto de favorecer um exercício de leitura com qualidade, principalmente depois do resultado do PISA (2000) apontar para as deficiências de formação de leitura dos estudantes brasileiros<sup>9</sup>.

O PISA é uma iniciativa da Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE) que tem como propósito produzir indicadores de qualidade educativa e investigações sobre os fatores que a afetam. Além de comparar resultados entre países, o PISA serve para monitorar os avanços na educação em períodos de tempo. O teste é realizado de três em três anos, envolvendo cerca 65 países participantes e 470 mil alunos, com 15 anos.

Além dos resultados (notas) e da situação familiar, social escolar dos estudantes, são investigados os métodos de aprendizagem. Os exames incidem sobre leitura e compreensão de texto (L), matemática (M) e ciências naturais (CN). O primeiro ciclo (2000) teve como principal domínio de avaliação a leitura. O estudo envolveu cerca de 265 mil alunos de 15 anos de 32 países, 28 dos quais membros da OCDE.

Os resultados do PISA (2000) apontaram para o Brasil na 32ª posição, à frente apenas de Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru, dentre os países desenvolvidos e em

---

<sup>7</sup> Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico, São Paulo, 2009/2010.

<sup>8</sup> Ibid.

<sup>9</sup> PISA. 2000, Relatório Nacional. Brasília, 2001. NEC/INEP.

desenvolvimento que participaram do programa. Essa realidade levou o *Viagem Nestlé pela Literatura* a envolver a partir da quinta edição (2003) em diante não somente alunos do Ensino Médio, mas, também, os estudantes da 8ª série do Ensino Fundamental. As quatro primeiras edições do *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999-2002) permitiram apenas a participação de alunos do Ensino Médio.

A tabela, a seguir, apresenta os resultados do Brasil e dos diversos países participantes do PISA (2000). Observe-se que, como em cada país apenas uma amostra de cerca de cinco mil estudantes participaram do Pisa, apresenta-se além da média de cada país, o intervalo de confiança (IC) de 95%.

**Tabela 1 – Resultado em leitura: média geral e intervalo de confiança da média dos diversos países**

Países	Média Geral	Intervalo de confiança de 95%
Finlândia	546	542 a 551
Canadá	534	531 a 537
Holanda*	532	-
Nova Zelândia	529	521 a 537
Austrália	528	521 a 536
Irlanda	527	520 a 534
Coréia do Sul	525	518 a 532
Reino Unido	523	515 a 532
Japão	522	512 a 533
Suécia	516	511 a 521
Áustria	507	499 a 516
Bélgica	507	496 a 518
Islândia	507	500 a 514
Noruega	505	500 a 511
França	505	496 a 514
Estados Unidos	504	494 a 515
Dinamarca	497	491 a 503
Suíça	494	484 a 505
Espanha	493	486 a 499
República Checa	492	482 a 501
Itália	487	478 a 497
Alemanha	484	471 a 497
Liechtenstein	483	426 a 539
Hungria	480	468 a 492
Polônia	479	465 a 494
Grécia	474	462 a 485
Portugal	470	460 a 481
Federação Russa	462	454 a 470
Letônia	458	448 a 469
Luxemburgo	441	416 a 466
México	422	412 a 432
<b>Brasil</b>	<b>396</b>	<b>389 a 404</b>

Fonte: Base de dados Pisa, disponível na internet <http://www.pisa.oecd.org/>.

\* Devido a problemas com a amostra holandesa, os resultados da Holanda não são comparáveis com os dos demais

Tabela 2 - Evolução das notas de leitura

	<b>País</b>	<b>Nota Pisa 2000</b>	<b>Nota Pisa 2009</b>	<b>Diferença</b>
1	Peru	327	370	43
2	Chile	410	449	40
3	Albânia	349	385	36
4	Indonésia	371	402	31
5	Letônia	458	484	26
<b>10</b>	<b>Brasil</b>	<b>396</b>	<b>412</b>	<b>16</b>
34	Austrália	528	515	-13
35	Rep. Checa	492	478	-13
36	Suécia	516	497	-19
37	Argentina	418	398	-20
38	Irlanda	527	496	-31

Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais “Anísio Teixeira” – INEP

O Brasil alcançou a 10<sup>a</sup>. posição em leitura no PISA (2009) com a nota 412 dentre os 59 países participantes. Em 2000, tinha se posicionado em 32<sup>o</sup> com a nota 396. No segundo (2003) chegou a 403; no terceiro (2006), a nota despencou e ficou em 393. A posição obtida em 2009, a melhor do Brasil, ainda está longe dos líderes Peru, que cresceu 43 pontos e Chile, 40.

O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) estabelece os estratos para a amostra e a seleção é feita pelo Consórcio Internacional que administra o programa de avaliação. A escolha dos alunos é realizada por meio eletrônico, de forma aleatória, sendo sorteados 25 alunos de cada uma das escolas selecionadas para participar da avaliação. Nas duas primeiras edições do PISA, 2000 e 2003, a amostra brasileira permitiu identificar apenas resultados por região, embora fosse desejável obter resultados por estado, possibilitando estudos comparativos com alguns resultados do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

O Relatório Nacional do PISA, de dezembro de 20001, apresentou uma tabela com levantamento da taxa de analfabetismo em cinco países, Argentina, Brasil, Chile, Coréia do Sul, Espanha e México. Por convenção, de acordo com o documento de 2001, considera-se analfabeta a pessoa que declara não saber ler e escrever um bilhete simples.

A Tabela 3 mostra a evolução das taxas de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos ou mais nos países, citados acima, participantes do Pisa 2000. Observa-se que, apesar da redução da taxa, ainda é possível encontrar um contingente expressivo de analfabetos entre os brasileiros. Países da América Latina considerados no mesmo grupo de nível

econômico do Brasil apresentam taxas de analfabetismo bem mais baixas, como, por exemplo, México (8,9%), Chile (4,4%) e Argentina (3,3%).

**Tabela 3 – Evolução das taxas de analfabetismo entre as pessoas de 15 anos e mais**

<b>Países</b>	<b>1970</b>	<b>1980</b>	<b>1990</b>	<b>1999</b>
Argentina	7	5,6	4,3	3,3
Brasil	31,8	24,5	19,1	15,1
Chile	11,8	8,4	5,9	4,4
Coréia do sul	13,2	7,1	4,1	2,4
Espanha	8,5	5,7	3,7	2,4
México	25,1	17,8	12,2	8,9

Fonte: Relatório Nacional do PISA, Brasília, dezembro de 2001

O contexto educacional brasileiro sinalizava fortemente para a mobilização de vários setores da sociedade. Havia a necessidade de reverter um quadro em que a formação escolar do jovem brasileiro ainda resultava num indivíduo sem autonomia de leitura suficiente para dar conta das necessidades do mundo contemporâneo, exigência de sociedades letradas para o exercício da cidadania.

### **1.3 As oito rotas literárias**

Ao longo de oito edições (1999-2006), *O Guia Viagem Nestlé pela Literatura* viabilizou momentos lúdicos e de profunda reflexão sobre as obras literárias, sempre estabelecendo relações com outras formas de expressão. Sem o intuito de analisar detalhadamente os oito roteiros do *Viagem Nestlé pela Literatura*, construímos uma síntese, nos quadros a seguir, para que o leitor tenha uma dimensão dos temas, obras e escolas vencedoras.

**Quadro 1- Temas e obras selecionadas nas oito edições do *Viagem Nestlé pela Literatura***

<b>Temas</b>	<b>Obras selecionadas</b>
1999 A literatura e a vida cotidiana nos 500 de Brasil	<i>Cronistas do Descobrimento</i> com relatos de Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e outros <i>O cortiço</i> de Aluísio Azevedo <i>Dom Casmurro</i> de Machado de Assis <i>Fogo morto</i> de José Lins do Rego <i>Sentimento do mundo</i> de Carlos Drummond de Andrade
2000 Pluralidade Cultural: O sabor da diversidade revelado pela arte literária brasileira	<i>Um certo Capitão Rodrigo</i> de Érico Veríssimo <i>Grande Mentecapto</i> de Fernando Sabino <i>Quinze</i> de Rachel de Queiroz <i>A Morte e a Morte de Quincas Berro D'Água</i> de Jorge Amado <i>Libertinagem &amp; Estrela da Manhã</i> de Manuel Bandeira
2001 Convivência: a pluralidade compreendida na dimensão do sonho e das relações humanas	<i>Triste Fim de Policarpo Quaresma</i> de Lima Barreto <i>A Majestade do Xingu</i> de Moacyr Scliar <i>São Bernardo</i> de Graciliano Ramos <i>A Madona de Cedro</i> de Antônio Callado <i>Viagem e Vaga Música</i> de Cecília Meireles
2002 Modernidade brasileira: um diálogo entre raízes e rupturas na arte e no desenvolvimento industrial	<i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> de Machado de Assis <i>O Homem do Furo na Mão e Outras Histórias</i> de Ignácio de Loyola Brandão <i>Antologia Poética Nestlé</i> de Autores diversos
2003 Viagem Nestlé pela Literatura: Fome de solidariedade	<i>A Hora da Estrela</i> de Clarice Lispector <i>Melhores poemas de João Cabral de Mello Neto</i> – seleção de Antônio Carlos Secchin <i>Contos Brasileiros Contemporâneos</i> – seleção de Julieta Godoy Ladeira
2004 Ler: Compreender o mundo	<i>De notícias e não-notícias faz-se a crônica</i> de Carlos Drummond de Andrade <i>Melhores poemas de Guilherme de Almeida</i> , organização de Carlos Vogt
2005 Nós e os textos: um diálogo incrível que alimenta o espírito	<i>Melhores Poemas de Mário Quintana</i> - seleção de Fausto Cunha <i>O Alienista e outros Contos</i> de Machado de Assis
2006 Ler, pensar e criar: viajar pela literatura faz bem	<i>23 histórias de um viajante</i> de Marina Colasanti <i>O olho de vidro do meu avô</i> de Bartolomeu Campos de Queirós (vencedor do Prêmio Nestlé de Literatura 2005).

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

**Quadro 2 - Escolas vencedoras da 1ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999)**

ENSINO MÉDIO				
REGIÃO	ESCOLA	CIDADE	ES	REDE
Centro-Oeste	Colégio Vovó Olívia Texto: Brasileiro de muitos sabores	Luziânia	GO	Particular
Sudeste	Escola Estadual Francisco Campos Texto: Guia de receitas brasileiras	Dores do Indaiá	MG	Pública
Sudeste	Colégio XIX de Março Texto: Do sabor ao saber	Itajubá	MG	Particular

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



**Figura 2 - Foto do Kit da 1ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999)**

**Quadro 3 - Escolas vencedoras da 2ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2000)**

ENSINO MÉDIO				
REGIÃO	ESCOLA	CIDADE	ES	REDE
Sudeste	Escola Pestalozzi Texto: O rosto e o gosto do Brasil	Franca	SP	Particular
Sudeste	Colégio Eduardo Gomes Texto: Seres em mim	São Caetano do Sul	SP	Particular
Sudeste	Colégio Santa Úrsula Texto: Psicodélica Pasárgada porém Brasil mundialmente real Uma viagem mítica à roda de um trem plural	Laranjeiras	RJ	Particular
Sudeste	CIEP 171 José Américo Peçanha Texto: Canto de todos os cantos	Duque de Caxias	RJ	Pública
Nordeste	Colégio Odilon Braveza Texto: Tão Brasil	Fortaleza	CE	Particular
Nordeste	Unidade Escolar Francisco Sales Martins Texto: Singularidades da identidade brasileira	Castelo do Piauí	PI	Particular
Sudeste	Instituto Adventista de São Paulo Texto: Álbum de fotografias	Hortolândia	SP	Particular
Sudeste	Colégio Marista Arquidiocesano Texto: Saborosolhos	São Paulo	SP	Particular
Nordeste	Escola Polivalente de Aratu Texto: Brasileiro face a face	Simões Filho	BA	Particular
Sudeste	Escola Técnica de Formação Gerencial Texto: Cá chá sem pão	Araras	SP	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



Figura 3 - Foto do Kit da 2ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2000)

**Quadro 4 - Escolas vencedoras da 3ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2001)**

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Sudeste	Colégio Educacional de Fartura Texto: Todos & muito mais	Fartura	SP	Particular
Sudeste	Colégio Estadual Euclides da Cunha Texto: Máscara da alma	Matelândia	PR	Pública
Centro-Oeste	Colégio Fundação Bradesco Texto: Sarau REVELARTE	Aparecida de Goiânia	GO	Particular
Sudeste	Colégio Horizonte Texto: Pontos e Contrapontos das Passamanarias	Rio de Janeiro	RJ	Particular
Nordeste	Colégio Nossa Senhora do Carmo Texto: Programa antivírus	Recife	PE	Particular
Sudeste	Colégio São Vicente de Paulo Texto: Reflexo	Rio de Janeiro	RJ	Particular
Nordeste	Educadora Sete de Setembro Texto: (Com) vivências	Fortaleza	CE	Particular
Sudeste	Escola Estadual Ernesto Monte Texto: Vamos entrar na roda?	Bauru	SP	Pública
Sudeste	Escola Técnica de Formação Gerencial - Texto: 1ª Celebração literária do Brasil ( ou Tupiniquim?)	Patos de Minas	MG	Pública
Nordeste	Fundação Educacional Libanesa Texto: Almas escritas	Dom Pedro	MA	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



Figura 4 - Foto do Kit da 3ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura*, (2001)

**Quadro 5 - Escolas vencedoras da 4ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2002)**

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Nordeste	Colégio Estadual Cel. Virgílio Távora Texto: Manifesto pós moderno	Quixadá	CE	Pública
Norte	Escola Estadual Tiradentes Texto: Tramas tempoatemporais	Macapá	AP	Pública
Sul	Escola Estadual de Ensino Pedro Meiners Texto: Roda do tempo	Santa Rosa	RS	Pública
Centro-Oeste	Escola Comunitária de Educação Básica Interativa Coopema Texto: A peleja da sagahumana e a procura da poesia	Barra do Garças	MT	Particular
Sudeste	Colégio Casemiro de Abreu Texto: Do catavento ao moinho	São Paulo	SP	Particular

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



Figura 5 - Foto do kit da 4ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2002)

**Quadro 6 - Escolas vencedoras da 5ª edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2003)**

<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Escola Estadual Santa Genoveva Texto: Tecelagem de quereres	Augustinópolis	TO	Pública
Nordeste	Colégio Prof. Jerônimo Pinheiro Texto: Exortação	Alto Alegre do Pindaré	MA	Pública
Centro-Oeste	Escola Estadual Frei Ambrósio Texto: Circuito em trans (forma)ação	Cáceres	MT	Pública
Sudeste	CEEFM São Carlos – Objetivo Texto: Canto tecido	São Carlos	SP	Particular
Sul	EB Manoel Rufino Francisco Texto: Redimindo do abandono a vida	Tubarão	SC	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Colégio Modelo Texto*	Castanhal	PA	Particular
Nordeste	Centro Educacional Mary Rabelo Texto: Os severinos e as macabéas tentam entender e explicar a vida	Jequié	BA	Pública
Centro-Oeste	Sociedade Educacional Pré- Médico Texto: Primeira sinfonia da solidariedade em dó maior	Goiânia	GO	Particular
Sudeste	EE Comendador Emílio Romi Texto: Tear literário	Santa Bárbara d'Oeste	SP	Pública
Sul	EEEB Margarida Pardelhas Texto: Eles não sabem gritar	Cruz Alta	RS	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

\* Informação não encontrada



**Figura 6 - Foto do kit da 5ª. edição do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura (2003)**

**Quadro 7 - Escolas vencedoras da 6ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2004)**

<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Escola MEPEEF Teobaldo Ferreira Texto: Conhecendo a vida com palavras e tintas	Espigão do Oeste	RO	Pública
Nordeste	Colégio Municipal Profª Aliria Argolo Pereira Texto: A reveladora viagem da leitura	Jequié	BA	Pública
Centro-Oeste	Colégio COC – Oswaldo Cruz – Unid. Crixás Texto: O mundo da leitura	Crixas	GO	Particular
Sudeste	Escola Estadual Dr. Nelson Alves de Godoy Texto: Entre rosas e margaridas da invendível compreensão	Amparo	SP	Pública
Sul	Escola Estadual São Judas Tadeu Texto: Qual é a chave	Palmeira	PR	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Escola Estadual EFM Capitão Sílvio de Farias Texto: A leitura dos múltiplos	Jaru	RO	Pública
Nordeste	Colégio Diocesano de Garanhuns Texto: Encontrar-se	Garanhuns	PE	Particular
Centro-Oeste	Escola Estadual Fernando Correa da Costa Texto: Leitura e releitura de eus, versos e vidas	Rio Brilhante	MT	Pública
Sudeste	Escola Municipal Caio Líbano Soares Texto: Estação de embarque	Belo Horizonte	MG	Pública
	Escola Municipal Deputado Arlindo dos Santos Texto: Carta ao Peregrino errante (passageiro do vôo Esperança)	São José do Rio Preto	SP	Pública
	Colégio Pré-Universitário de Ilha Solteira Texto: Alice (reencontrando-se) em outras plagas, outros mares	Ilha Solteira	SP	Particular
Sul	Colégio Estadual do Jardim Independência Texto: Asas abertas	Sarandi	PR	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



Figura 7 - Foto do kit da 6ª. edição do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura (2004)

**Quadro 8 - Escolas vencedoras da 7ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2005)**

<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	EM Cleonice de Menezes Fernandes Texto: O bruxo, o lírico e eu	Manaus	AM	Pública
Centro-Oeste	EM Sidney Coelho Nogueira Texto: Entre versos, cantos e contos a leitura e o diálogo de homens, almas, textos e vidas	Rio Brilhante	MS	Pública
Nordeste	CIES Dr. Fernando de Andrade Queiroz Texto: Crônica em poema	Timbaúba	PE	Pública
Sudeste	Centro Educacional Pluri Texto: A escola dos sabores e do saber	Presidente Prudente	SP	Particular
Sul	EMEF Diácono João Luiz Pozzobon Texto: Pedido a la carte	Santa Maria	RS	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Centro de Educação Integrada Anglo Texto: O vagão número 7	Vilhena	RO	Particular
Centro-Oeste	Escola Estadual Mario Spinelli Texto: Reflexos de almas que digerem	Sorriso	MT	Pública
Nordeste	EEFM Adelino Alcântara Filho Texto: Nutriz da imensidão	São Gonçalo do Amarante	CE	Pública
Sudeste	Escola Estadual Selim José de Sales Texto: Os textos em nós	Ipatinga	MG	Pública
Sul	CE Pedro Viriato Parigot de Souza Texto: Reinventando o ditado	Marialva	PR	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico



Figura 8 - Foto do kit da 7ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2005)

**Quadro 9 - Escolas vencedoras da 8ª. edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (2006/2007)**

<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Sudeste	Escola Municipal General João Mendonça Lima Texto*	Rio de Janeiro	RJ	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

<b>ENSINO MÉDIO</b>				
<b>REGIÃO</b>	<b>ESCOLA</b>	<b>CIDADE</b>	<b>ES</b>	<b>REDE</b>
Norte	Escola Estadual de Ensino Médio Irmã Dulce Texto: C mentes que semeiam	Parauapebas	PA	Pública

Fonte: Dados obtidos na Nestlé Centro de Pesquisa e Documentação - Acervo Histórico

\* Informação não encontrada



Figura 9 - Foto do kit da 8ª. edição do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura (2006/2007)

Note que a cada edição, o número de escolas participantes aumentava significativamente dada a importância do projeto por oferecer auxílio aos professores na difícil tarefa de ensinar, incentivar e conquistar o hábito da leitura. Esse aspecto explica a presença do *Viagem Nestlé pela Literatura* no cenário da história da educação brasileira.

No próximo tópico, pretendemos mostrar, por meio da primeira *Viagem Nestlé de Literatura* (1999), edição do texto vencedor *Guia de receitas brasileiras*, nosso objeto de estudo, resultado do evento literário-cultural da Fundação Nestlé de Cultura.

### 1.3.1 O convite para a primeira viagem

Estendido a todas as escolas públicas e privadas do país em 1999, o convite feito pela Fundação Nestlé de Cultura para o *Viagem Nestlé pela Literatura* anunciava quem seriam os participantes dessa empreitada literário-cultural: o comandante professor, os alunos leitores-viajantes, carregando na bagagem literatura brasileira. Segue, abaixo, a transcrição do Convite da primeira viagem:

“Amigo professor:

Você conhece o que significa formar o jovem para um novo tempo de grandes confrontos, de necessária crítica e de muita, muita sensibilidade. É sobretudo, um tempo em que ter um olhar cultural nos situa melhor neste mundo de tantas exigências.

Por que um concurso literário-cultural numa época de tantas outras linguagens? Não corremos o risco – previsível, aliás – de sermos considerados pré-históricos em era de internautas? Alteram-se os formatos, mas a *palavra* como registro da história humana continua transformando, interligando espaços e enternecendo... Eternamente?

Os tempos mudaram, nossos alunos mudaram e o ser leitor ganhou nova dimensão: a de leitor de múltiplos olhares.

Assim como você, professor, conhecemos o enorme desafio de fazer nossos alunos gostarem de passear pelos livros, de efetivamente ler!

Pensando nisso, a Fundação Nestlé de Cultura preparou esta viagem pela Literatura, para você e seus alunos.

Propomos uma viagem em que o combustível seja a sedução, tanto de poder entrelaçar linguagens, como de produzir textos, percorrendo cinco obras literárias significativas da bagagem cultural brasileira e dos roteiros escolares do ensino médio. Propomos, igualmente, que esses livros estabeleçam um diálogo com o cotidiano, com a História e com múltiplas manifestações que compõem nosso espaço cultural”.

(MARCHEZI, V. L. C. (coord.). *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p.7).

Para percorrer os caminhos propostos para a “viagem literária” era preciso, sobretudo, travar um diálogo com o cotidiano, com a História e com as múltiplas manifestações que compõem nosso espaço cultural. O combustível necessário para tamanha empreitada estava na palavra seduzir.

A sedução era naquele momento a grande aliada dos professores para conseguir embarcar o grupo de alunos na viagem literária. O primeiro desafio para aqueles que aceitavam o convite começava no embarque com a leitura das obras literárias; o segundo, produzir um texto-mosaico, utilizando as diferentes obras lidas na recriação de um intertexto literário-cultural, observando o Regulamento do concurso.

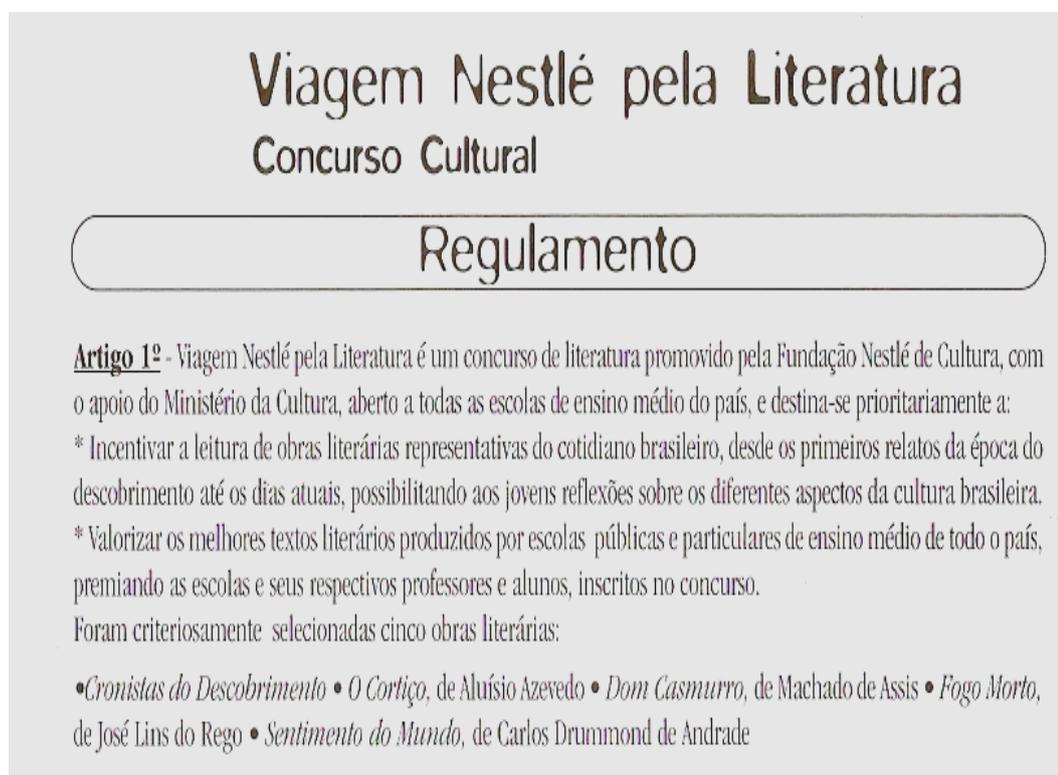
### 1.3.2 O regulamento do concurso

Cumpramos observar que na esfera em que se encontra o evento literário-cultural da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura* há um regulamento de concurso (ver ANEXO A - *Viagem Nestlé pela Literatura - Concurso Cultural – Regulamento*).

O regulamento do concurso e a ficha de adesão eram enviados por meio de uma mala direta às escolas públicas e privadas de toda parte do Brasil. Os professores interessados no concurso devolviam essa ficha preenchida para a caixa postal da Fundação Nestlé Brasil, e recebiam, gratuitamente, pelo correio, um kit com material pedagógico para o desenvolvimento do trabalho, incluindo o *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Pedagógico - material com instruções didáticas para o professor, explicando a proposta das oficinas de leitura e os objetivos) e o *Diário de viagem* para registros do professor.

O efeito coercivo das palavras do Regulamento do *Viagem Nestlé pela Literatura*, de certo modo, acrescenta algo significativo na relação existente entre a produção e a recepção do texto. O campo da literatura é citado diversas vezes no artigo 1º, o que reforça a ideia de que o texto literário já está definido como aquele que mais representa o concurso.

Vejamos o que ditam as palavras do artigo 1º:



**Figura 10 - Foto do artigo 1º do Regulamento do Viagem Nestlé pela Literatura – Concurso Cultural (1999)**

Como se pode observar, no artigo 1º, o campo semântico das palavras ligadas à literatura como em “Viagem Nestlé pela *Literatura*”, “concurso de *literatura*”, “*obras literárias*”, “valorizar os melhores *textos literários*”, põe em evidência o valor que essa área tem para o concurso.

**Artigo 6º** - A inscrição da escola ocorrerá efetivamente com a devolução de um texto crítico ou literário, produzido e escrito pelos estudantes, em formulários específicos do concurso “Produção Cultural”, acompanhado do respectivo Diário de Viagem, com as anotações do andamento dos trabalhos com os alunos.

§1º - No “Caderno-Roteiro Cultural” e nos formulários “Produção Cultural”, encontram-se recomendações que deverão ser observadas pelos participantes, tendo força de regulamento.

§2º - Os critérios para a produção do texto crítico ou literário encontram-se mencionados no “Caderno-Roteiro Cultural”.

**Figura 11 - Foto do artigo 6º do Regulamento do Viagem Nestlé pela Literatura – Concurso Cultural (1999)**

Embora o artigo 6º do Regulamento coloque o texto crítico como opção, o texto literário é o escolhido por alunos e professores para a produção textual.

Além do Regulamento do Concurso, havia também os critérios para a produção do texto presentes no “Caderno Roteiro Cultural”, o *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. Os participantes podiam fazer a escolha entre dois tipos de produção de textos: (1) texto crítico, de caráter dissertativo, analítico ou (2) texto literário comportando o texto criativo em prosa ou poesia. Essa produção, tanto crítica quanto literária, deveria ater-se ao tema fundamental do concurso – *o cotidiano que perpassa as obras lidas: costumes, alimentos, tradições, linguagens, história...*

Abaixo transcrevemos do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* as considerações que nortearam os critérios para a produção de texto:

### **A. Texto crítico**

Ao embarcar numa perspectiva de trabalho que privilegie o olhar crítico, os viajantes e seu orientador devem estar atentos para o fato de que se trata de uma viagem que supõe uma ideia a ser defendida,

argumentos a serem desenvolvidos, pesquisa a ser feita, uma análise a ser registrada. Além disso, a crítica pressupõe a capacidade de estabelecer diferentes relações entre os assuntos escolhidos.

Um dos primeiros passos é o de não perder de vista que os temas a serem desenvolvidos devem levar em conta, sempre, o *cotidiano* expresso nas obras. Um *cotidiano* que tanto é transformado pela ação das personagens, como transforma ou constitui os seres nele envolvidos.

A escolha desta proposta visa estimular práticas que possibilitem uma leitura crítica, contextualizada, problematizadora e intertextualizada da obra literária. Pretende-se que o aluno produza um texto de reflexão sobre aspectos socioculturais apontados no cotidiano das obras selecionadas.

O trabalho a ser feito nessa proposta tem um caráter dissertativo apontando perspectivas históricas, culturais ou de crítica literária detectadas a partir da leitura das obras.

### **Propostas de desenvolvimento do texto crítico:**

Os participantes poderão escolher um destes encaminhamentos ou propor outros que estejam relacionados ao cotidiano das obras:

1. Análise comparativa de diferentes passagens das obras literárias evidenciando os aspectos do cotidiano ou como o cotidiano é percebido nas obras lidas.
2. Análise de diferenças e semelhanças entre as personagens quanto à língua, à religião e aos costumes mantidos no cotidiano: vestuário, alimentação, trabalho, festa, lendas e mitos...
3. Análise e caracterização do cotidiano representado nas relações de tempo e espaço.
4. Comparação entre a linguagem literária das obras e linguagens pictóricas e fotográficas diversas como registro do cotidiano.
5. Análise da relação entre as obras literárias e o cotidiano atual.
6. Análise comparativa do cotidiano expresso nas obras com o cotidiano apresentado nos periódicos – jornais e revistas.
7. Análise de questões desencadeadas pela leitura das obras quanto à ética e à cidadania manifestadas em fatos do cotidiano”.

(MARCHEZI, V. L. C. (coord.). *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 56).

### **B. Texto literário**

A produção de um texto com características literárias, ou um texto literário propriamente dito, deve levar em conta uma característica fundamental na linguagem: a sua capacidade de representar o mundo de forma que a intenção estética de *fazer arte*, a partir dos recursos de que a língua dispõe, esteja sempre presente.

Por esta propriedade, a criação de um texto literário abre-nos uma prerrogativa que um texto analítico, científico não possui: a possibilidade de criarmos com linguagem. É, principalmente, no *jogo da linguagem* que um texto literário define sua *personalidade*, sua *singularidade*, seu *estilo*.

O texto literário, portanto, incita o indivíduo a perceber a realidade de formas múltiplas, ainda que seja a partir de um mesmo repertório cultural.

A opção pela predominância ou do caráter crítico ou do caráter estético não é excludente, isto é, nada impede que um texto predominantemente literário seja profundamente crítico”.

MARCHEZI, V. L. C. (coord.). *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 57.

Note que para a produção do texto literário, os leitores-viajantes poderiam selecionar (1) texto em prosa ou poesia; (2) produção de um texto-mosaico utilizando as diferentes obras lidas na recriação de um intertexto literário-cultural; (3) criação de uma paródia unificando as leituras pela ênfase nas relações do cotidiano das obras ou deste com o cotidiano atual.

O texto crítico-dissertativo aparece na página 57 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, no tópico “Recomendações a serem observadas”.

Vejamos a transcrição das recomendações:

#### **Recomendações a serem observadas:**

1. Atenção para a coerência do caráter predominante do texto desenvolvido – crítico-dissertativo ou literário.
2. O trabalho deverá vir datilografado nas folhas destinadas para esse fim, inclusas no material, com a devida identificação.
3. O limite máximo da produção é o de três laudas, em papel A4, datilografadas em espaço dois.
4. É importante que seja dado um título a partir do tema desenvolvido.
5. Os participantes deverão elencar, em folha suplementar, caso tenham utilizado:
  - *bibliografia*
  - *citação de outras fontes e eventualmente consultadas para a elaboração do texto (endereços da Internet, iconografia, periódicos etc.)*
6. Nome completo e assinatura de todos os participantes.

MARCHEZI, V. L. C. (coord.). *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 57.

Observamos que o texto crítico-dissertativo ocupa um espaço menor na esfera literário-cultural em que se insere o evento *Viagem Nestlé pela Literatura*. É indicado no Caderno Pedagógico apenas como opção de escolha.

No levantamento de documentos do *Viagem Nestlé pela Literatura*, no acervo histórico da Fundação Nestlé de Cultura, verificamos que todos os textos finalistas da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura* são de natureza literária. O que está em jogo não são apenas as escolhas de estrutura composicional e conteúdo temático conforme ditadas pelo regulamento, mas o modo como os autores do texto vencedor respondem tanto às coerções, características de um regulamento, como aos discursos que circulam na esfera social em que eles se encontram para produção textual. Podemos dizer que há uma espécie de simulacro de contrato entre os autores e o enunciador na figura da empresa financiadora do concurso, a Fundação Nestlé de Cultura.

*Guia de receitas brasileiras* honra o compromisso com o regulamento por comportar um diálogo intertextual com as obras lidas. O leitor contemporâneo desse texto há de compartilhar com os autores uma memória discursiva de natureza literária.

O percurso da *Viagem Nestlé pela Literatura* resultou na produção do texto *Guia de receitas brasileiras*. No capítulo seguinte, descreveremos o roteiro proposto no *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Roteiro Cultural — Caderno Pedagógico do concurso) para investigarmos o modo como os leitores-viajantes construíram repertório literário-cultural. Cumpre salientar que é justamente essa tarefa que vai dar ao jovem aluno do Ensino Médio condição de produzir um intertexto literário-cultural.

## CAPÍTULO 2

### *O Guia Viagem Nestlé pela Literatura*

A história do homem e da terra tinha assim uma intensidade que não lhe podiam dar nem a imaginação nem a ciência, porque a ciência é mais lenta e a imaginação mais vaga, enquanto que o que eu ali via era a condensação viva de todos os tempos.

Machado de Assis (*Memórias póstumas de Brás Cubas*)

Neste capítulo procura-se analisar o modo como as atividades de leitura propostas no Caderno Pedagógico, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* — material didático de uso do professor, enviado pela Fundação Nestlé de Cultura às escolas inscritas no concurso —, bem como o conjunto de textos que compõem esse material, transplantados de uma esfera de circulação a outra, de uma prática discursiva a outra, constroem com professores e alunos o percurso da *Viagem Nestlé pela Literatura* para enfim dar condições ao jovem do Ensino Médio de chegar ao destino final, isto é, a produção do texto *Guia de receitas brasileiras*, produzido por professores e alunos da Escola Estadual Francisco de Campos na cidade de Dores do Indaiá, em Minas Gerais.

A primeira edição do Concurso *Viagem Nestlé pela Literatura* contou com o tema “A literatura e a vida nos 500 anos de Brasil” e propôs aos participantes a leitura de cinco obras da literatura brasileira — *Cronistas do Descobrimento*, com textos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Fogo Morto*, de José Lins do Rego e *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade.

O encadeamento das atividades do *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* traz um percurso de leitura marcado por fragmentos de textos das obras selecionadas compartilhando o mesmo espaço didático com textos de diversas linguagens. Colocados lado ao lado, esses textos formam um mosaico de citações em 37 páginas.

Esse procedimento além de facilitar o diálogo dos leitores-viajantes com outras formas de linguagem — fotos, pinturas, reportagens, notícias, textos poéticos, músicas, textos publicitários que mantêm relação com as formas das obras lidas ou com o cotidiano

nelas expresso —, movimentou uma rede intertextual e interdiscursiva criada para produzir repertório literário-cultural ao jovens que se iniciavam na leitura de obras clássicas da literatura brasileira .

## **2.1. O planejamento do roteiro da primeira viagem literária**

O roteiro da primeira edição do *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* foi elaborado pela coordenadora do projeto Vera Lúcia de Carvalho Marchezi e os professores Marcelo Campos Tiago, Terezinha Costa Hashimoto<sup>10</sup> e Flora Christina Bender Garcia<sup>11</sup>.

Para produzir o guia, era importante compreender bem que espécie de material didático poderia contribuir de forma significativa no trabalho do professor. Até aquele momento, havia inúmeros projetos pedagógicos voltados para o ensino de literatura. Entretanto, era preciso criar algo capaz de disputar em condições de igualdade com tantas outras linguagens no mundo contemporâneo. Tal ideal era fundamental para dar forma ao projeto de apoio à leitura e à produção do texto literário.

Cumprir observar que o conjunto de textos do *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* estimulava ativação de conhecimento prévio, confronto de hipóteses de leitura e muita interação entre os textos-objeto-de-leitura e os textos-vida de cada um, já que o objetivo naquele momento da viagem era predispor cada um a seu percurso e todos no percurso coletivo.

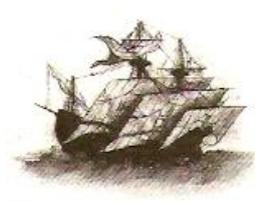
A equipe partiu do pressuposto de que toda viagem começa muito antes do embarque. Ela se inicia com a escolha do roteiro e passa pela imaginação das emoções e dos prazeres que são encontrados durante o percurso. De fato, o “Sumário do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*” expõe, na página 5, o Roteiro do *Viagem Nestlé pela Literatura*. O modo como ele foi organizado aponta para a ideia de um mapa para a “viagem literária”.

Observemos, abaixo, o sumário do *GVNL* de 1999.

---

<sup>10</sup> Terezinha Costa Hashimoto Bertin, mestre em Ciências da Comunicação – ECA/USP, pós-graduada em Comunicação e semiótica – PUC-SP, Assessora Pedagógica em escolas públicas e particulares, professora universitária, professora de Língua Portuguesa. (MARCHEZI, V. L. C. Caderno Pedagógico. *Fome de solidariedade*. Fundação Nestlé de Cultura, 2003).

<sup>11</sup> Flora Christina Bender Garcia, doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo, Brasil.



<b>ROTEIRO DE VIAGEM</b>	
<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<i>Convite para a viagem</i>	
<b>2 SEDUZINDO OS VIAJANTES / ANTECIPANDO EMOÇÕES</b>	<b>9</b>
<i>Propostas de atividades de antecipação de leitura</i>	
1. O hoje e o ontem	
<i>Outras dinâmicas para a antecipação da leitura</i>	
2. O grande júri	
3. A imagem visual e a palavra	
4. Sabendo sabores	
<b>3 VIAJANDO: O LEITOR EM AÇÃO</b>	<b>49</b>
<b>4 O OLHAR DO VIAJANTE</b>	<b>51</b>
A. O olhar crítico	
B. O olhar literário	
<b>5 A CHEGADA: O SABOR DO COTIDIANO</b>	<b>55</b>
<i>Destino → Produção cultural</i>	
A. Texto crítico	
B. Texto literário	
<i>Apresentação final da produção cultural</i>	
<i>Avaliação da produção cultural – critérios</i>	
<b>6 BAGAGEM DE APOIO</b>	<b>59</b>
<i>Referências culturais: bibliografia, textos utilizados e iconografia</i>	
<i>Anexos para a Viagem Nestlé pela Literatura</i>	
1. Diário de viagem	
2. Transparências	
3. Fita cassete	
4. Folhas para a produção cultural	

Figura 12 - Foto da página do sumário do Guia da Viagem Nestlé pela Literatura.

Note que o sumário parte da introdução (1) *Convite para viagem* e segue com mais seis capítulos intitulados sequencialmente em (2) *Seduzindo os viajantes / Antecipando emoções*, (3) *Viajando: o leitor em emoção*, (4) *O olhar do viajante*, (5) *A chegada: o sabor do cotidiano* e (6) *Bagagem de apoio*. Enxergamos, nesse sumário, os passos que os leitores-viajantes percorreram.

O modo como as oficinas foram organizadas lembram a figura de um mosaico, ou melhor, um mosaico de citações. O capítulo 2 *Seduzindo os viajantes / Antecipando emoções* apresenta um mosaico específico para cada obra do conjunto dos cinco livros selecionados para a leitura.

Os mosaicos de citações seduziam o leitor da primeira viagem com pistas sobre o que poderia ser encontrado na leitura de cada livro indicado. Um conteúdo como esse, firmado sobre o entrelaçamento de textos de diversas linguagens, suporta também uma multiplicidade de discursos. Isso significa que o roteiro elaborado pela equipe do *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* depende, a cada passo, do modo de apropriação da palavra do outro.

Nesse espaço de intertextualidade e interdiscursividade, os autores do Caderno Pedagógico, o *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*, seduziram os leitores-viajantes, dando-lhes poder de entrelaçar linguagens e produzir textos.

### **2.1.1 A proposta de seduzir os viajantes e antecipar emoções**

Os capítulos (1) *Seduzindo os viajantes / Antecipando emoções* e (2) *Viajando: o leitor em ação*, os mais longos (entre 9 e 49 páginas), abrem espaço para as oficinas lúdicas em sala de aula. O primeiro apresenta propostas de atividades de antecipação de leitura em quatro seções: *O hoje e o ontem*; *O grande júri*; *A imagem visual e a palavra*; *Sabendo sabores*.

Os títulos das seções já, por si só, configuram um convite para viagem. O objetivo é convencer os alunos a embarcarem com o professor em uma “viagem literária” em que aceitarão ler cinco obras clássicas da literatura brasileira. Dessa forma, nesta fase, as atividades do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* possibilitam a exploração do prazer que pode ser encontrado na antecipação do que a leitura pode oferecer. As oficinas de leitura apresentadas servem assim de motivação para que todos os viajantes se apropriem da possibilidade de viajar pelos cinco livros.

O segundo capítulo, *Viajando: o leitor em ação*, visa facilitar a mediação entre o participante da viagem literária, o leitor ainda em formação, e os textos extensos e estranhos ao seu repertório cotidiano. Para essa tamanha tarefa, os autores do projeto propõem que, durante a viagem — a literatura propriamente dita —, haja momentos que desafiem o olhar do viajante a atentar para alguns aspectos do que se pode encontrar no

texto. Esse capítulo organiza-se em torno de cinco seções — (1) “A representação da linguagem”, (2) “Contextualização”, (3) “Cruzamento dos olhares entre as obras lidas”, (4) “Observação de mudanças e permanências” e (5) “Cruzamento do olhar da obra com a realidade e com outras produções culturais” —, elaboradas com o fim de direcionar o olhar do viajante, o jovem leitor do Ensino Médio, para uma diversidade de textos.

Os autores do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* organizaram as citações, por meio da seleção de textos denominados motivadores, confronto, ampliação e antecipação de emoções. Para maior clareza do leitor, observemos, na tabela, abaixo, as propostas de atividades de antecipação de leitura.

---

**Tabela 3 – Propostas de atividades de antecipação de leitura**

**O ontem e o hoje – Comparação de textos em linguagens diversas com fragmentos das obras literárias**

---

**Textos motivadores:** textos de leitura visual que possibilitam a antecipação de dados desenvolvidos durante a leitura dos livros (fotos, quadros e transparências).

**Textos-confronto:** sugestões de trechos das obras selecionadas que, confrontados com os dados antecipados pelos textos visuais, possibilitam o estabelecimento de relações entre hipóteses iniciais de leitura e os textos propriamente ditos.

**Textos-ampliação:** material de leitura que amplia as possibilidades de extrapolação, favorecendo a leitura de outros aspectos da obra, da realidade, do mundo (letras de músicas de autores contemporâneos).

**Textos-antecipação de emoções:** textos de apoio para o professor fazer o papel do contador de histórias, envolvendo o aluno nas situações a serem vividas nos livros, entremeando, pela oralidade, o texto literário com outros textos do universo cultural que nos cerca (trechos dos fragmentos extraídos das obra).

---

(MARCHEZI, V. L. C.. In: *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p.10).

Entendemos que esses textos eram assim empregados como se fossem placas distribuídas num percurso capaz de aguçar o olhar do leitor durante a leitura, permitindo assim viajar de maneira mais consciente pela produção literária brasileira. Trata-se de um espaço criado para efetivar um cruzamento de olhares: o olhar do viajante-leitor e o olhar da obra com a realidade ou com outras produções culturais.

**2.1.2 Os cronistas do Descobrimento e o cruzamento de olhares**

A leitura de *Cronistas do Descobrimento* não por acaso é o ponto de partida do roteiro que tem por objetivo iniciar o jovem na aventura literária. Assim, o encontro com o europeu, que, ao sair da zona temperada, depara-se com a exuberância da natureza brasileira, parece servir de olhos para os iniciantes nesta tamanha empreitada.

Para ver o que viram os leitores do *Viagem Nestlé pela Literatura*, no olhar do estrangeiro do século XVI, recorremos além da obra *Cronistas do Descobrimento*, uma reedição do livro de Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*, tradução de Angel Bojadsen. As 55 xilogravuras anônimas que aparecem nessa obra se impõem ao leitor desde o princípio, como um objeto para o olhar, como nestas duas que selecionamos para visualizar o banquete antropofágico.

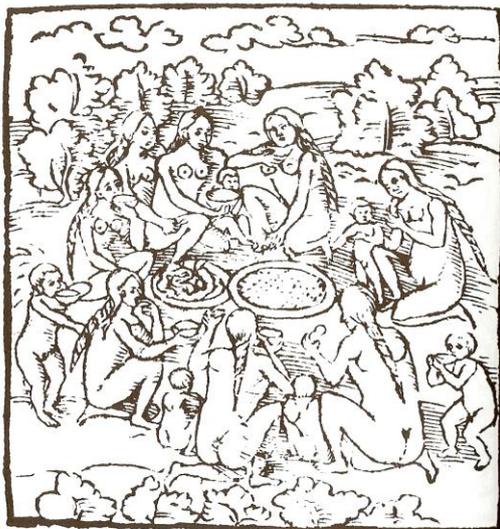


Fig. 52 Mulheres e crianças comem mingau de vísceras.

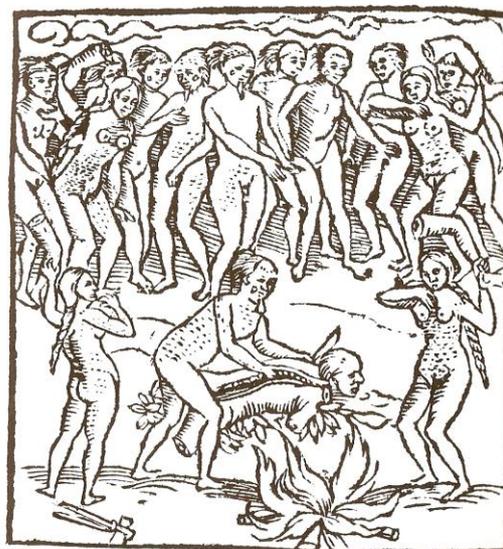


Fig. 53 O corpo é despedaçado.

**Figura 13 - Foto de duas xilogravuras retiradas de uma reedição do livro de Hans Staden, *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010**

Duas vezes o jovem alemão Hans Staden aportou no recém-descoberto Brasil. A primeira, em 1549, passando por Pernambuco e pela Paraíba; e a segunda, em 1550, quando chegou na ilha de Santa Catarina, dirigindo-se posteriormente à capitania de São Vicente, no litoral sul do atual estado de São Paulo. Na segunda viagem, como viera a bordo de um navio espanhol, foi preso pelo governador-geral, o português Tomé de Sousa,

e em seguida capturado pelos índios tamoios, inimigos dos tupiniquins e dos portugueses e aliados dos franceses<sup>12</sup>.

O banquete antropofágico na ilustração acima extraída do livro de Hans Staden, bem como dois fragmentos de textos, abaixo, um de Manoel da Nóbrega e o outro de André Thevet, ao lado da charge retirada da obra do escritor e desenhista brasileiro, Ziraldo Alves Pinto, *Itinerário de uma artista gráfico brasileiro* (1988), publicada no Caderno “Mais” (1999) do jornal *Folha de S. Paulo* e transportada para página 12 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* para compor o diálogo entre o ontem e o hoje, mostra o início do roteiro literário dos leitores-viajantes do *Viagem Nestlé pela Literatura*.

Vejamos a foto, a seguir, da página 12 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*:

---

<sup>12</sup> STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2010.



### TEXTO-AMPLIAÇÃO

Artigo – Coqueiros

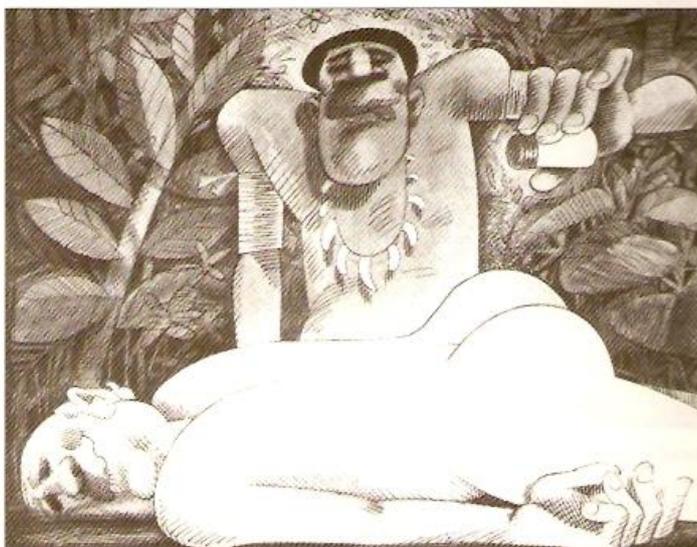
◆ Ver anexo.

Folha de S. Paulo, Caderno "Mais", 1999.



### TEXTO MOTIVADOR

Charge de Ziraldo



ZIRALDO Alves Pinto. Itinerário de um artista gráfico brasileiro. Rio de Janeiro, Salamandra, 1988.  
Ziraldo, escritor e desenhista brasileiro, autor de O Menino Maluquinho.

Atentar para o significado de *charge*: um desenho em que se representam de forma caricatural, satírica ou humorística pessoas, fatos ou idéias correntes.



### TEXTOS-CONFRONTO

[...] e já um dos principais deles aprende a ler e toma lição cada dia com grande cuidado e em dois dias soube o A, B, C todo, e o ensinamos a benzer, tomando tudo com grandes desejos. Diz que quer ser cristão e não comer carne humana, nem ter mais de uma mulher e outras cousas [...]

(Manoel da Nóbrega, p. 48.)

De modo que, se esses selvagens ficarem irritados, não custarão a matar um cristão e comê-lo, como fazem com seus inimigos.

(André Thevet, p. 61.)

Figura 14 - Foto da página 12 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*

Dentre os textos contemporâneos do *Viagem Nestlé pela Literatura*, empregados para seduzir os leitores durante o percurso de *Cronistas do Descobrimento*, encontramos

um outro texto motivador, inserido no *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* — a foto *Praia Itacaré*, litoral baiano, próximo à cidade de Ilhéus.



**Figura 15** - Foto de Alexandre Salgado. *Praia Itacaré*, litoral baiano, próximo a Ilhéus, publicada na *Revista Diálogo Médico*, ago./set., 1997, ano 12, nº 5.

O recorte da foto de Alexandre Salgado foi transplantado de uma propaganda turística, na *Revista Diálogo Médico*, para compor, no espaço didático da viagem literária, cuja função é flagrar o cotidiano, outros significados, outros sentidos que vão além da leitura separada que se possa fazer desse texto visual.

Para uma melhor compreensão de como se dá o cruzamento de olhares sobre o mesmo tema, vejamos, a seguir, como a foto do litoral baiano produz sentidos ao relacionar-se com textos da época do Descobrimento.

## CRONISTAS DO DESCOBRIMENTO

Antônio Carlos Olivieri e Marco Antonio Villa (orgs.)



### TEXTO MOTIVADOR

Foto



Foto de Alexandre Salgado. Praia Itacaré, litoral baiano, próximo a Ilhéus, publicada na revista Diálogo médico, ago/set de 1997, ano 12, nº 5. Publicação bimestral, científico-cultural dos Produtos Roche Químicos e Farmacêuticos, com distribuição exclusiva e gratuita à classe médica.



### TEXTOS-CONFRONTO

Neste Brasil há muitos coqueiros, que dão cocos excelentes como os da Índia; estes de ordinário se plantam, e não se dão pelos matos, senão nas hortas, e quintais; e há mais de vinte espécies de palmeira e quase todas dão fruto; mas não tão bom como os cocos: com algumas destas palmeiras cobrem as casas.

(Fernão Cardim, p. 153.)

E vindo ao que toca ao governo da vida e sustentação destes moradores, quanto às casas em que vivem, de cada vez se vão fazendo mais custosas e de melhores edifícios; porque em princípio não havia outras na terra senão de taipa e térreas, cobertas somente com palma.

(Pero de Magalhães Gândavo, p. 122.)

[...] nem das outras comodidades muitas que os homens têm para viverem, e passarem a vida, ainda que as comodidades das casas não são muitas por serem as mais delas de taipa, e palha, ainda que já se vão fazendo edifícios de pedra e cal, e telha [...]

(Fernão Cardim, p. 133.)

Figura 16 - Foto da página 11 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*

Os três **textos-confronto** — trechos retirados da obra *Cronistas do Descobrimento*, dois de Fernão Cardim e um de Pero de Magalhães Gândavo — acompanhados do **texto-motivador** — a foto da Praia Itacaré — configuram uma rede intertextual e interdiscursiva

colocada em cena pelos autores do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* para pôr em movimento o diálogo dos leitores com obras literárias.

Embora haja uma distância temporal entre a cena da foto da Praia Itacaré, no litoral baiano, e a dos fragmentos selecionados da obra *Crônica do Descobrimento*, notamos uma proximidade temática, isto é, tanto a cena revelada pela imagem da praia como a descrição que Pero de Magalhães Gândavo e Fernão Cardim remetem a um Brasil ainda primitivo, conforme destaca a frase “Itacaré, paraíso selvagem na Bahia” impressa na foto. A junção dessas duas cenas de época diferentes organizadas dessa forma aponta para o cruzamento de olhares sobre o mesmo tema.

Como elemento estruturador do todo narrativo, do todo discursivo, o diálogo entre textos, entre autores, entre leitores e autores articula-se para revelar o processo de interação verbal e discursiva que vai se construindo com os jovens leitores.

É preciso ressaltar que a seleção de textos significativos para os leitores do *GUIA Viagem Nestlé pela Literatura* priorizou linguagens do cotidiano contemporâneo e, portanto, da vivência dos jovens alunos do Ensino Médio. As atividades elencadas deram, assim, suporte ao trabalho dos professores como mediadores do processo de leitura e de produção de texto de seus alunos.

Constam do material de apoio como sugestão para um cruzamento de olhares sobre o mesmo tema letras de música, fotos, quadrinhos, pinturas, notícias. Formam, assim, um intertexto literário-cultural cultural com a finalidade de ampliar a perspectiva da leitura das obras literárias com a visão de mundo e elaboração de formas de expressão de outros artistas, de outros tempos.

Neste momento, convém prosseguirmos na descrição do percurso traçado no *Guia da Viagem Nestlé pela Literatura* com um olhar atento para o modo como as *relações dialógicas* se concretizaram no evento *Viagem Nestlé pela Literatura*, e, em especial, para a maneira como o cruzamento de olhares entre as obras lidas construiu sentidos.

### **2.1.3 O cruzamento de olhares entre as obras lidas**

À medida que os leitores-viajantes avançavam na leitura das cinco obras da literatura brasileira, trocavam ideias de impressões sobre o que viam e como viam. Essa interação constante, ao longo do percurso, motivou os jovens leitores a continuarem sua trajetória, além de aguçar o olhar durante a leitura.

Durante o percurso literário, professores e alunos colheram dados sobre a obra de maneira que, reunidos, possibilitou a ampliação de leitura e confronto de dados. A equipe montou um painel com fotos, impressões das leituras e trechos extraídos das obras lidas. Aos poucos, isso compôs um intertexto literário-cultural que resultou em uma viagem entre ontem e o hoje.

Nesta etapa da viagem literária, os professores traziam para os alunos a emoção e a surpresa que acometia os cronistas — aventureiros, padres, comerciantes — ao verem a natureza virgem e o seu exótico “gentio”.

Levando em conta os textos que compõem o conjunto, o que se observa é que se voltarmos nossos olhos para o ontem, isto é, o nosso passado histórico, enxergamos aqui por meio de pequenos trechos dos cronistas do Descobrimento o que viam e como viam.

Estamos assim diante dos olhares de estranhamento dos conquistadores portugueses por meio de textos fundadores da brasilidade, escritos nos anos de 1500. Nesse conjunto, bem como em outros inseridos no *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, encontramos traços da contemporaneidade mediante fotos, charge, quadrinhos e letras de música. Podemos caracterizar esse aspecto de diálogo pelo tempo, diálogo entre tempos, entre textos, entre obras, entre homens. Por meio do diálogo com a literatura, a viagem prossegue dando oportunidade para o conhecer ou conhecer-se.

## **2.2 Viagem pela literatura**

O percurso da *Viagem Nestlé pela Literatura* pôde ajudar o aluno a refletir sobre temas e formas que representam o mundo. Mais ainda mostrou um roteiro literário que ousou aproximar os textos *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis, *Leitura* (1892) e *O violeiro* (1899) de Almeida Júnior, pintor brasileiro da segunda metade do século XIX, do texto *Cobra-cega* (1997), do ilustrador e autor contemporâneo de livros de literatura, Avelino Guedes. Nos tópicos, a seguir, veremos como se deu a aproximação de textos, autores, homens de diferentes épocas.

### **2.2.1 Dom Casmurro**

Duas pinturas de Almeida Júnior, *Leitura* (1892) e *O violeiro* (1899) abrem o mosaico de citações para acompanhamento da leitura de *Dom Casmurro* (1899), de

Machado de Assis. O conjunto dessas duas imagens pretende transportar o jovem leitor para o cotidiano do final do século XIX. A ideia parece ser a de que ela compreenda o tecido histórico que sustenta o cotidiano de *Dom Casmurro*. Coerente com a proposta da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, o Caderno Pedagógico da quarta edição (2002) ressalta a importância de mostrar aos leitores do Ensino Médio o processo do diálogo entre tempos por meio do objeto estético.

[...] Esta viagem pretende ser essa contribuição.

A contribuição pode ainda ser mais significativa se, em especial, ajudar o jovem a “ver”, a compreender seu tempo pelo olhar no transcorrer do tempo: talvez uma das tarefas mais nobres da educação.

(MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). Caderno Pedagógico. *Movimentos da viagem*. Fundação Nestlé de Cultura, 2002, p.6).

Vejamos, a seguir, a foto da página 24 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* criada para compor diálogo com a obra *Dom Casmurro*.

## DOM CASMURRO

Machado de Assis



### TEXTO MOTIVADOR

Pintura: *Leitura*



### TEXTO-CONFRONTO

Capitu deu-me as costas, voltando-se para o espelhinho. Peguei-lhe dos cabelos, colhi-os todos e entrei a alisá-los com o pente, desde a testa até às últimas pontas, que lhe desciam à cintura. *(Dom Casmurro, p. 56.)*

Estava abatida, trazia um lenço atado na cabeça; a mãe contou-me que fora excesso de leitura na véspera, antes e depois do chá, na sala e na cama, até muito depois da meia-noite, e com lamparina... *(Dom Casmurro, p. 70.)*



### TEXTO MOTIVADOR

Pintura: *O Violeiro*



*Ambas as pinturas são de Almeida Júnior, pintor brasileiro da segunda metade do século XIX. O retrato de personagens de classes sociais diferentes em ações cotidianas ressalta as diferenças nelas existentes: o cotidiano solitário na interação com a palavra escrita e o cotidiano de interação social.*

**Figura 17 - Foto da página 24 do Guia da Viagem Nestlé pela literatura**

As citações seguem com trechos de *O cortiço* (textos-confronto), mostrando o cotidiano do homem simples:

Jerônimo só voltava a casa ao descair da tarde, morto de fome e de fadiga. A mulher preparava-lhe sempre para o jantar algumas das comidas da terra deles. E ali, naquela estreita salinha, sossegada e humilde, gozavam os dois, ao lado um do outro, a paz feliz dos simples, o voluptuoso prazer do descanso após um dia inteiro de canseiras ao sol.

[...]

Depois, até às horas de dormir, que nunca passavam das nove, ele tomava a sua guitarra e ia defronte da porta, junto com a mulher, dedilhar os fados da sua terra. Era nesses momentos que dava plena expansão às saudades da pátria, com aquelas cantigas melancólicas em que sua alma de desterrado voava das zonas abrasadas da América para as ladeiras tristes da sua infância.

(Aluísio Azevedo, *O cortiço*, p. 55. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 25).

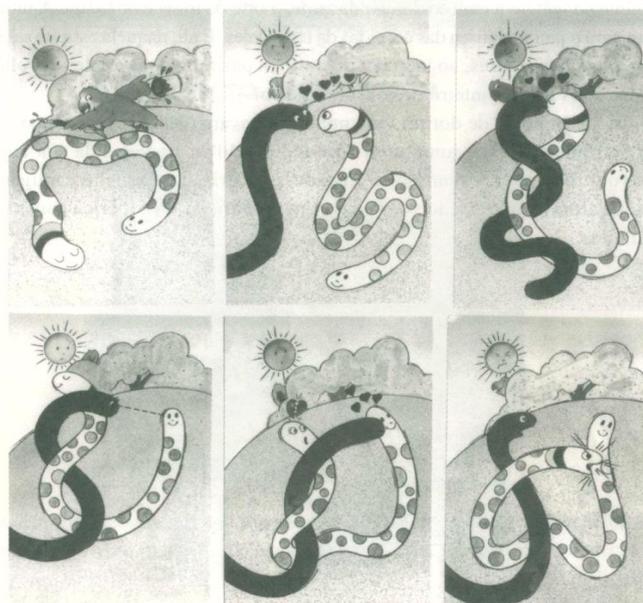
Os textos-confronto foram retirados de obras literárias diferentes (*Dom Casmurro/O cortiço*). Reforçam, dessa forma, as diferenças cotidianas e, ao mesmo tempo, marcam a semelhança: espaço urbano do Rio de Janeiro, no final do século XIX.

Para ampliar as possibilidades de leitura do cotidiano nas obras de Almeida Júnior, já citadas, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* traz na sequência das citações um olhar analítico sobre esses objetos estéticos.

Não deixa de lado a descontração, presente em *O violeiro*, acompanhado por uma mulher a cantar, ou mesmo no caipira sentado na soleira da porta. O enquadramento desta figura ocupa praticamente todo o campo, e o ponto de observação é rebaixado pela posição em que se encontra, gerando cumplicidade do espectador.

(*Reflexões iconográficas – Memórias*, São Paulo, Pinacoteca do Estado, 1994, p. 48. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999).

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* prossegue enredando trechos de *Dom Casmurro*, de *O cortiço*, e a narrativa visual do ilustrador e autor contemporâneo de livros de literatura, Avelino Guedes, *Cobra-cega* (1997):

**TEXTO MOTIVADOR****Cobra-cega** de Avelino Guedes

Avelino Guedes, ilustrador e autor contemporâneo de livros de literatura como *Cobra-cega*, Ed. Moderna, 1997, de onde foram retiradas as imagens que garantiram a seqüência narrativa do texto original.

**TEXTOS-CONFRONTO**

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte. [...]

O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga, e ingeri-la.

(*Dom Casmurro*, p. 171, 172.)

[...] aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara a ele. [...]

[...] Afinal, a dolorosa desconfiança de si mesmo e a terrível convicção da sua impotência para pretender outra coisa que não fosse ajuntar dinheiro, e mais dinheiro, e mais ainda, sem saber para que e com que fim, acabaram azedando-lhe de todo a alma e tingindo de fel a sua ambição e despolindo o seu ouro.

(*O cortiço*, p. 102, 105, 106.)

Atentar para a comparação entre os textos retirados de livros diferentes como *Dom Casmurro* e *O cortiço* que, descrevendo sentimentos diferentes, *ciúme* no primeiro e *inveja*

**Figura 18 - Foto da página 26 do Guia Viagem Nestlé pela Literatura**

O leitor do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, o professor, é convocado neste momento da viagem para fazer a comparação entre os textos retirados de livros diferentes como *Dom Casmurro* e *O cortiço* que, descrevendo sentimentos diferentes, *ciúme* no

primeiro e *inveja* no segundo provocam nas personagens envolvidas reação semelhante: auto-envenenamento ou, em linguagem figurada, “uma mordida venenosa no próprio rabo”, como deixa claro a narrativa visual, de Avelino Guedes. É um jogo não de *cabra-cega*, divertido, infantil, inconsequente, mas um jogo de *cobra-cega*: silencioso, traiçoeiro, de grandes consequências para a integridade da pessoa.

Cheguei a casa, abri a porta devagarinho, subi pé ante pé, e meti-me no gabinete; iam dar seis horas. Tirei o veneno do bolso, fiquei em mangas de camisa, e escrevi ainda uma carta, a última, dirigida a Capitu. Nenhuma das outras era para ela; senti necessidade de lhe dizer uma palavra em que lhe ficasse o remorso da minha morte. (...) O meu plano foi esperar o café, dissolver nele a droga, e ingeri-la.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, pp. 171,172. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p.26).

(...) aquele desgraçado, que nunca jamais amara senão o dinheiro, invejava agora o Miranda, invejava-o deveras, com dobrada amargura do que sofrera o marido de Dona Estela, quando, por sua vez, o invejara ele. (...)

(...) Afinal, a dolorosa desconfiança de si mesmo e a terrível convicção da sua impotência para pretender outra coisa que não fosse ajuntar dinheiro, e mais dinheiro, e mais ainda, sem saber para que e com que fim, acabaram azedando-lhe de todo a alma e tingindo de fel a sua ambição e despolindo o seu ouro.

(Aluísio Azevedo. *O cortiço*. p. 102. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 26).

A narrativa de Avelino Guedes foi usada para ampliar a compreensão de temas abordados nas obras de Aluísio Azevedo e Machado de Assis como a possibilidade de *construção* ou *(auto)destruição* que o sentimento de posse pode representar para o ser humano.

Durante o percurso da viagem literária, a leitura das obras, o professor recebe do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* orientações para lidar com a difícil tarefa de aproximar os jovens alunos do mundo contemporâneo do universo da obra representada em um tempo e espaço distante.

Em *Dom Casmurro*, os leitores são convocados a recuperar não só a memória de natureza literária, mas a memória localizada em um espaço e tempo também distante para

o personagem narrador. Matacavalos, Glória e Engenho Novo são três lugares caros a Bentinho.

Observemos os trechos extraídos para finalizar o diálogo com a obra *Dom Casmurro* de Machado de Assis.

Matacavalos traz a infância e a adolescência. A mãe, o agregado José Dias, o tio Cosme, a tia Justina, os escravos. A religião, o padrão de alto poder aquisitivo da burguesia a que pertencia Bentinho Santiago.

Tinha-me lembrado a definição que José Dias dera a eles, olhos de cigana oblíqua e dissimulada. Eu não sabia o que era oblíqua, mas dissimulada sabia, e queria ver se podiam chamar assim.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 55. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 27)

Como se pergunta, já Dom Casmurro, no final do romance:

O resto é saber se a Capitu da praia da Glória já estava dentro da de Matacavalos, ou se esta foi mudada por efeito de algum incidente.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 184. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 27)

O espaço de Glória vem compor o mosaico de citações na medida em que aproxima o viajante-leitor do tempo-espaço do cotidiano do século XIX, marcado em *Dom Casmurro*.

A nossa vida era mais ou menos plácida. Quando não estávamos com a família ou com os amigos, ou se não íamos a algum espetáculo ou serão particular (e estes eram raros) passávamos as noites à nossa janela da Glória, mirando o mar e o céu, à sombra das montanhas e dos navios, ou a gente que passava na praia.

(Machado de Assis, *Dom Casmurro*, p. 140. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 28)

Para ampliar a compreensão do texto, algumas questões foram levantadas:

Parodiando o final do livro, poderíamos perguntar se o Dom Casmurro da Glória e do Engenho Novo não estariam dentro de Matacavalos, ou se este foi mudado por efeito de algum incidente. Seria Bentinho realmente vocacionado para o sacerdócio? Foi o “desvio” da vocação sacerdotal de Bentinho o culpado da desgraça conjugal? Coincidência ou traição, foi na Glória que tudo começou (ou acabou).

(MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p.28)

Convém observar que o Engenho Novo não é mais o espaço em que as coisas ocorrem e sim em que o narrador recorda o que aconteceu. É o ambiente propício a reminiscências, o que leva à escritura. É também a porta de entrada por meio da literatura para a viagem no tempo. Se Matacavalos é ingênuo, verde, infanto-juvenil, a Glória é o contexto social de um jovem casal que não se acerta.

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* usa o texto de Machado de Assis para estimular a escritura do jovem leitor do Ensino Médio:

Vê-se que escrever um livro serviu para o narrador exorcizar o seu passado e assumir-se enquanto escritor. Que tal aproveitar a deixa e levar os alunos a também quererem escrever um texto para manifestar suas emoções ou reflexões? Não um *Dom Casmurro*, talvez um *Dom De Bem Com A Vida*.?

(MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 29).

### **2.2.2 O cortiço**

A foto de uma página de jornal intitulada *1893*, retirada da *Coleção 100 anos de República* – volume 1, (ver ANEXO B) compõe o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. Transportada para a esfera do evento literário-cultural, ao mesmo tempo em que convida o leitor para uma viagem que o levará para um tempo e espaço do mundo real dos anos 1800, insere-o no diálogo com o mundo representado em *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, e transporta-o para ver o mundo a sua volta nas semelhanças com o cotidiano contemporâneo.

Vejamos a seguir os textos selecionados para compor o diálogo com a obra *O cortiço* de Aluísio Azevedo.

### Texto-confronto

E a mísera, sem chorar, foi refugiar-se, junto com a filha, no “Cabeça-de-Gato” que, à proporção que o São Romão se engrandecia, mais e mais ia-se rebaixando acanalhado, fazendo-se cada vez mais torpe, mais abjeto, mais cortiço, vivendo satisfeito do lixo e da salsugem que o outro rejeitava, como se todo o seu ideal fosse conservar inalterável, para sempre, o verdadeiro tipo de estalagem fluminense, a legítima, a legendária; aquela em que há um samba e um rolo por noite; aquela em que se matam homens sem a polícia descobrir os assassinos; viveiro de larvas sensuais em que irmãos dormem misturados com as irmãs na mesma lama; paraíso de vermes, brejo de Iodo quente e fumegante, donde brota a vida brutalmente, como de uma podridão.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, p. 202. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p.20)

Neste momento da viagem, os leitores não se surpreendem que João Romão tenha sido por doze anos empregado de um vendeiro que enriqueceu, no Botafogo, bairro do Rio de Janeiro. Dessa forma, não fica difícil aproximar essa trajetória de vida da dos alunos. Todos conhecem alguém que, com trabalho e muita economia cresceu na vida. O comércio é uma ótima atividade para isso.

Com o intuito de adentrar o jovem leitor do Ensino Médio no espaço de um cortiço do final do século XIX, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* traz os seguintes trechos da obra:

(...) crioula trintona, escrava de um velho cego residente em Juiz de Fora e amigada com um português que tinha uma carroça de mão e fazia fretes na cidade.

(...) Um dia o homem morreu e ela pediu ao seu amigo e vizinho João Romão para guardar o que havia economizado para a alforria. Ele tomou conta do dinheiro e logo depois da dona do dinheiro. Tudo honestamente registrado numa conta denominada “Ativo e passivo de Bertoleza”.

(...) Para os excluídos, era bom ficar com quem estava ascendendo na vida econômica, pois subiam socialmente. Tudo isso muito parecido com que se vê hoje, independentemente da classe social.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, p. 15. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 21).

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* destaca que o professor pode seduzir os alunos comparando, por exemplo, a baianidade da Rita Baiana com a das personagens de novelas e filmes conhecidos, como *Dona Flor e seus dois maridos*, *Gabriela, cravo e canela* ou *Tieta do agreste*, que representam a graciosidade e a malemolência da mulher brasileira.

Ela saltou em meio da roda, com os braços na cintura, rebolando as ilhargas e bamboleando a cabeça, ora para a esquerda, ora para a direita, como numa sofreguidão de gozo carnal, num requebrado luxurioso que a punha ofegante [...] Em torno o entusiasmo tocava ao delírio; um grito de aplausos explodia de vez em quando, rubro e quente como deve ser um grito saído do sangue. E as palmas insistiam candentes, certas, num ritmo nervoso, numa persistência de loucura.

(Aluísio Azevedo, *O Cortiço*, p. 72. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 22)

### **2.2.3 Fogo morto**

A foto de “Seo” Samuca e a gata Flexa no Parque Nacional Grande Sertão Veredas em Minas Gerais é a porta de entrada para a viagem no tempo-espaço do romance *Fogo Morto* (1943) de José Lins do Rego.

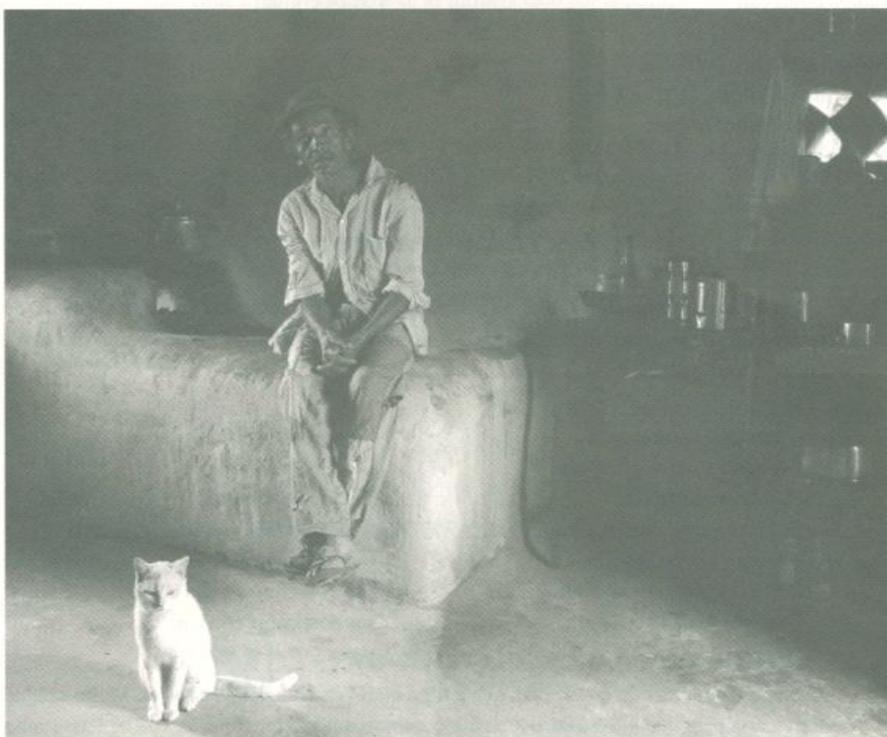
## FOGO MORTO

José Lins do Rego



### TEXTOS MOTIVADORES

I. Foto



"Seo" Samuca e a gata Flexa. Parque Nacional Grande Sertão Veredas (Minas Gerais). Foto de Araquém Alcântara, premiado brasileiro contemporâneo. Trabalhou como fotógrafo em alguns dos principais jornais e revistas do país (O Globo, O Estado de S. Paulo, Jornal da Tarde, Veja, Istoé e Terra), registrando, através de imagens, aspectos da cultura e do cotidiano brasileiros. Desde 1985, trabalha como autor free-lancer.

Analise a foto quanto à:

**expressão** da personagem humana da foto de Araquém (olhar, postura, posição das mãos e dos pés, testa, boca) e a possível relação com o ambiente;

**comparação** entre o homem e o animal como seres viventes naquele ambiente/espço, presença do fogo e a multiplicidade de significados que ele pode sugerir (ver texto-ampliação);

**identificação** dos contrastes presentes na foto: sombra/luz, objetos industrializados/manufaturados etc.

Figura 19 - Foto da página 29 do Guia Viagem Nestlé pela Literatura

A letra de música “Abrição de portas”, de Antonio Nóbrega e Wilson Freire, compõe o cenário da casa de “Seo” Samuca ao mesmo tempo que leva o viajante-leitor para o espaço de *Fogo morto*.

### **Abrição de portas**<sup>13</sup>

Adaptação: Antonio Nóbrega e Wilson Freire. Domínio público

Salve essa casa,  
nobre morada.  
Nova jornada  
vamos começar.

Nossa festa vai principiar.  
Com rabecas, bombons e violas  
hoje aqui viemos festejar,  
render graças à vida nessa hora.

Abram as portas  
para o meu Reisado.  
Cantos e loas  
vamos entoar.

Fragmentos da obra *Fogo morto* (1943) são selecionados para compor a rede intertextual e interdiscursiva.

José Passarinho, quando ficava na cozinha, cantava baixo aquelas histórias que desde menino ele ouvia, os cantos tristes, as mágoas de amores, as dolências tão do coração do povo. O mestre Amaro voltava à infância de Goiana:

— Senhora, botai a mesa.  
— A mesa sempre está posta  
Para vossa senhoria.  
Sentaram-se ambos os dois  
Nem um nem outro comia,  
Que as lágrimas eram tantas  
Que pela toalha corriam.

— Senhora, fazei-me a cama.  
— A cama está sempre feita  
Para a vossa senhoria.

---

<sup>13</sup> Música folclórica. In: *Madeira que cupim não rói*, disco com o conjunto Na pancada do Ganzá, liderado por Antonio Nóbrega. “Abrição de portas” é uma transcrição musical e adaptação literária de “Cantiga de Santa Maria”. Essas cantigas foram compiladas pelo rei Afonso X, o sábio de Castela, antiga Espanha. Direitos de edição concedidos pelos adaptadores (Brincante Empreendimentos Ltda.) (MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 30)

Deitaram ambos os dois  
 Nem um, nem outro dormia,  
 Que as lágrimas eram tantas  
 Que pela cama corriam

Mataram a mulher do conde para que a filha do rei da Hungria se casasse. Muito sangue se derramaria para que a filha do rei tivesse o marido que ela quisesse. A voz de Passarinho levava os mestres para os dias de Goiana...”

(José Lins do Rego. Fogo Morto, p, 177. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 30).

## Texto-ampliação

### Pesquisa em dicionários:

**Amaro:** adj. (antigo e poético), o mesmo que amargo. F. latina *amarus*.  
**Amargo:** adj. que tem um sabor desagradável igual ao absíntio, do quinino, do fel etc. // Triste, penoso, doloroso // Duro, inofensivo, insultante, s.m. sabor amargo // (Bras., Rio Grande do Sul) Mate chimarrão. F. latina *amarus* influenciado por amargar.

(AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta, 2. ed., 1964. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999)

**Fogo:** [...] Gaston Bachelard lembra o conceito dos alquimistas, para os quais “o fogo é um elemento que atua no centro de toda coisa”, fator de unificação e de fixação. Para Celso estabelecia a igualdade entre o fogo e a vida; ambos, para alimentar-se, necessitam consumir vidas alheias. Tomar o fogo ou dar-se a ele (Prometeu e Empédocles) é o dualismo situacional do homem diante das coisas. O meio está no sentido burguês de usar simplesmente os benefícios do fogo. Mas o fogo é o ultravivente. Realiza o bem (calor vital) e o mal (destruição, incêndio). Sugere o desejo de destruir o tempo e levar tudo a seu final. O fogo é a imagem — arquétipo de fenômeno em si (Bachelard).

(CIRLOT, Jean-Edouard. *Dicionário de símbolos*, São Paulo, Editora Moraes, 1984. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999)

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* conduz o olhar do jovem leitor do Ensino Médio para a amargura de Mestre José Amaro.

### Texto-antecipação de emoções

### Descaminho ou decadência

Como diz Antonio Cândido, na orelha da quinta edição do romance (1961): ‘Também em *Fogo morto* três famílias vivem na amargura dos frustrados, acabando pelo descaminho ou a decadência’. E seus três heróis são as três maiores personagens de José Lins do Rego. ‘São três chefes de família, três pobres-diabos – o artesão, o rebento amalucado de gente boa, o grande senhor perdido na doença e na pobreza’, continua o professor Cândido.

Mestre José Amaro, cheiro acre de ouro, natureza transformada. Amaro amargo, mestre seleiro, de mal com a vida. Ou lúcido? Entenderá o jovem a amargura do amargo Amaro?

Parece que sim. Talvez seu pai seja igual. Ou ele mesmo, nosso aluno, talvez sinta que está se tornando um. Machista, revoltado, envergonhado.

A filha Marta e a esposa Sinhá estão na contramão do sertão. A falta de graça da menina, que lhe parece acobertada pela mãe, o envergonha. Despreza a filha pelo fato de ter sido desprezada pelos homens no local. Sente-se humilhado pelos coronéis, muitos coronéis. Identifica-se com os politizados e os excluídos. Na cidade grande, atualmente, talvez fosse um líder. Tem orgulho da profissão e noção exata do seu valor para a sociedade. Mesmo precisando de dinheiro, dá-se ao luxo de recusar trabalho de quem ele não gosta. É homem de brio. Poderia estar em *Os sertões*, de Euclides da Cunha:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto”.

(MARCHEZI, V.L.C. (coord). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. 1999, p. 32)

Como se observa, na citação do texto-antecipação de emoções, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* aponta para os elementos comuns ao ser humano de qualquer época, une assim passado e presente. Capitão Vitorino Carneiro da Cunha, Papa-Rabo, quixotesco anti-herói. Quem não conhece um capitão de alma sensível que não aguenta crueldade do mundo e se aliena para sobreviver?

Convém ressaltar que o tema do cotidiano é o elemento que direciona a viagem em torno do espaço-tempo da narrativa. Há trechos da obra que são convocados para um diálogo com o guia, o professor e o leitor:

Além de trazer trechos do romance de José Lins do Rego, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* atualiza a literatura por meio de textos de outras linguagens como o filme de Cacá Diegues *Joana francesa*. As mudanças de economia, as quebras, os ricos que

“micaram”, o dinheiro que se teve e não se tem mais é tudo bem próximo dos alunos, para discussão que os motiva à leitura do livro. As figuras masculinas, as propriedades, a valorização das pessoas pelos bens que têm, as loucuras (quantos loucos, a filha de Mestre Amaro, D. Olívia, irmã de D. Amália, o próprio Lula, o capitão Vitorino), as figuras femininas, os que têm a coragem de sair do interior, tudo pode ser comparado com a vida dos alunos. Isso torna mais fácil para eles a leitura dos livros e posterior elaboração dos trabalhos.

As descrições precisas trazem o cheiro e as cores do sertão:

Levantou-se da rede e chegou até fora da casa. A noite era de muita escuridão. Só as estrelas se viam no céu, e tudo mais, de um perfume só. Quis sair um pouco [...] por debaixo das cajazeiras os vaga-lumes corriam faiscando, como estrelas andantes. Lobisomem. Tudo lhe voltara, toda a angústia lhe esfriava o peito ofegante. Apalpou-se. Fechou as mãos e sentiu as juntas duras, os dedos grossos. Povo besta.

(José Lins do Rego. Fogo Morto, p, 106. In: MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Caderno Pedagógico. Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999, p. 33)

#### **2.2.4 Sentimento do mundo**

Dando continuidade ao diálogo entre o ontem e o hoje, em *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, o texto do cartunista mineiro Caulos<sup>14</sup> é escolhido para convocar o leitor a adentrar no mundo do poeta Carlos Drummond de Andrade.

---

<sup>14</sup> Caulos, cartunista mineiro contemporâneo, publicou as histórias *Vida de passarinho* no Caderno infantil do *Jornal do Brasil* em 1978. Em 1989 a série foi publicada em livro numa edição da L&PM, de Porto Alegre.

## SENTIMENTO DO MUNDO

Carlos Drummond de Andrade



TEXTO MOTIVADOR

Quadrinhos



*Caulos, cartunista mineiro contemporâneo, publicou as histórias Vida de passarinho no caderno infantil do Jornal do Brasil em 1978. Em 1989 a série foi publicada em livro numa edição da L&PM, de Porto Alegre.*

Observar que o texto pressupõe o conhecimento do poema "Canção do exílio", de Gonçalves Dias (ver texto-confronto).

**Figura 20 - Foto da página 34 do Guia Viagem Nestlé pela Literatura**

Observamos que o texto pressupõe o conhecimento do poema "Canção do exílio" de Gonçalves Dias.

## Textos-confronto

### Canção do exílio

Gonçalves Dias<sup>15</sup>

“Conheces o país onde florescem as  
laranjeiras?  
Ardem na escura fronde os frutos de ouro...  
Conhecê-lo? – Para lá quisera eu ir!”  
Goethe<sup>16</sup> (Trad. Manuel Bandeira)

Minha terra tem palmeiras  
Onde canta o Sabiá.  
As aves que aqui gorjeiam  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho à noite,  
Mais prazer encontro eu lá:  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá:  
Sem que eu desfrute os primores  
Que não encontro por cá:  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o sabiá.

Coimbra, julho de 1843

(Gonçalves Dias. *Canção do exílio*. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 35)

<sup>15</sup> Antônio Gonçalves Dias (1823-1864), poeta maranhense, iniciador da corrente indianista na poesia de um dos maiores representantes do Romantismo no Brasil. Escreveu o poema “Canção do exílio” em 1843.

<sup>16</sup> Escritor alemão da segunda metade do século XVIII, autor de *Werther*. Teve importante papel no desenvolvimento do Romantismo na Alemanha e no mundo.

### Canção do Exílio Facilitada

José Paulo Paes<sup>17</sup>

Lá?

Ah!

Sabiá...

Papá...

Maná

Sofá...

Sinhá...

Cá?

Bah!

(José Paulo Paes. *Canção do exílio facilitada*. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 35)

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* chama a atenção do professor para três aspectos significativos na compreensão dos textos: (1) as características do Romantismo (séc. XIX) no poema de Gonçalves Dias, escrito quando o poeta maranhense estava na Europa: a exacerbação da pátria e da natureza aliada à impossibilidade de felicidade no presente; (2) diálogo de Gonçalves Dias com Goethe, traduzido por Manuel Bandeira<sup>18</sup>; (3) a paródia da “Canção do exílio” feita por José Paulo Paes, poeta contemporâneo, notando a concisão da linguagem dessa reescrita onde os sinais pontuação complementam o significado das frases, estabelecendo uma coesão interna no texto.

Vejamos, a seguir, o texto motivador escolhido para produzir sentidos, significados ao mesmo tempo em que constrói imagens durante o percurso da *Viagem Nestlé pela Literatura*.

---

<sup>17</sup> José Paulo Paes (1926-1999), poeta, ensaísta, jornalista e tradutor paulista.

<sup>18</sup> Manuel Bandeira (1886-1968), poeta e cronista pernambucano do primeiro momento modernista. Não compareceu à Semana de Arte Moderna. Um dos pontos altos desse evento, porém, foi a leitura do seu poema “Os sapos”, em que Bandeira ridicularizava os parnasianos.



### TEXTO MOTIVADOR Quadrinhos



A compreensão da segunda seqüência de quadrinhos pressupõe o conhecimento do texto do poeta Carlos Drummond de Andrade:



### TEXTO-CONFRONTO

#### No meio do caminho

Carlos Drummond de Andrade

No meio do caminho tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
tinha uma pedra  
no meio do caminho tinha uma pedra.

Nunca me esquecerei desse acontecimento  
na vida de minhas retinas tão fatigadas.  
Nunca me esquecerei que no meio do caminho  
tinha uma pedra  
tinha uma pedra no meio do caminho  
no meio do caminho tinha uma pedra.

(*Sentimento do mundo*, p. 34.)

Figura 21 - Foto da página 36 do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*

Para melhor compreensão do trabalho de Caulos em *Vida de passarinho* (1989), houve a necessidade de trazer para o diálogo entre o ontem e o hoje o poema de Drummond — *No meio do caminho*, publicado pela primeira vez, em 1928, na *Revista de Antropofagia* (1928-1929). Há também nessa rede intertextual e interdiscursiva a letra da canção de Caetano Veloso<sup>19</sup> — “O amor” (letra de música sobre um poema de Vladimir Maiakóvski (1893-1930), poeta russo do século XX.

### **O amor**<sup>20</sup>

Talvez, quem sabe um dia  
 Por uma alameda do zoológico  
 Ela também chegará  
 Ela que amava os animais  
 Entrará sorridente assim como está  
 Na foto sobre a mesa  
 Ela é tão bonita  
 Ela é tão bonita que na certa eles a ressuscitarão.

O século trinta vencerá  
 O coração destruído já  
 Pelas mesquinhas  
 Agora vamos alcançar tudo o que não podemos amar na vida  
 Com o estelar das noites inumeráveis  
 Ressuscita-me  
 Ainda que mais não seja  
 Por que sou poeta  
 E ansiava o futuro  
 Ressuscita-me  
 Lutando contra as misérias do cotidiano  
 Ressuscita-me por isso  
 Ressuscita-me  
 Quero acabar de viver o que me cabe  
 Minha vida para que não mais existam amores servis  
 Ressuscita-me  
 Para que ninguém mais tenha de sacrificar-me por uma casa, um buraco  
 Ressuscita-me  
 Para que a partir de hoje  
 A família se transforme e o pai seja pelo menos o universo.  
 E a mãe seja no mínimo a Terra  
 A Terra  
 A Terra

(Caetano Veloso. *O amor*. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 37).

<sup>19</sup> Caetano Veloso, compositor e cantor baiano contemporâneo que, junto com Gilberto Gil, concretizou o Tropicalismo (movimento da música popular brasileira nos anos 1968/69). (Caetano Veloso. *O amor*. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 35).

<sup>20</sup> Copyright de “O amor”: (100% Gapa – W/C) Warner / Chappell Edições Musicais.

Outro texto usado para compor o mosaico de citações que se interrelaciona com a obra *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade, também do mesmo autor, é o poema “Cidadezinha qualquer” — publicado no livro *Alguma Poesia* (1930), primeira obra poética de Drummond, que contém quarenta e nove poemas, muitos deles, reunindo produções entre 1925 e 1930.

### **Cidadezinha qualquer**

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade. Cidadezinha qualquer. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 38).

O professor pode partir do poema acima para provocar alguma intimidade entre o aluno e o texto poético, seja por identificação – a região é rural, tudo se arrasta, nada de novo no cotidiano repetitivo —, seja por oposição – carros em ritmo alucinante, homens tropeçando uns nos outros, tempo nenhum para nada. A pasmaceira de “Eta vida besta, meu Deus” ou a agitação de “Não tenho tempo pra nada” se complementam no exercício do sentir.

Durante as oficinas de leitura, professores e alunos fizeram a leitura dos textos em voz alta ou mesmo dramatizada. Os nomes dos poemas também os tornam próximos da juventude: “Infância”, “Toada do amor”, “Lagoa”, “Igreja”, “Esperteza”, “Política”, “Quadrilha”, “Família”, “Registro civil”, “Convite triste”, “Menino chorando na noite”, “Canção do berço”, “Lembrança do mundo antigo”. Todos cotidianos.

Observe, no texto abaixo, como o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* chama-a atenção do professor para a maneira de aproximar os sentimentos de um adolescente aos dos poeta mineiro:

Em *Alguma poesia*, temos a autobiografia (não muito precoce...). E quem não se acha canhestro, atrapalhado, cheio de espinhas? O adolescente cresce mais, talvez, do que aquilo que imaginou, ou pelo menos é assim que ele se sente. E fica feliz (pode um adolescente ficar feliz?), ou, pelo menos, menos infeliz, ao ver que o mundo é torto também:

“Quando nasci, um anjo torto  
desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”.

(Carlos Drummond de Andrade. Cidadezinha qualquer. In: Vera Lucia Marchezi (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 40).

O poeta enrodilhado inspira o aluno que se sente de braços atados diante de obstáculos. A vida talvez seja a pedra do caminho que, qual esfinge a ser decifrada, nos desafia: ou nós a deciframos ou somos por ela devorados. Há um espaço igual ao do viajante-leitor em que a vida pode ser recriada esteticamente.

*Que nossos alunos se permitam essa viagem poética, no trem da sensibilidade, pelas trilhas da emoção. Ou pelos grandes espaços de “Europa, França e Bahia”.*

(MARCHEZI, Vera Lucia (coord.). *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura. 1999, p. 20).

### 2.3 Dinâmicas para antecipação de leitura

Os textos a seguir foram sugeridos aos professores com o objetivo de contribuir para a continuidade de momentos de ativação de conhecimento prévio. Nesta etapa priorizou-se a interação entre os participantes com predominância de atividades orais.

#### **Ouvir/cantar... viajar**

**Nas asas do moinho**<sup>21</sup>  
Paulinho Nogueira/Ilka Brunhilde<sup>22</sup>

---

<sup>21</sup> CD *Nas asas do moinho*. Paulinho Nogueira, 1997. Copyright 1978 by Musiclave Editora Musical Ltda.

Pintarei sete cores  
nas asas do moinho,  
e chamarei o vento,  
e chamarei o vento.

Gira, gira, meu moinho,  
ao soprar das ventanias,  
quem quiser moer cantigas  
moa a dor junto com o trigo.  
O meu pão de cada dia  
é da mais pura farinha,

tem casca bem curtida  
mas a polpa é poesia.

Meu moinho, tu me ensinas  
o segredo do arco-íris  
a cor branca é muito simples  
mas é a cor que se conquista.  
Essa paz que eu canto existe,  
não é fim, mas é caminho,  
é no meu roda-moinho  
que ouço a voz mansa da brisa.

Nesta etapa, foi solicitado ao professor que conversasse com os alunos sobre o que poderia significar a metáfora do alimento, no cotidiano expresso na letra dessa música. Ainda no primeiro capítulo, depois das atividades da seção “O ontem e o hoje”, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* seguiu com outras dinâmicas para a antecipação de leitura. São elas “O grande júri”, “A imagem visual e a palavra” e “Sabendo sabores”. Essa última trouxe no título uma proximidade semântica dos nomes dos outros dois textos vencedores da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura: Do sabor ao saber e Brasileiro de muitos sabores*.

No latim a palavra “saber” é *sapere* que, por sua vez, significa “ter gosto”. Comparando os textos da música popular do Brasil e de Portugal, sabe-se o cotidiano por meio do sabor registrado nas letras. Os alunos receberam o desafio de buscar, no cotidiano das obras, marcas de sabor. T tamanha tarefa exigiu o estudo de duas letras de músicas, “Cotidiano” (1971), de Chico Buarque<sup>22</sup>, e “Fadinho da comida” (1981), de Antonio A. Pinho e Nuno Rodrigues, que convidam os leitores a saber o gosto do cotidiano:

---

<sup>22</sup> Paulinho Nogueira (Paulo Autur Pupo Nogueira), violonista, compositor e professor paulista contemporâneo, um dos primeiros violonistas de São Paulo a aderir à Bossa Nova. Ilka Brunhilde Laurito, poeta, cronista e professora paulistana contemporânea.

<sup>23</sup> Francisco Buarque de Holanda, poeta, dramaturgo, escritor, compositor e cantor carioca. Copyright de “Cotidiano” 1971 by Cara Nova Editora Musical Ltda.

**Cotidiano**

Chico Buarque

Todo dia ela faz tudo sempre igual  
 Me sacode às seis horas da manhã  
 Me sorri um sorriso pontual  
 E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar  
 E essas coisas que diz toda mulher  
 Diz que está me esperando pro jantar  
 E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar  
 Meio dia eu só penso em dizer não  
 Depois penso na vida pra levar  
 E me calo com a boca de feijão

Seis da tarde como era de se esperar  
 Ela pega e me espera no portão  
 Diz que está muito louca pra beijar  
 E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar  
 Meia-noite ela jura eterno amor  
 E me aperta pra eu quase sufocar  
 E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual  
 Me sacode às seis horas da manhã  
 Me sorri um sorriso pontual  
 E me beija com a boca de hortelã.

**Fadinho da comida**

Antonio A. Pinho / Nuno Rodrigues  
 Copyright Polygram Portugal

Quem me dera o velho gosto do cozido como dantes se fazia.  
 Quando a gente enchia o nosso próprio enchido.  
 Ai que bem me sabia como dantes se fazia.  
 Quem me dera ainda aquele pão caseiro com cheiro que ele tinha.  
 Quando a gente então passava pelo padeiro.  
 De manhã, de manhãzinha.

Refrão: Ai que gosto que a comida tinha outrora!  
 Ai que gosto que nos dava então comê-la!  
 Porque agora, em vez do gosto, tem um preço.  
 Que por assoberbar a hora, já não dá vontade vê-la.

Quem me dera que a batata ainda tivesse,  
 Sendo nova, um gosto antigo.  
 E ao casar com o bacalhau então pudesse  
 A gente cá chamar-lhe um figo ao gosto antigo.

Quem me dera ter alfaces bem verdinhas, mas são quase clandestinas.  
Mas agora nestas hortas alfacinhas só lá cheira a pesticida.

Quem me dera que soubesse o carapau como dantes me sabia.  
E pensar que agora sei já não ser mal  
Não saber a porcaria como dantes não sabia.  
Quem me dera fosse puro o meu azeite como era antigamente.  
Quando a vaca já nem gosto põe no leite. Com franqueza! Francamente.

O participante dessa viagem, leitor ainda em formação, no seu mergulho em textos extensos e estranhos ao seu repertório cotidiano, precisou do auxílio, em forma de incentivo ou desafio, de um guia atento ao embate texto/leitor. Cada obra literária apresentou uma forma singular de arranjo da linguagem para revelar *tramas* da história e do cotidiano nela inscritas. Depois de percorrer as cinco obras da literatura brasileira, os leitores-viajantes iniciaram com o professor coordenador do projeto na escola um estudo da linguagem da obra lida.

Professor e alunos foram buscar aspectos da realidade ou do momento histórico em que a obra foi produzida como a localização no tempo histórico, a identificação de costumes, formas de relacionamento social, tipos de vestimentas, de alimentação, crenças. Além disso, fizeram uma pesquisa sobre outros dados históricos da época em que a obra foi escrita.

Para a troca de ideias e impressões entre os leitores, o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* sugeriu a confecção de um painel com os dados que os alunos coletaram sobre as obras lidas, de forma que, reunidos, possibilitassem a ampliação de leitura e confronto de dados. Aos poucos, isso comporia um intertexto histórico.

#### **2.4 As três produções escolares premiadas na primeira viagem literária (1999)**

Depois de leituras feitas, diálogos estabelecidos com as obras da tradição clássica da literatura brasileira e caminho literário-cultural percorrido no *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* os alunos com a ajuda de dois professores construíram o intertexto literário-cultural. A seguir, apresentamos os três textos vencedores da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura: Guia de receitas brasileiras* da Escola Estadual Francisco Campos, localizada na cidade Dores do Indaiá em Minas Gerais; *Do sabor ao saber*, do Colégio XIX de Março em Itajubá, Minas Gerais; *Brasileiro de muitos sabores*, do Colégio Vovó Olívia na cidade de Luziânia em Goiás.

## 2.4.1 Guia de receitas brasileiras

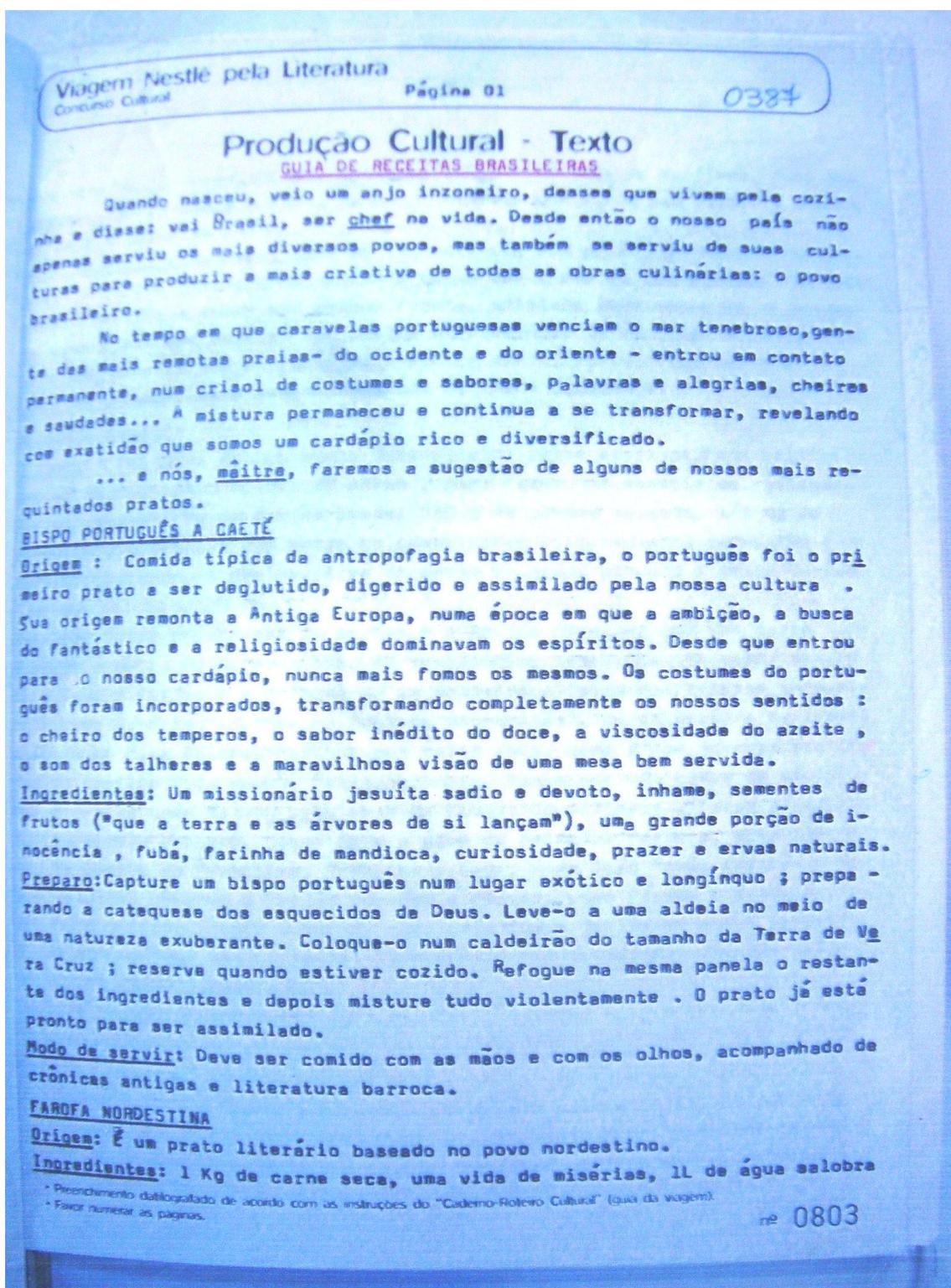


Figura 22 - Guia de receitas brasileiras. Produção escolar, 1999, p.1.

Texto produzido pelos alunos da Escola Estadual Francisco Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais.

Viagem Nestlé pela Literatura  
Concurso Cultural

Página 02

## Produção Cultural - Texto

e barrenta, 12 meses de seca intensa, 2 Kg de farinha de mandioca, fome das  
graças, tristezas e a força de um povo bravo que ainda não perdeu a espe-  
rança e a garra de viver.

Modo de preparo: Coloque todos os ingredientes num pilão, do tamanho da des-  
onestidade dos nossos governantes e deixe que a mão do tempo soque com bas-  
tante força. Para obter uma melhor farofa, adicione lembranças de um nordest-  
ante vivo, mas que hoje só nos mostra a decadência de um "fogo morto". Pro-  
cure uma cadeira bem confortável e espere que a receita fique pronta.

Modo de servir: Deve ser acompanhada de muita esperança.

### FEIJOADA CARIOCA

Origem: A feijoada foi um prato desenvolvido pelos escravos, que utiliza-  
vam as partes menos nobres do porco, para fazer uma espécie de guisado.

Ingredientes: 1 Kg de feijão preto, 500 g de lombo salgado, 1/2 Kg de  
lingüiça, alegria e bom humor em quantidades ilimitadas. 1 rabo, 250 g de  
toucinho salgado, 1 orelha, 1 pé de porco salgado, pimenta e muita irreve-  
rência.

Preparo: Deixe de véspera as carnes e o feijão de molho com uma parte de  
alegria e outra de irreverência em recipientes separados. Na manhã seguin-  
te, lave o feijão e o coloque em um caldeirão, feito das belezas naturais  
do Rio de Janeiro. Cozinhe no fogo de degradação, da poluição e da sensu-  
alidade de Rita Baiana. Cozinhe com muita água, como a que jorrava nas ter-  
ras do cortiço toda manhã. Deixe cozinhar. Tampe com uma tampa de mídia, a  
mesma que esconde vários problemas da Cidade Maravilhosa. Ferva as carnes  
em uma panela à parte, jogue fora a água da primeira fervura, como João Ro-  
mão se livrou de Bertoleza. Ponha nova água, como João Romão acolheu a jo-  
vem Zulmira. Quando o feijão começar a ferver, como ferveu o duelo entre  
Jerônimo e Firmo, junte a carne, como João Romão juntou-se com Bertoleza,  
e cozinhe em fogo baixo. Assim que estiver cozido, coloque a outra parte  
da alegria e da irreverência.

Modo de servir: com couve mineira, farinha torrada do nordeste e arroz  
branco.

### SUSPIRO MINEIRO

Origem: É uma sobremesa literária elaborada a partir de alguns dos mais  
profundos sentimentos do mundo. Pode ser produzido numa "cidadezinha qual-  
quer", de preferência numa que esteja mergulhada nas montanhas de Minas.  
Seu tempo é o da casa entre bananeiras, mulheres entre laranjeiras, po-  
-

\* Preenchimento ditado de acordo com as instruções do "Caderno-Rolêiro Cultural" (guia da viagem).  
\* Favor numerar as páginas.

nº 0803

Figura 23 – Guia de receitas brasileiras. Produção escolar, 1999, p. 2.  
Texto produzido pelos alunos da Escola Estadual Francisco Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais.

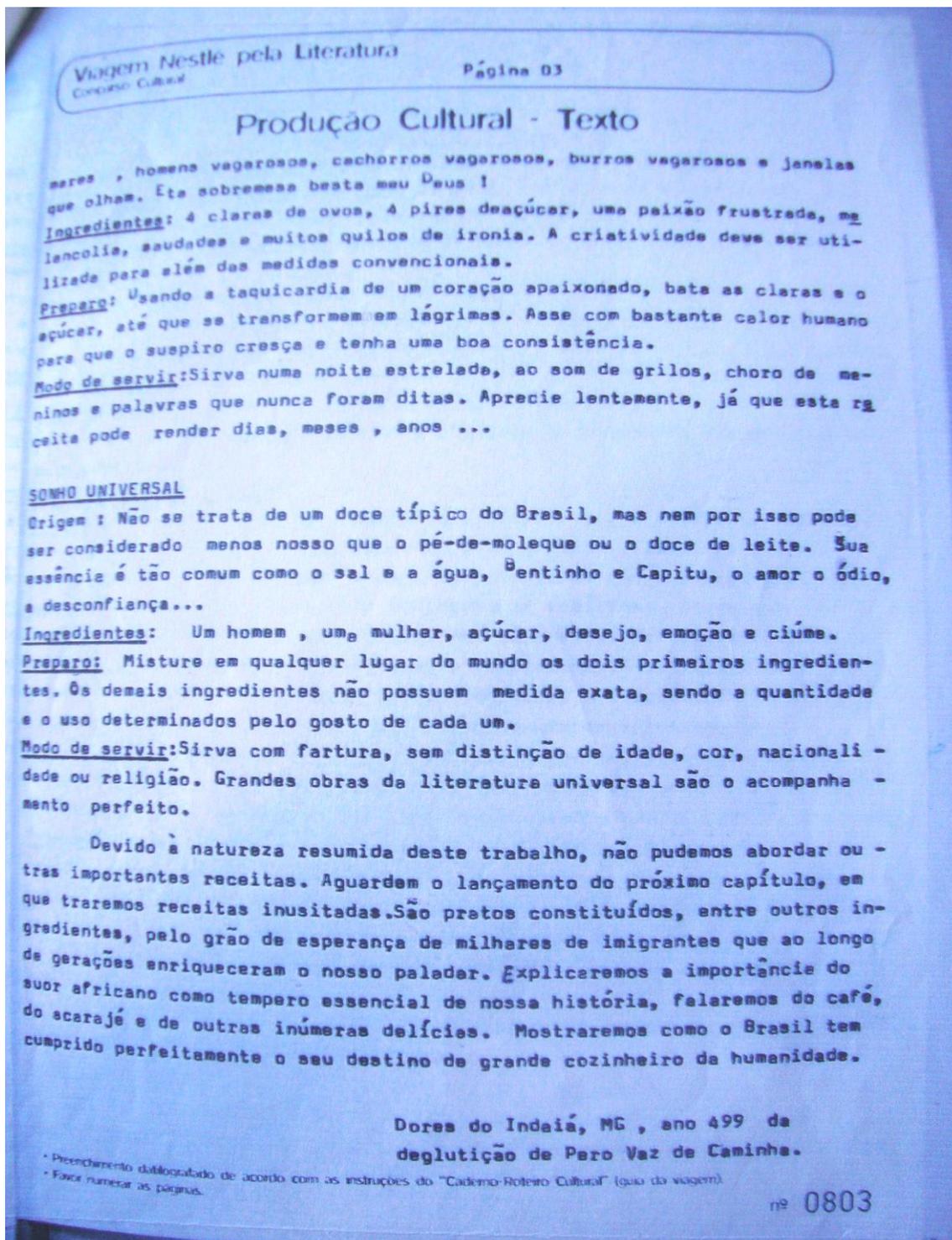


Figura 24 - Guia de receitas brasileiras. Produção escolar, 1999, p. 3  
 Texto produzido pelos alunos da Escola Estadual Francisco Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais.

## 2.4.2 Do sabor ao saber

Adriana 6004

Viagem Nestlé pela Literatura  
Concurso Cultural

## Produção Cultural - Texto

### DO SABOR AO SABER

- Terra à vista!

"... ao monte alvo o capitão pôs nome - o Monte Pascoal - e à Terra - a Terra de Vera Cruz. Mandou lançar o prumo. Acharam vinte e cinco braças; e, ao sol posto, obra de seis léguas de terra, argüimos âncoras, em dezasseis braças - ancoragem limpa. A terra por cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta, é tudo praia - palma, muito chã e muito formosa."

José da Selva, o primeiro habitante da terra, nu, cabelos grandes e barba pelada; pálpebras e sobranceiras pintadas de branco, negro, azul; beijo furado com osso grande como um prego, acena para os tripulantes dos batéis e esquifes.

- E agora, José?

A festa começou. O povo chegou.

Pero Vaz deu-lhe de comer pão e peixe cozido, confeitos, fartéis, mel e figos passados. Não quis comer nada daquilo; e, se alguma coisa provou, logo a lançou fora.

Para lhe mostrar quão graciosa a terra é, dádiosa em sua fertilidade, no chão batido, sobre folhas, milho, inhame, jetica em pedaços, mandioca curada ao fumo.

Saciado, mas curioso em conhecer a terra, Caminha, em troca de uma faca, foi carregado por mais de uma légua, nos ombros de José, com as coxas entre a cabeça, pernas pendentes sobre sua barriga. Pelo trajeto, frutas no pé, nunca dantes vistas. Poconá, acaju, mangaba, macucoé, araçá, "jaboticaba" e ombu que Caminha jogou fora, porque faz perder os dentes.

Após este primeiro encontro, outros aconteceram. Capitânicas, Entradas e Bandeiras, exploração, conquista da terra, catequização, aculturação.

Aculturado, José rumou ao sul.

- Você marcha, José? José, para onde?

Veio para o Rio de Janeiro. A vida urbana soava-lhe estranha todo o tempo.

Uma noite, vindo da cidade para o Engenho Novo, num trem da Central, assentou-se ao lado de um senhor molato, elegante, cabelos e barba branca, que ajeitava o pince-nez sobre o nariz. Era Machado de Assis. Sua atenta observação foi interrompida, quando a peculiar figura lhe dirigiu a palavra:

- O mar... Curioso! O mar pode provocar ciúme. "Um sentimento misterioso e enérgico, uma força que arrasta para dentro como a vaga que se retira da praia..." Assim também são alguns olhos, olhos de cigana

- Preenchimento datilografado de acordo com as instruções do "Caderno-Roteiro Cultural" (igual da viagem).  
- Favor numerar as páginas.

nr 1259

Figura 25 - *Do sabor ao saber*. Produção escolar, 1999, p. 1.  
Texto produzido pelos alunos do Colégio XIX de Março em Itajubá, Minas Gerais.

Viagem Nestlé pela Literatura  
Concurso Cultural

## Produção Cultural - Texto

obliqua e dissimulada, olhos de Capitu.

- Sinhozinho, que cocada hoje? Cocadinha tá boa! - gritava o vendedor.
- Capitu gostava tanto de cocada...
- Capitu? Quem é Capitu? - perguntou-lhe José Urbano da Silva.
- Personagem a quem dei vida e que percorre o imaginário do povo: Traiu ou não traiu? Bentinho foi traído pela esposa ou pela desconfiança mórbida que o torna pretensa vítima do adultério? É um grande enigma, mas fácil de ser elucidado, basta atentar para...
- Parada final! Botafogo!
- Não gostaria de tomar um chá comigo?
- Agradeço-lhe o convite, quem sabe em outra ocasião ...

Descendo do trem, José dirigiu-se à estação do bonde.

- José, o bonde veio. E agora?

"Estalagem de São Romão. Alugam-se casinhas e tinas para lavadeiras."

José entra na venda. Sentado estava Aluisio Azevedo saboreando uma bebida:

- Mas que reliquia de vinho! Isso sim que é bebida! Faltam apenas peixinhos fritos no azeite e iscas de figado.

Logo chegam pela mão de Bertoleza.

- Bertoleza, mulher de cama e mesa - ironiza José Malandro da Silva, tragando um gole de parati.

Recendia ali o cheiro do cortiço, seus sons escoavam dentro do bar, fervilhava de cores e vida, uma infinidade de portas e janelas, alinhadas, um farto acre de sabão ordinário, zanzum crescente, aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas.

- Cortiço ou favela, tudo a mesma coisa. Tempos diferentes, realidades iguais: favelas, seca, miséria, sertão...

- O fogo apaga. A noite esfriou. O engenho parou... E agora, José?

Na estrada, gemia um carro-de-boi. José Severino da Silva aboleta-se nele e de carona observa as flores de um cardeiro que balançavam ao vento. Os melões-de-são-caetano enruscavam-se pelas estacas na beira da estrada. Soprava uma ventania forte nos galhos das cajazeiras. Era vento da tarde, o nordeste da boca da noite.

Ao aproximar-se da Santa Fé, sentia cheio de panela no fogo, chiado do toucinho no braseiro.

José Lins, recebendo-o cordialmente, leva-o à sala grande. Farta-se com carne seca, acompanhada de farinha, angu e feijão. De sobremesa, canjica. Como saideira, cachaça.

2  
nº 1259

\* Preenchimento ditado de acordo com as instruções do "Caderno-Roteiro Cultural" (guia da viagem).  
\* Faça rúbrica às páginas.

Figura 26 - *Do sabor ao saber*. Produção escolar, 1999, p. 2.  
Texto produzido pelos alunos do Colégio XIX de Março em Itajubá, Minas Gerais.

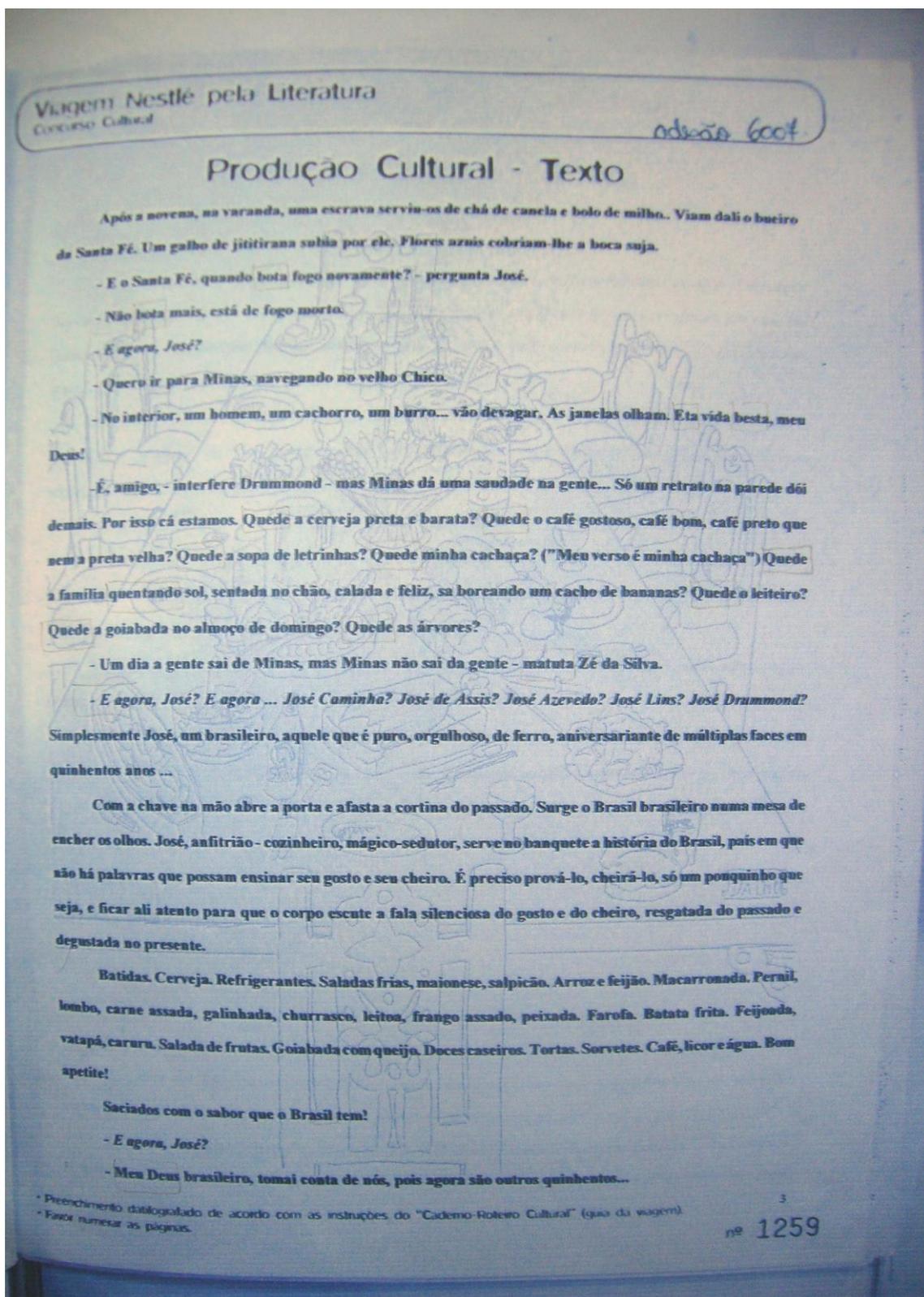


Figura 27 - *Do sabor ao saber*. Produção escolar, 1999, p.3  
 Texto produzido pelos alunos do Colégio XIX de Março em Itajubá, Minas Gerais.

## 2.4.3 Brasileiro de muitos sabores

Viagem Nestlé pela Literatura  
Concurso Cultural

adeval: 1222

## Produção Cultural - Texto

**Brasileiro de muitos sabores**

Brasileiro, sabor brasil.  
sorriso longo que se estende, alonga o braço  
no gesto amigo, com firme olhar  
leva o navegante a se abarcar,  
deitar na rede e descansar.

Brasileiro bem Brasil,  
verde-amarelo  
que se embrulha em todas as cores,  
que se condói de todas as dores,  
que ama e constrói, que mata e destrói.  
Brasileiro gente,  
sonho e esperança:  
amanhã sempre será um novo dia!

Brasileiro, sabor portugal,  
"Minha terra tem portugueses, tem brasileiros  
Prazeres e encantos mil encontro eu lá e cá."  
Descobridores, imigrantes, batalhadores,  
sabor de raízes, marca registrada  
no azeite e bacalhau,  
nas vendas, no comércio, no padreiro e no Vasco,  
no poeta, no cantor das gentes,  
no cantor da raça,  
gostinho de Camões e de Fernando Pessoa  
no "amor que dá e se sente",  
nas "lágrimas que são sal".

Brasileiro, sabor de deuses,  
deuses de fé, deuses da natureza.  
Muitos ou um só na prece que se eleva

coletiva e diversa, mística e esotérica.  
Sabor de crenças, sabor de religião:  
Oxalá e Xangô. Tupã, Iemanjá. Jesus, Cristo Deus.  
Alcjadinho. Profetas. Igrejas e histórias. Minas Gerais.  
Bahia. Terreiros.  
Cultos, candomblés. Novenas, ladainhas. Procissões.  
Romarias.  
"Nossa Senhora Aparecida  
ilumina a mina escura  
e funda o trem da minha vida."  
Tendas, altares, velas, flores, cantos.  
Conversões e convertidos. Jesuitas, padres e pastores.  
Casmurro "Dominus vobiscum", primeira missa;  
ruidoso "erguei as mãos", carismático.  
Crença e fé, Deus e homens.  
Cruz -madeira.  
Cruz do homem-sentimento  
que pensa o "mundo, vasto mundo".

Brasileiro, sabor sabores.  
Beijo mel que escorre quente dos bangüês,  
nos engenhos.  
Quindim de iaiá e tapioca, aroma e quentura,  
café-com-pão,  
mandioca, cascaz, broa de milho, farinha e rapadura.  
O Brasil "em que se plantando tudo dá".  
"Decepar a cana  
recolher a garapa da cana  
roubar da cana  
a doçura do mel  
se lambuzar de mel."

\* Preenchimento datilografado de acordo com as instruções do "Caderno-Roteiro Cultural" (igual do volume)  
\* Fazer numerar as páginas.

nr 2744

Figura 28 - *Brasileiro de muitos sabores*. Produção escolar, 1999, p. 1.  
Texto produzido pelos alunos do Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás.



Figura 29 - *Brasileiro de muitos sabores*. Produção escolar, 1999, p. 2  
Texto produzido pelos alunos do Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás.

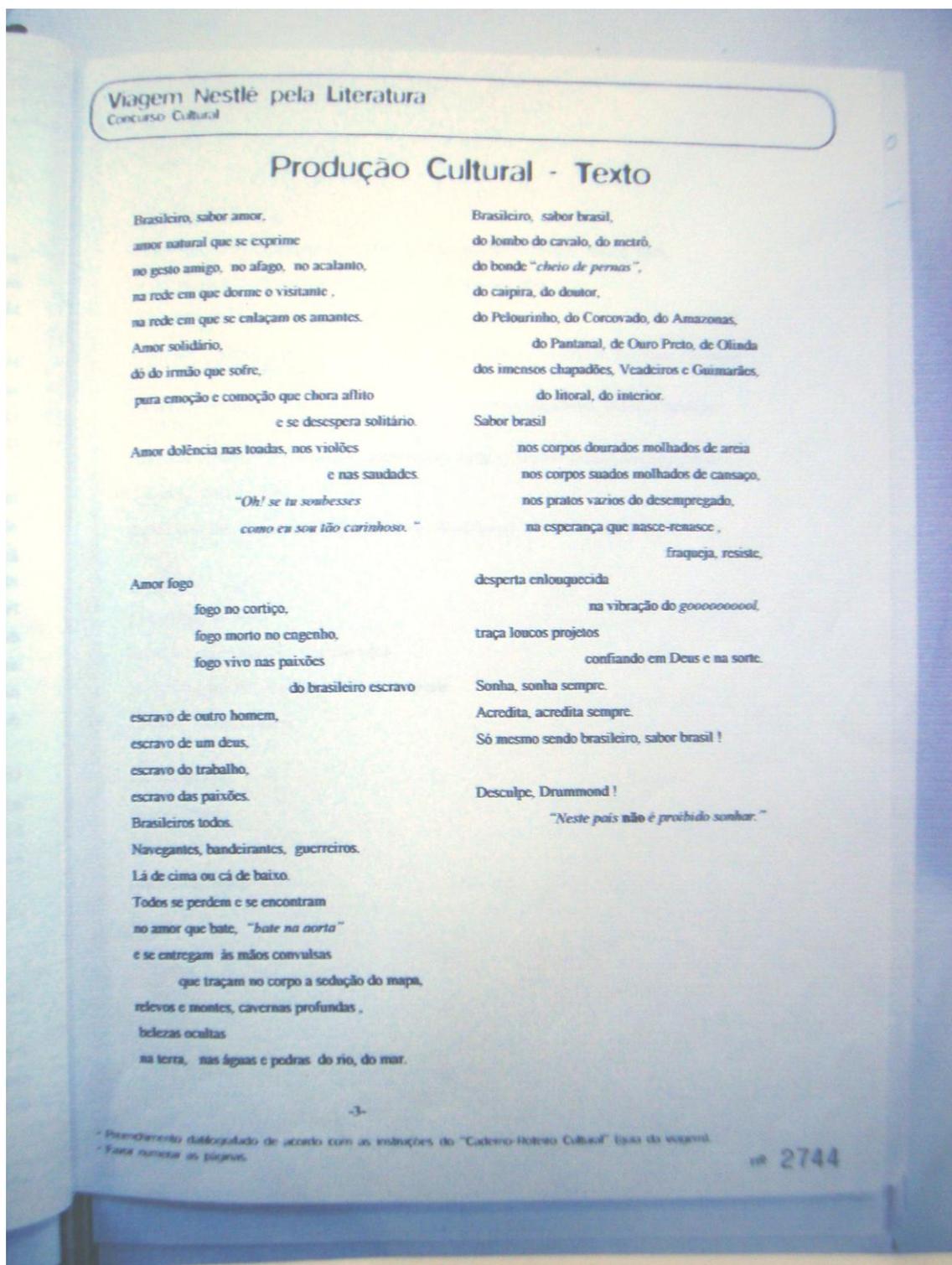


Figura 30 - *Brasileiro de muitos sabores*. Produção escolar, 1999, p. 3.  
Texto produzido pelos alunos do Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás.

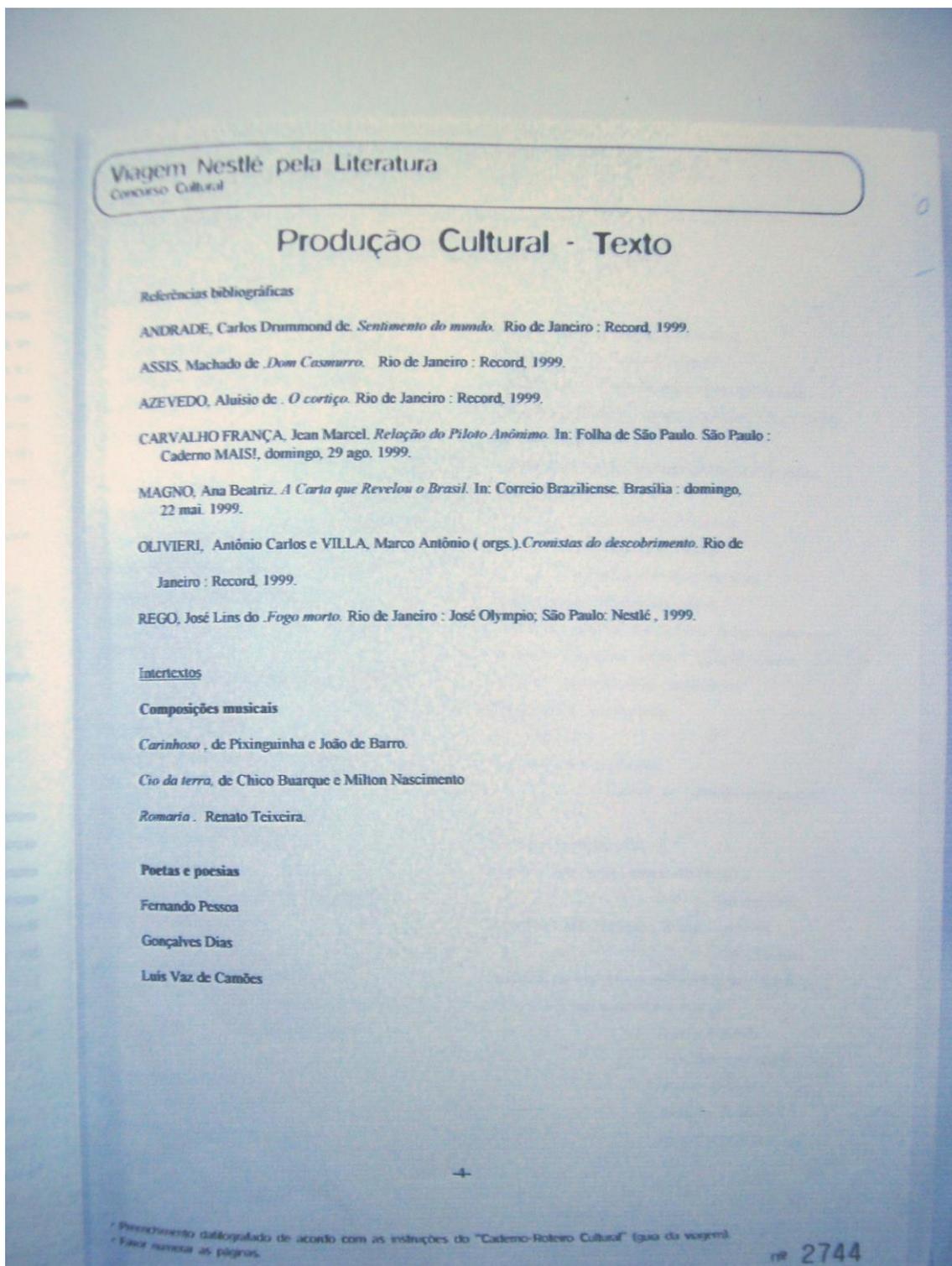


Figura 31 - *Brasileiro de muitos sabores*. Produção escolar, 1999, p. 4.  
Texto produzido pelos alunos do Colégio Vovó Olívia, em Luziânia, Goiás.

### CAPÍTULO 3

#### Relações espaço-temporais em narrativa literária

Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metáforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico”; a metáforização do caminho é variada e muito planejada, mas o sustentáculo principal é o transcurso do tempo.

Mikhail Bakhtin

Neste capítulo, voltamos nossa atenção para um estudo produzido pelo filólogo russo Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895-1975), entre 1937-38, em “Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica”, publicado na coletânea *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*.

Desse longo ensaio de Bakhtin, compondo nove capítulos, selecionamos três conceitos — cronotopo da metamorfose, *cronotopo da estrada* e *cronotopo do autor e do leitor*. O primeiro e o segundo encontram-se nesse ensaio, no segundo capítulo, intitulado “Apuleio e Petrônio”; o terceiro, nas conclusões do autor russo, nesse mesmo ensaio, acrescentadas em 1973. Esse recorte teórico oferece-nos apoio para explicar a natureza das relações espaço-temporais observadas em *Guia de receitas brasileiras* —, produção escolar vencedora do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999), produzido pelos alunos da Escola Estadual Francisco de Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais.

Cumpramos observar que os nove capítulos do ensaio de Bakhtin apresentam análises de romances que permitiram a ele observar alguns princípios temáticos sobre os diferentes modos de representação do tempo no espaço da narrativa. No segundo capítulo do ensaio, o autor examina o cronotopo (neologismo que significa “tempo-espaço”) do romance de aventura e de costumes a partir de duas obras helenísticas — *Satiricon*, de Petrônio, romance que chegou a Bakhtin em fragmentos relativamente pequenos e que traz a sátira da vida cotidiana e da vida política de Roma no tempo de Nero, e *O asno de ouro*, do romano Apuleio.

### 3.1 A concepção de cronotopo

Bakhtin (2002) chamou de *cronotopo* “a interligação fundamental das relações temporais e espaciais, artisticamente assimiladas em literatura” (BAKHTIN, 2002, p. 211). O autor explica que “esse termo é empregado nas ciências matemáticas e foi introduzido e fundamentado com base na Teoria da Relatividade de Einstein”.<sup>24</sup> Convém observar que para Bakhtin não é importante o sentido específico que o termo tem na Teoria da Relatividade. Ele o toma emprestado para aplicar à crítica literária quase como uma metáfora. Entende “o cronotopo como uma categoria conteudístico-formal da literatura”.<sup>25</sup>

Em Machado (2010), é possível compreender por que o termo *cronotopo* é considerado por Bakhtin como uma quase metáfora. Segundo a autora, “a noção de tempo como dimensão de espaço encontra-se desenvolvida nos campos da Física e da Biologia” (MACHADO, 2010, p. 212). Compreende-se, assim, que o filólogo russo encontra na Física, particularmente em ideias desenvolvidas pela Teoria da Relatividade, elementos para desenvolver suas percepções do cronotopo na literatura.

Sua quase metáfora apoia-se fundamentalmente no acontecimento, o que nos permite elaborar uma linha conceitual de mão dupla: tanto de Bakhtin em relação a A. Einstein quanto deste em relação àquele, afinal ambos centram suas reflexões no acontecimento, nas percepções e na linguagem como forma de elaboração do conjunto das observações.<sup>26</sup>

Trabalhando o percurso da construção da concepção de cronotopo em Bakhtin, Machado (2010) chama a atenção para o elemento que aproxima esses dois homens do século XX — a linguagem. Vejamos um trecho que a autora seleciona da obra de Einstein publicada em 1922, *O significado da relatividade*:

Por meio da linguagem, indivíduos diferentes podem, numa certa medida, comparar as suas experiências. Verifica-se que certas percepções dos sentidos de indivíduos diferentes se correspondem, enquanto que certas outras não têm entre si correspondência possível. Estamos habituados a considerar como reais aquelas percepções que são

<sup>24</sup> BAKHTIN, M. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: HUCITEC, 2002, p. 211.

<sup>25</sup> *Ibid.*, p. 211.

<sup>26</sup> MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. In: DE PAULA, Luciane; Grenissa Stafuzza (orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010, pp. 212-3.

comuns a indivíduos diferentes, que são, por assim dizer, impessoais. As ciências naturais, e, em particular a mais fundamental de todas, a Física, ocupam-se de tais percepções. O conceito de corpo físico e, em particular de corpos rígidos, é um complexo relativamente constante de tais percepções. A única justificação que podemos dar dos nossos conceitos e sistemas de conceitos é a de que eles servem para representar o complexo das nossas experiências: para além disto não tem a menor legitimidade.

(MACHADO apud EINSTEIN, 1984, p. 10)

Como se observa, a experiência recebe um tratamento estético por meio da linguagem literária. Desse modo, a relação espaço-temporal está no centro dos acontecimentos.

Bakhtin (2002) vê o tempo no espaço da narrativa literária na simultaneidade dos acontecimentos representados, como se pode ler no trecho que se segue:

Essas divisões, esse “antes” e “depois”, introduzidos pelo tempo, não são importantes, é preciso suprimi-los para compreender o mundo, é preciso justapor tudo *ao mesmo tempo*, ou seja, no espaço de um só momento, é preciso ver o mundo inteiro como *simultâneo*. É apenas na pura simultaneidade ou, o que é o mesmo, na atemporalidade que se pode descobrir o verdadeiro sentido daquilo que foi, que é e que será, pois aquilo que os separava – o tempo – é privado de realidade autêntica e de força interpretativa.

(BAKHTIN, 2002, p. 273, grifo nosso.)

A questão de como o problema do tempo é tratado em cada época da história do romance levou Bakhtin a um exame criterioso dos grandes cronotopos tipologicamente estáveis.

Campos (2009), em “Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas”, localiza a descrição dos diferentes tipos de cronotopos na literatura estudados por Bakhtin. Segundo a autora, estão assim elencados: “cronotopo da aventura (romance grego); cronotopo da estrada (romance de aventura e da vida cotidiana); cronotopo da praça pública (romance biográfico); cronotopo do entreato (romance de cavalaria, pequenos gêneros da Idade Média e do Renascimento); cronotopo do corpo (romance rabelesiano); cronotopo do idílio (romance de Rousseau); cronotopo do autor e do leitor” (CAMPOS, 2009, p. 132).

No próximo tópico, selecionamos, de forma muito breve, algumas observações da análise que Bakhtin faz do romance *O asno de ouro*, de Apuleio.

### 3.2. Cronotopo da metamorfose

Neste tópico, examinaremos, de forma muito breve, algumas observações de Bakhtin sobre o cronotopo da metamorfose, isto é, as relações espaço-temporais que apontam para as transformações (mudança de uma imagem para outra de um único personagem de acordo com a época e a etapa de sua existência), ocorridas no espaço da narrativa literária.

Bakhtin examina o cronotopo da metamorfose em *O asno de ouro*. O romance do romano Apuleio é composto de várias narrativas contadas como que entre parênteses pelos personagens, em geral narrando feitos mágicos. Porém, o centro da ação, narrada em primeira pessoa, é o conjunto das peripécias vividas pelo jovem Lúcio. Para conhecer a magia, ele deixa Corinto com destino a Tessália, onde se hospeda na casa do rico mercador Milão, casado com a feiticeira Panfília. Na intenção de descobrir os segredos da arte de Panfília, de quem inveja o poder de transformar-se em ave, Lúcio se torna amante da escrava Fótiis, que o ajuda a obter a poção mágica que o transformaria em pássaro. O resultado não sai como o jovem desejava. Ele transforma-se em um asno porque Fótiis lhe entrega o unguento errado. Lúcio, passa, dessa forma, a viver uma existência híbrida, com o corpo de asno e a inteligência de homem. Enfrenta aventuras, pelo mundo, um tanto picarescas, que envolvem roubo (ele é roubado por bandoleiros), resgate de uma noiva raptada, ameaça de castração por ter sido acusado de libertinagem, trabalho ao lado de falsos sacerdotes que o utilizavam como burro de carga. Em um sonho, Lúcio encontra a solução para ficar livre do efeito da magia: a deusa Íris recomenda-lhe comer rosas dadas por um sacerdote em uma procissão. Consegue, assim, recuperar a forma humana.

Bakhtin (2002), observa que

no enredo principal, Apuleio dá três imagens de Lúcio: Lúcio antes da transformação em asno, Lúcio-asno, Lúcio purificado e regenerado pelos mistérios. No enredo paralelo são dadas duas imagens de Psiquê: antes e depois da purificação por sacrifícios expiatórios; aqui é dada a via lógica do “renascimento” da heroína sem que se obtenham disso três imagens absolutamente diferentes. (BAKHTIN, 2002, p. 238)

Cumprir destacar que a metamorfose significando transformações como que maravilhosas, mágicas não são importantes para o estudo de Bakhtin. Para o autor, interessa saber que função essa transformação tem na construção do romance de aventuras e de costumes.

Com base na metamorfose

é criado o tipo de representação de toda a vida humana em seus momentos essenciais de ruptura e de crise: *como um homem se transforma em outro*. São dadas imagens radicalmente diferentes de um único homem, nele reunidas conforme as diferentes épocas, as diferentes etapas de sua existência. Não há aqui um “devir” em sentido estrito, mas sim crise e transformação. (...) Os acontecimentos representados por Apuleio determinam a vida *inteira* do herói.

(BAKHTIN, M., 2002, pp. 237-8, grifo do autor)

Se levarmos em consideração que a troca de uma imagem do personagem para outra ocorre de acordo com a época e etapa de sua existência, encontraremos no conjunto dessas imagens os vestígios do tempo.

O autor examina cinco aspectos no romance de Apuleio com base na metamorfose:

(1) *No tipo de romance de crise são representados apenas um ou dois momentos que decidem o destino da vida humana e que determinam todo o seu caráter.* (2) Assim, o romance dá duas ou três imagens diferentes do mesmo homem, unidas e desunidas por suas crises e regenerações. No enredo principal, Apuleio dá três imagens de Lúcio: Lúcio antes da transformação em asno, Lúcio-asno, Lúcio purificado e regenerado pelos mistérios. No enredo paralelo são dadas duas imagens de Psiquê: antes e depois da purificação por sacrifícios expiatórios; aqui é dada a via lógica do "renascimento" da heroína sem que se obtenha disso três imagens absolutamente diferentes.<sup>27</sup>

(...) (3) fica claro que o romance desse tipo não se desenvolve, a rigor, num *tempo biográfico*. (4) Ele representa apenas momentos *excepcionais* da vida humana, completamente *fora do comum*, bastante efêmeros em comparação com o todo da existência. (5) Entretanto, são esses momentos que *determinam tanto a imagem definitiva do próprio homem, como o caráter de toda sua vida subsequente*.<sup>28</sup>

(...) *Isso é o que determina os aspectos particulares do tempo de aventuras do segundo tipo.* Não é mais o tempo sem vestígios do

<sup>27</sup> BAKHTIN, 2002, p. 238, grifo nosso.

<sup>28</sup> Ibid. p. 238, grifo do autor.

romance grego. Ao contrário, ele deixa uma marca profunda e indelével no próprio homem e em toda a sua vida<sup>29</sup>.

A ideia de diferentes imagens de um único personagem conforme as diferentes épocas e etapas de sua existência remete-nos ao nosso objeto de estudo. Também em *Guia de receitas brasileiras*, produção escolar dos alunos da Escola Estadual Francisco de Campos, verificamos as diferentes imagens do Brasil em diferentes épocas.

A “viagem literária” é, assim, o cronotopo a partir do qual ocorrem as transformações de sentido. Levando, ainda, em consideração os aspectos que envolvem o evento *Viagem Nestlé pela Literatura*, a grande viagem literária se concretiza pelo diálogo com o cotidiano e com as múltiplas manifestações culturais que compõem três espaços narrativos: (1) o espaço narrativo das cinco obras — *Cronistas do Descobrimento*, com relatos de Hans Staden e outros, *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, *Fogo morto*, de José Lins do Rego, e *Sentimento do mundo*, de Carlos Drummond de Andrade; (2) o espaço-narrativo do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Roteiro Cultural – Caderno Pedagógico do concurso); (3) o espaço narrativo da produção de texto *Guia de receitas brasileiras*.

Os diálogos com os textos e autores são a ação. Nesse caso, a metamorfose se dá nos diálogos. Há, no enredo do texto, a cada receita, uma imagem do Brasil na figura de um prato poético como em “Bispo português a caeté”, “Farofa nordestina”, “Feijoada carioca”, “Suspiro mineiro” e “Sonho universal”. O tempo no espaço da narrativa de *Guia de receitas brasileiras* é percebido no conjunto das metamorfoses.

Parece possível, a partir do que Bakhtin examinou no espaço da vida cotidiana do mundo representado, em *O asno de ouro*, do romano Apuleio, flagrar o tempo no espaço do cotidiano em *Guia de receitas brasileiras*.

### 3.3 Cronotopo da estrada

No cronotopo da estrada, as relações espaço-temporais indicam o lugar e o momento onde ocorrem os acontecimentos que envolvem os personagens. Nesse lugar e tempo específicos há o encontro. Bakhtin (2002), mostra que “o encontro é um dos mais

---

<sup>29</sup> BAKHTIN, M., 2002, p. 238, grifo nosso.

antigos acontecimentos formadores do enredo do epos (em particular do romance)” (BAKHTIN, 2002, p. 223).

As séries espaciais e temporais dos destinos e das vidas dos homens se combinam de modo peculiar, complicando-se e concretizando-se pelas *distâncias sociais*, que não superadas. Este é o ponto do enlace e o lugar onde se realizam os acontecimentos. Parece que o tempo se derrama no espaço e flui por ele (formando os caminhos); daí a tão rica metaforização do caminho-estrada: “o caminho da vida”, “ingressar numa nova estrada”, “o caminho histórico” e etc.; a metaforização do caminho é variada e muito planejada, mas o sustentáculo principal é o transcurso do tempo. (BAKHTIN, 2002, p. 350)

Associamos a “viagem literária, proposta pelo evento *Viagem Nestlé pela Literatura*, a tão rica metaforização de que fala Bakhtin da palavra estrada. É possível considerar a ideia de que em um mesmo espaço narrativo se dão os encontros dos personagens de diferentes obras e épocas como, por exemplo, o bispo português e os caetés, de *Cronistas do Descobrimento* (1560), de Hans Staden, Rita Baiana, João Romão, Bertoleza, Zulmira, de *O cortiço* (1890), de Aluísio Azevedo, mulheres entre laranjeiras, homens vagarosos, do olhar do poeta nas Minas Gerais em “Cidadezinha qualquer” em *Sentimento do mundo* (1940-1945), de Carlos Drummond de Andrade, Bentinho e Capitu, de *Dom Casmurro* (1899), de Machado de Assis. O encontro desses personagens, extraídos de textos e épocas diferentes, dá-se no cronotopo da viagem literária, espaço narrativo de *Guia de receitas brasileiras* (1999).

Os personagens do texto premiado revelam-se no caminho percorrido na “viagem literária” e se reinventam na temporalidade.

(...) Cozinhe no fogo da degradação, da poluição e da sensualidade de **Rita Baiana**. Cozinhe com muita água, como a que jorrava nas terras do cortiço toda manhã. Deixe cozinhar. Tampe com uma tampa de mídia, a mesma que esconde vários problemas da Cidade Maravilhosa. Ferva as carnes em uma panela à parte, jogue fora a água da primeira fervura, como **João Romão** se livrou de **Bertoleza**. Ponha nova água, como **João Romão** acolheu a jovem **Zulmira**.

(*Guia de receitas brasileiras*, p.1, grifo nosso) (Figura 22, p.76)

O cronotopo da “viagem literária” produz relações de sentido que são percebidas nas enunciações e na combinação dos discursos como observamos no trecho que se segue:

Dores do Indaiá, MG, ano 499 da  
deglutição de Pero Vaz de Caminha.”  
(*Guia de receitas brasileiras*, p.3) (Figura 25, p.77)

Em *Guia de receitas brasileiras*, o cronotopo da “viagem literária” assinala o deslocamento espaço-temporal de Dores de Indaiá, 1999, por relação ao espaço-temporal de Pero Vaz de Caminha, ano 499, como nessas palavras finais de *Guia de receitas brasileiras*.

### 3.4 O cronotopo do autor e do leitor

*Guia de receitas brasileiras* foi produzido pelos alunos da Escola Estadual Francisco de Campos em 1999. Desse lugar e tempo específicos encontravam-se distantes dos mundos representados nas cinco obras que leram para produzir o intertexto literário-cultural — *Cronistas do Descobrimento* com relatos de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden (1560), *O cortiço* de Aluísio Azevedo (1890), *Dom Casmurro* de Machado de Assis (1899), *Fogo morto* de José Lins do Rego (1943), *Sentimento do mundo* (1940) de Carlos Drummond de Andrade. Caberia perguntar como são representados os cronotopos dos autores das obras mencionadas e o cronotopo dos leitores dessas obras, levando em consideração que autor e leitor encontram-se em tempo e espaços distintos?

Para apontar um momento sobre a discussão que Bakhtin (2002) faz sobre o cronotopo do autor e do leitor, é preciso considerar primeiramente que no “tempo-espaço totalmente real onde ressoa a obra, onde se encontra o manuscrito ou o livro, encontra-se também o homem real que criou a língua falada, que ouve e lê o texto” (BAKHTIN, 2002, p. 358).

Segundo Bakhtin (2002), “autores e leitores podem se encontrar (e frequentemente se encontram) em tempos-espaços diferentes, separados às vezes por séculos e por distâncias espaciais, mas se encontram da mesma forma num mundo uno, real, inacabado e histórico que é separado pela fronteira rigorosa e intransponível do mundo *representado* no texto” (BAKHTIN, 2002, p. 358, grifo do autor).

Essa concepção de cronotopo situa claramente a fronteira que existe entre o mundo real e o mundo representado. Bakhtin (2002) chama o mundo real de criador do texto, uma vez que todos os seus elementos, a realidade refletida no texto, os autores que o criam, os

intérpretes e os leitores que o reconstituem – e, nessa reconstituição, o renovam –, participam em partes iguais da criação do mundo representado.

Nesse sentido, os cronotopos podem se aproximar de modo singular, cruzarem-se e se entrelaçarem na construção de sentidos de uma obra literária. Contudo, Bakhtin chama a atenção para o cuidado que se deve ter em não confundir o cronotopo do mundo real com o do mundo representado:

Como dissemos, entre o mundo real representante e o mundo representado na obra, passa uma fronteira rigorosa e intransponível. Isto nunca se pode esquecer; não se pode confundir, como se fez e até hoje ainda se faz, o mundo representado com o mundo representante (realismo ingênuo), o autor-criador da obra com o autor-indivíduo (biografismo ingênuo), o ouvinte-leitor de diversas (e muitas) épocas, que reconstitui e renova, com o ouvinte-leitor passivo seu contemporâneo (dogmatismo de concepção e de avaliação). Confusões deste gênero são totalmente inadmissíveis do ponto de vista metodológico. (BAKHTIN, 2002, p. 358)

Os alunos da Escola Estadual Francisco de Campo, autores de *Guia de receitas brasileiras*, estão distantes do espaço e do tempo do mundo representado nas obras que leram. Mas, ao entrarem na temporalidade da rede de relações que abarca esse mundo, reconstituem e renovam a vida representada, atualizam as obras reproduzindo-as, no espaço de outro mundo representado, o mundo representado em *Guia de receitas brasileiras*.

Dando continuidade à avaliação dos aspectos do *cronotopo do autor e do leitor*, é necessário esclarecer que, para Bakhtin (2003), “não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (BAKHTIN, 2003, p. 410). Compreendemos, assim, que o autor compartilha um diálogo com o leitor na “grande estrada” da cultura humana, isto é, no “grande tempo”.

### **3.5 De que ponto espaço-temporal observa o autor os acontecimentos por ele representados?**

O título deste tópico é uma questão levantada por Bakhtin ao deparar com a ideia de que o “autor-criador move-se livremente no seu tempo: ele pode começar sua narrativa pelo fim, pelo meio ou por qualquer instante dos acontecimentos representados, sem com isso destruir o curso objetivo do tempo no acontecimento representado” (BAKHTIN, 2002,

p. 360). A partir daí, “manifesta-se claramente a diferença entre o tempo que representa e o tempo que é representado”.<sup>30</sup>

Bakhtin (2002) mostra que, “primeiramente, o autor observa os acontecimentos a partir de sua contemporaneidade inacabada em toda a sua complexidade e completude, encontrando-se ele mesmo como que numa tangente da realidade representada” (BAKHTIN, 2002, p. 360).

#### O que Bakhtin (2002) entende por contemporaneidade inacabada?

Esta contemporaneidade por onde observa o autor, compreende principalmente o domínio da literatura; não só contemporânea, no sentido estrito da palavra, mas também passada, que continua a vida e se renova na atualidade”. (BAKHTIN, 2002, p. 360)

Observando o tratamento que Bakhtin dispensa ao cronotopo do autor, é possível entender que os sentidos produzidos pela relação espaço-temporal em *Guia de receitas brasileiras* não estão separados do campo da cultura humana. Essa obra interage com todos os outros campos da criação cultural, como o espaço escolar Escola Estadual Francisco de Campos, em Dores do Indaiá, no Estado de Minas Gerais, o espaço da cultura dos viajantes de 1500, o espaço dos cortiços e do Rio de Janeiro nos anos 1800, o espaço dos engenhos de cana-de-açúcar no Brasil de 1850, o espaço das cidades de Minas Gerais nos olhos do poeta Drummond.

As tradições culturais e literárias (inclusive as mais antigas) se conservam e vivem não na memória individual e subjetiva de um homem isolado em algum “psiquismo” coletivo, mas nas formas objetivas da própria cultura (inclusive nas formas linguísticas e verbais), e nesse sentido elas são intersubjetivas e interindividuais (consequentemente, também sociais); daí elas chegam às obras literárias, às vezes quase passando por cima da memória individual subjetiva dos autores.

(BAKHTIN, 2002, p.354)

Para Bakhtin, o leitor pode criar ele mesmo a imagem do autor; com isso ele (o leitor) “pode utilizar o material biográfico e autobiográfico, estudar a época em que o autor vivia e criava, e outros materiais sobre isso” (BAKHTIN, 2002, p.360).

---

<sup>30</sup> (BAKHTIN, 2002, p. 360)

O que, entretanto, o leitor cria é apenas a imagem artístico-histórica, que pode ser mais ou menos verdadeira e profunda, ou seja, subordinada aos critérios que frequentemente são empregados para esse tipo de imagem; mas, naturalmente, ele jamais poderá penetrar na trama figurada da obra. Todavia, se essa imagem for verdadeira e profunda, ela ajudará o ouvinte-leitor a compreender com mais exatidão e profundidade a obra do autor em questão. (BAKHTIN, 2002, p. 360)

O lugar que o leitor ocupa na obra literária traz uma questão particularmente relevante no mundo da leitura, a qual, nesta pesquisa, contribui para compreendermos que ele permanece fora do mundo representado tanto na posição de leitor como na de autor do texto vencedor. O mundo representado pelos alunos da Escola Estadual Francisco de Campos constitui-se no grande tempo da cultura humana. No entanto, o que eles disseram em *Guia de receitas brasileiras* ocupa um espaço único e singular no “grande tempo”.

### **3.6 A construção da imagem dos acontecimentos no cronotopo (em volta do cronotopo)**

Das observações de alguns aspectos vistos em “Formas de tempo e de cronotopo: ensaios de poética histórica”, do autor russo, que ajudam a entender a dimensão da relação espaço-temporal na narrativa de *Guia de receitas brasileiras*, há um que merece destaque, pois, além de sua abrangência, ele participa da dimensão visada por este trabalho: o significado figurativo dos cronotopos.

Nos cronotopos, diz Bakhtin (2002),

“pode-se relatar, informar o fato, além disso, pode-se dar indicações precisas sobre o lugar e o tempo de sua realização. Mas o acontecimento não se torna uma imagem. O próprio cronotopo fornece um terreno substancial à imagem-demonstração dos acontecimentos. Isso graças justamente à condensação e concretização espaciais dos índices do tempo - tempo da vida humana, tempo histórico - em regiões definidas do espaço. Isso também cria a possibilidade de construir a imagem dos acontecimentos no cronotopo (em volta do cronotopo).” (BAKHTIN, 2002, p. 355).

É preciso entender que elementos põem em funcionamento a construção da imagem da arte literária. Bakhtin (2002) explica que “todos os elementos abstratos do romance — as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e dos efeitos, etc. — gravitam ao redor do cronotopo”. (BAKHTIN, 2002, p. 356).

Baseando-se na perspectiva descrita acima, podemos dizer que os discursos que atravessam *Guia de receitas brasileiras* produzem imagens cronotópicas do cotidiano, como, por exemplo, imagens que compõem o conjunto de cinco “pratos poéticos” do guia de receitas: (1) o cotidiano do Brasil primitivo, situado em 1500; (2) o cotidiano de um cortiço do Rio de Janeiro, no fim do século XIX; (3) o cotidiano do espaço urbano do Rio de Janeiro, também no final do século XIX, registrado nos relatos do personagem Dom Casmurro, da obra de Machado de Assis; (4) o cotidiano do município de Pilar, na Zona da Mata paraibana, às margens do rio Paraíba, distante cerca de 50 quilômetros de João Pessoa, com a maioria das ações dos personagens se desenvolvendo nas terras do engenho Santa Fé, durante o período em que o tempo corre nos primeiros anos do Brasil do século XX; (5) o cotidiano das ruas, dos interiores das casas e dos interiores dos homens, nos olhos do poeta mineiro, que vive o sentimento de tristeza que rodeou os dias anteriores à Segunda Guerra Mundial.

Como se observa, as imagens vão sendo construídas nas relações espaço-temporais, portanto, essas imagens são cronotópicas. Em *Guia de receitas brasileiras*, elas atualizam os discursos de ontem, e o que vemos é um diálogo entre passado e presente que perpassa o fio do texto vencedor.

Em meio aos trabalhos de Bakhtin dedicados ao estudo da cronotopia em romance, e, mais especificamente no interesse desta pesquisa, os aspectos que dizem respeito aos elementos responsáveis pelo funcionamento do processo de construção da imagem artística na narrativa, cabe mencionar ainda Ernst Cassirer.

Segundo Campos (2009), “Bakhtin retomou um longo estudo do filósofo neokantiano Ernst Cassirer, *Filosofia das formas simbólicas* (1923), que analisa a assimilação do tempo pela linguagem” (CAMPOS, 2009, p. 136). Por meio desse estudo, ele não apenas mostrou que a linguagem “é essencialmente cronotópica como um tesouro de imagens” (BAKHTIN, 2002, p. 356), mas o fez compreender que “é cronotópica a forma interna da palavra, ou seja, o signo mediador que ajuda a transportar os significados

originais e espaciais para as relações temporais (no sentido mais amplo)”.<sup>31</sup> Para nós, a concepção de que a linguagem é cronotópica é importante, na medida em que nos faz pensar também sobre o processo de construção da obra.

---

<sup>31</sup> (BAKHTIN, 2002, p. 356).

## CAPÍTULO 4

### ***Guia de receitas brasileiras: produção escolar vencedora da 1ª edição do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura***

A criação artística alimenta-se da variedade de temas e linguagens que integra uma sociedade, um momento histórico, uma cultura, seus diálogos com o passado e futuro. Contos, romances, poemas, ficção ilustrada, não importa a designação, trazem para suas construções a diversidade de visões de mundo, tensões constituintes da comunidade linguística e cultural, formas específicas de manifestação e representação.

Beth Brait

Neste capítulo pretendemos nos debruçar sobre o texto *Guia de receitas brasileiras*, vencedor da primeira edição (1999) do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura*. Antes de prosseguir com a análise do texto vencedor, convém retomar o ponto de partida para a viagem literária: a leitura de *Cronistas do Descobrimento*. Não por acaso o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* (Caderno Pedagógico e Caderno Roteiro Cultural) trouxe para o diálogo com os relatos de Hans Staden, Pero Vaz de Caminha e outros cronistas, do século XVI, uma charge (1999) de Ziraldo, autor contemporâneo, ilustrando um índio preparando um branco para sua refeição. Esse procedimento de natureza intertextual e interdiscursiva, além de criar repertório literário-cultural para dar condição ao viajante-leitor de produzir seu próprio texto, conforme vimos no capítulo 2, tem como objetivo principal estabelecer durante todo o roteiro da *Viagem Nestlé pela Literatura* um constante diálogo entre o ontem e o hoje.

Os autores do texto vencedor, alunos da Escola Estadual Francisco de Campos, em Dores do Indaiá, Minas Gerais, conduzem a narrativa em um tempo presente, de uma contemporaneidade inacabada, mas que se projeta em um passado marcado na relação espaço-temporal de cada obra lida.

A escolha da forma composicional de um guia de receitas culinárias está longe de dar ao leitor ideias para criar pratos saborosos. Ao contrário, essa narrativa híbrida, receita culinária e receita poética, configura uma forma literária heterogênea. Nesse sentido, a imitação da estrutura composicional e o estilo de um texto da esfera culinária é o pretexto para subverter os possíveis sentidos da ordem do plano da esfera culinária e realizar uma

narrativa que, simulando um guia de receitas, aponta para o processo de formação e constituição do povo brasileiro.

A esfera literária em que se encontra o evento literário cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* comporta um regulamento de concurso (ver ANEXO A). Isso acrescenta algo importante na relação existente entre produção e recepção do texto. O que está em jogo não é apenas uma questão de escolha de estrutura composicional e conteúdo temático, mas também uma espécie de simulacro de contrato estabelecido com um regulamento do concurso conforme observamos no capítulo 1.

Os autores de *Guia de receitas brasileiras* são aqueles que na condição de leitores construíram um repertório de natureza literária para enfim dar significação às obras da tradição clássica da literatura brasileira. É na posição de autores, entretanto, que se esforçam para dar originalidade ao seu discurso em meio a tantas outras vozes como, por exemplo, a do poeta que ressoa na materialidade do texto na passagem de abertura.

Quando nasceu, veio um anjo inzoneiro, desses que vivem pela cozinha e disse: vai Brasil, ser *chef* na vida. Desde então *o nosso país não apenas serviu os mais diversos povos, mas também se serviu de suas culturas para produzir a mais criativa de todas as obras culinárias: o povo brasileiro.* (*Guia de receitas brasileiras*, p. 1 – figura 22, p. 76, grifo nosso)

Há ainda nesse trecho duas passagens que merecem destaque na medida em que, além de elas proporcionarem um jogo semântico com o verbo “servir”, remetem ao título do texto: (1) “o nosso país não apenas serviu os mais diversos povos” e (2) “mas também se serviu de suas culturas para produzir a mais criativa de todas as obras culinárias: o povo brasileiro”.

Poderíamos perguntar por que a palavra “receita” transportada da esfera culinária aparece neste evento de caráter cultural-literário? A resposta a essa questão parece mostrar que o primeiro elemento interdiscursivo pode estar no título dado ao texto vencedor. Não por acaso a palavra receita ocupa a posição central do título. Com efeito, o diálogo interdiscursivo com a Cozinha Nestlé aparece no contexto que envolve a atividade literário-cultural. A palavra “receita” ganha destaque ainda quando associada ao discurso do enunciador Fundação Nestlé de Cultura, aquele que dita as normas do concurso, faz valer a força do regulamento. De fato, dez anos após o evento *Viagem Nestlé pela Literatura*, a Revista *Nestlé com você*, de março de 2010, atesta os valores que pretende circular nas seguintes palavras:

“Nestlé, empresa que oferece modos de preparo de delícias alinhadas ao conceito de nutrição, saúde e bem-estar”.<sup>32</sup>

Em 1999, ano da primeira edição do *Viagem Nestlé pela Literatura*, foi lançada a Revista *Nestlé com você*. Trata-se de uma publicação trimestral da Nestlé, voltada especialmente para receitas culinárias de todo o Brasil, coordenada pela área de Serviço ao Consumidor, de distribuição gratuita, dirigida aos consumidores.

Esses aspectos constituem o discurso de *Guia de receitas brasileiras*. Estabelece-se por aí a relação híbrida não apenas no cruzamento de gêneros (guia de receitas culinárias e receitas poéticas), mas também no encontro de esferas (literária e culinária) marcado já no título do texto.

Logo na introdução de *Guia de receitas brasileiras*, encontramos a presença do famoso verso da primeira estrofe do “Poema de sete faces”, texto de Carlos Drummond de Andrade, que integra o livro *Alguma Poesia*, obra publicada pelo poeta em 1930 — “Vai, Carlos! ser *gauche* na vida”. O diálogo intertextual e interdiscursivo com o texto da década de 1930 configura, conforme veremos mais adiante, dois planos discursivos que se cruzam e se opõem no interior de um mesmo enunciado.

Na passagem do texto *Guia de receita brasileiras* que diz “Quando nasceu, veio um anjo inzoneiro, desses que vivem pela cozinha e disse: vai Brasil, ser *chef* na vida”, ocorre a apropriação de fragmentos extraídos do poema de Drummond. Os autores imitam, assim, o texto do poeta. Vejamos a primeira estrofe do poema de Drummond:

“Quando nasci, um anjo torto  
Desses que vivem na sombra  
disse: Vai, Carlos, Ser *gauche* na vida”.

(Carlos Drummond de Andrade. Poemas de sete faces. In: *Sentimento do mundo*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999, p.11)

Assim como no texto do poeta, a abertura do texto *Guia de receitas brasileiras* se faz com a presença de um anjo. Contudo, por força da mudança de esfera, encontramos não mais um anjo torto, mas *inzoneiro*, isto é, aquele que é sonso, manhoso, enredador. Enuncia-se assim um outro significado, um outro tema, aquele que contempla a temática da brasilidade, ou seja, a busca de uma identidade nacional, como se pode observar na

<sup>32</sup> Revista *Nestlé com você*, São Paulo, ano 12, n. 45, p. 4, mar. 2010.

passagem que diz “o anjo inzoneiro anuncia o nascimento da mais criativa de todas as obras culinárias: o povo brasileiro”.

Na sequência do texto em “vai Brasil ser *chef* na vida”, a palavra *chef*, que também é de origem francesa, assim como *gauche*, ao mesmo tempo que nos leva a travar um diálogo com o *gauche* drummondiano nos posiciona em um outro lugar e em uma outra história.

De acordo com um dicionário francês, *gauche* significa “lado esquerdo”. O ser humano *gauche* é aquele que se sente às avessas, torto que não consegue estabelecer uma comunicação com o outro. Sendo assim, o tema que envolve a palavra *gauche* em Drummond se desconstrói em *Guia de receitas brasileiras* para construir a temática da identidade nacional, marcada pela antropofagia brasileira — aquela que incorpora, mas não apaga as diferenças.

A mistura permaneceu e continua a se transformar, revelando com exatidão que somos um cardápio rico e diversificado.  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 1 – figura 22, p. 76)

O termo *mâitre* em “... e nós, *maitrê*, faremos a sugestão de alguns de nossos mais requintados pratos” não por acaso também de origem francesa assinala a autoria dos enunciadores. Assim, se *chef* e *maitrê* são aqueles que comandam a cozinha de um restaurante, em *Guia de receitas brasileiras* ganham outros valores. O primeiro, na figura do Brasil, é responsável “pela mais criativa de todas as obras culinárias, o povo brasileiro”; o segundo, o enunciator-narrador, além de se revelar, diz ao que vem: sugerir “alguns de nossos mais requintados pratos”.

O termo “pratos” aparece como metáfora para textos literários. Cumpre observar, ainda, que dentre as funções de um *maitrê* no restaurante está a de saber quem são os anfitriões e quem são os convidados, conhecimento importante para ele no momento de servir. No entanto, no texto em análise, possui uma outra função. Marcada por uma relação de nacionalismo, a tarefa do nosso *maitrê* é mostrar um Brasil antropofágico como atesta a origem da primeira receita do texto, “Bispo português a Caeté”.

Comida típica da antropofagia brasileira, o português foi o primeiro prato a ser deglutido e assimilado pela nossa cultura.  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 1 – figura 22, p. 76)

A construção da figura do Brasil como aquele que deglute, digere e assimila culturas, refletindo a antropofagia, constitui, desse modo, o ponto de partida para os “*maitrês*” apresentarem os pratos, ou melhor, as receitas literárias. O encadeamento das cinco receitas — “Bispo português a caeté”, “Farofa nordestina”, “Feijoada carioca”, “Suspiro mineiro” e “Sonho universal” — como um caminho escolhido pelo enunciador para explicar a formação do povo brasileiro.

Fiel à cronologia da História do Brasil “Bispo português a caeté” é o nome dado à primeira receita. Esse título leva os leitores do texto a um passado longínquo. De fato, os primeiros europeus a chegar ao Brasil foram os portugueses. Interessante notar que em “comida típica da antropofagia brasileira, o português foi o primeiro prato a ser deglutido, digerido e assimilado pela nossa cultura”, a palavra caeté nos remete à figura do indígena da antiga capitania de Pernambuco dos séculos XVI e XVII.

Os Caetés entraram para a história brasileira após o naufrágio do navio que transportava o primeiro bispo do Brasil, Dom Pero Fernandes Sardinha, capturado e devorado pelos índios, junto com os outros membros da tripulação. Assim sendo, “Bispo português a caeté” pode evocar em “caeté” a atualização do discurso da antropofagia brasileira. Caeté passa a ser não apenas aquele que devora, é também prato a ser devorado em *Guia de receitas brasileiras*.

O discurso vai, desse modo, sendo construído mediante a oposição de um *lá* e de um *aqui* se atualizando na esfera literário-cultural em que está submetido. Ganha, assim, outros efeitos de sentidos, novos significados. Entretanto, os leitores distinguem o caeté devorador, inserido nos relatos do Brasil quinhentista, do caeté visto como um modo de preparar o alimento, por meio da memória discursiva. Não podemos deixar de fora o cruzamento dos discursos que aqui vão se entrelaçando. O conteúdo do texto evoca o discurso de *Cronistas do Descobrimento*.

Os autores de *Guia de receitas brasileiras* trazem o português de um passado distante conforme a passagem do texto em “venciam o mar tenebroso, gente das mais remotas praias — do ocidente e do oriente”. Contudo, deslocados no tempo e no espaço, os portugueses aqui já não são mais gente das mais remotas praias — do ocidente e do oriente — “entraram em contato permanente, num crisol de costumes e sabores, palavras e alegrias, cheiros e saudades...”. Como o próprio texto atesta, “a mistura permaneceu e continua a se transformar, revelando com exatidão que somos um cardápio rico e diversificado”.

Os deslocamentos espaciais e temporais são mecanismos discursivos que nos conduzem a compreensão do gesto exotópico (o movimento de se situar em um lugar e um tempo exterior ao objeto estético para ver o que o outro vê e retornar ao seu lugar para sintetizar o que vê de acordo com seus valores) em *Guia de receitas brasileiras*.

Nesse sentido, destacamos o gesto exotópico em dois movimentos: primeiramente o movimento de tentar captar o olhar dos viajantes do século XVI para o Brasil, de tentar entender o que olharam os estrangeiros, como viram o Brasil; segundo, de retornar ao seu lugar, que é exterior à vivência dos europeus, para mostrar o que viu, assinando o texto de sua época.

Essas considerações sobre a exotopia no texto vencedor ou, mais precisamente, sobre a maneira como o autor-criador se esforça para dar originalidade ao texto de seu lugar e de sua época, contribui diretamente para a compreensão do modo como se constrói a assinatura do texto. Cumpre observar, que os movimentos exotópicos estão presentes em todas as cenas descritas em *Guia de receitas brasileiras*.

Em “Farofa nordestina”, a segunda receita, o diálogo intertextual e interdiscursivo desta vez traz uma forte alusão ao contexto sócio-histórico do romance de José Lins do Rego, *Fogo morto*, publicado em 1943. Essa obra tem como espaço a região açucareira no Estado da Paraíba. A história se passa na segunda metade do século XIX, período de intervalo entre a decadência do engenho e a ascensão da usina, estendendo-se até o início do século XX.

O título dessa obra de José Lins do Rego aparece no “modo de preparo” da receita “Farofa nordestina” em “para obter uma melhor farofa, adicione lembranças de um nordeste vivo, mas que hoje só nos mostra a decadência de um ‘fogo morto’”. Com efeito, a marca “hoje” nos leva ao espaço e ao tempo do romance *Fogo morto* e mostra um Nordeste também distante do aqui-agora do narrador-enunciador de *Guia de receitas brasileiras*. A palavra “hoje” está ligada à esfera do desenvolvimento do engenho Santa Fé e marca a oposição entre um *lá*, configurado na decadência do engenho, e um *aqui*, marcado na ascensão da usina.

A voz do narrador-enunciador de *Guia de receitas brasileiras* se confunde com as vozes dos personagens de *Fogo morto*, também vinculados a um aqui-agora e a um *lá* que se configura respectivamente em um tempo em que o engenho era próspero, portanto, vivo; e hoje, apenas um “fogo morto”.

Esses recursos de natureza enunciativa dinamizam o episódio descrito com deslocamentos espaciais e temporais e transferências de sujeito. Observamos na receita “Farofa nordestina” a presença de três cronotopos que se mesclam — (1) o cronotopo vivenciado pelos personagens de *Fogo morto*, (2) o cronotopo do autor-criador de *Fogo morto* e (3) o cronotopo do narrador do acontecimento representado em *Guia de receitas brasileiras*.

A expressão “fogo morto” em *Guia de receitas brasileiras* está vinculada à existência de um tempo marcado pela decadência sócio-econômica de um determinado período histórico no Brasil. Mas que ainda traz marcas desse cenário na visão do enunciador ao ditar os ingredientes necessários para fazer o prato:

“Ingredientes: 1 kg de carne seca, uma vida de miséria, 1 litro de água salobra e barrenta, 12 meses de seca intensa, 2 kg de farinha de mandioca, fome, desgraça, tristezas e a força de um povo bravo que ainda não perdeu a esperança e a garra de viver”.  
(*Guia de receitas brasileiras*, pp. 1-2 – figuras 22 e 23, pp. 76-77)

As imagens do passado e do presente do herói Brasil descrito em três dimensões cronotópicas que, embora se mesclam e se atualizam no discurso de *Guia de receitas brasileiras*, estão delimitadas por suas fronteiras do tempo e do espaço. Essas imagens não se fundem, mas se justapõem dialogicamente. Tem-se no texto vencedor um diálogo não apenas entre textos, entre discursos, mas entre sujeitos, entre tempos, entre espaços.

Encontramos o desdobrar dos índices cronotópicos em todas as cenas narradas. Esse elemento atesta o modo como o enunciador-narrador de *Guia de receitas brasileiras* vai construindo as imagens do passado e do presente.

As palavras “miséria”, “água salobra e barrenta”, “12 meses de seca intensa”, “fome”, “desgraça”, “tristezas” não deixam dúvidas ao modo como o enunciador de *Guia de receitas brasileiras* atualiza o cronotopo do romance de José Lins do Rego. O texto vencedor apresenta um outro cronotopo, inserido em uma outra esfera e em um outro contexto sócio-histórico.

“Farofa nordestina” indica a existência de um tempo vinculado à decadência sócio-econômica de um determinado período da História do Brasil. Desse modo, não podemos deixar de considerar aqui a forte relação espaço-temporal, a qual, de acordo com o pensador russo, é indissociável.

Essas considerações sobre a receita “Farofa nordestina” ou, mais precisamente, sobre o ponto de vista cronotópico que subjaz a percepção dos sentidos do texto, contribuem diretamente para a compreensão dos discursos que constituem *Guia de receitas brasileiras*. Portanto, em complementação aos elementos que, no plano discursivo, demarcam espaço-tempo, temos o discurso da constituição do povo brasileiro.

Com efeito, essa receita apresenta-nos ainda o valor das ideologias contido no relato; pois, dentre os ingredientes do prato literário baseado no povo nordestino está “a força de um povo bravo que ainda não perdeu a esperança e a garra de viver”.

A terceira receita poética, “Feijoada carioca”, parece contemplar os mesmos valores ideológicos da receita anterior. Nesse sentido, o percurso narrativo se processa numa anterioridade com relação ao ponto de vista estabelecido pelo narrador-enunciador. Isso nos permite considerar ainda que o narrador-enunciador reforça o discurso da identidade nacional quando traz o prato da feijoada para o texto. É curioso observar que a feijoada é um prato oferecido ao estrangeiro quando se quer apresentar a cozinha brasileira, traduzindo assim sua nacionalidade.

A partir de procedimentos característicos de um guia de receitas a complexa relação entre a literatura de *O cortiço*, obra de Aluísio Azevedo, publicada em 1890, e os ingredientes necessários para a formação do povo brasileiro, assumem uma rica e significativa intertextualidade e interdiscursividade em *Guia de receitas brasileiras*.

No que diz respeito ao “modo de preparo”, de “Feijoada carioca”, o enunciador afirma a sua originalidade, ainda que traz o discurso de *outrem* marcado explicitamente como na seguinte passagem do texto:

“Modo de preparo: Deixe de véspera as carnes e o feijão de molho com uma parte de alegria e outra de irreverência em recipientes separados. Na manhã seguinte, leve o feijão e o coloque em um caldeirão, feito das belezas naturais do Rio de Janeiro. Cozinhe no fogo da degradação, da poluição e da *sensualidade de Rita Baiana*. Cozinhe com muita água, como a que jorrava nas terras do cortiço toda manhã. Deixe cozinhar. Tampe com uma tampa de mídia, a mesma que esconde vários problemas da Cidade Maravilhosa. Ferva as carnes em uma panela à parte, jogue fora a água da primeira fervura, como João Romão se livrou de Bertoleza. Ponha nova água, como João Romão acolheu a jovem Zulmira. Quando o feijão começar a ferver, como ferveu o duelo entre Jerônimo e Firmo, junte a carne, como Romão juntou-se com Bertoleza, e cozinhe em fogo baixo. Assim que estiver cozido, coloque a outra parte da alegria e da irreverência”.

(*Guia de receitas brasileiras*, p. 2 – figura 23, p. 76, grifo nosso)

Resta lembrar que as personagens Rita Baiana, João Romão, Bertoleza, Zulmira, Jerônimo e Firmo povoaram o romance *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, no final do século XIX. Em “Feijoadada carioca”, de *Guia de receitas brasileiras*, as ações dos personagens são narradas pelo enunciador no pretérito perfeito. Isso indica a temporalidade do *lá*, caracterizada no final do século XIX. Contudo, a presença concomitante dos verbos no imperativo remete ao *aqui* e não deixa dúvida da atualização do discurso de *O cortiço*, no texto premiado.

Portanto, o conteúdo dessa receita aponta a maneira como o discurso do outro atravessa o discurso do narrador-enunciador com o propósito original de construir a temática da identidade nacional, vale dizer, os elementos formadores do povo brasileiro.

Retomando o aspecto que salta aos nossos olhos quando nos deparamos com o diálogo entre tempos em *Guia de receitas brasileiras*, verificamos que, ainda nesta terceira receita, estão presentes três novas dimensões cronotópicas movimentando a narrativa — (1) o cronotopo vivenciado pelos personagens de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo; 2- o cronotopo do autor-criador de *O cortiço*; (3) o cronotopo do narrador do acontecimento representado no texto vencedor.

Convém salientar que se já na época em que o romance *O cortiço* (1890) foi publicado mostrou muito mais do que os preceitos naturalistas, retratou as práticas recorrentes no Brasil do século XIX, bem como a mistura de raças em um mesmo meio, em *Guia de receitas brasileiras*, o discurso de *O cortiço* é atualizado para mostrar não tão somente uma alegoria do Brasil, mas o que resultou da mistura de raças: “alegria e bom humor em quantidades ilimitadas”, “irreverência”, “degradação”, “poluição”, “sensualidade”, “vários problemas”.

Em busca da origem e da formação do povo brasileiro, o enunciador de *Guia de receitas brasileiras* se esforça para compor em meio ao entrecruzamento de discursos uma singularidade discursiva. Não há como ignorar que a ideologia e as relações sociais, representadas em *O cortiço* (Aluísio Azevedo) ganham na esfera em que estão inseridas outros valores, o que importa é a configuração de um povo que vai se constituindo no cotidiano dos 500 anos de Brasil.

O título dado à quarta receita poética, “Suspiro mineiro”, a primeira vista pode nos lembrar do pequeno bolo com clara de ovo batida, açúcar e amêndoas ou nozes moídas. Contudo, transportado para a esfera literário-cultural é um bom nome para a compreensão das interações narrativas e discursivas que sustentam o tecido de *Guia de receitas*

*brasileiras*. O substantivo “suspiro” de acordo com um dicionário da língua portuguesa significa respiração forte e mais prolongada que a ordinária, provocada por uma paixão, como amor, saudade, tristeza. Essa palavra por sua vez qualificada de “mineiro” remete imediatamente ao poeta das Minas Gerais, Carlos Drummond de Andrade.

No título dessa receita depreende-se o diálogo intertextual e interdiscursivo com *Sentimento do mundo*, obra de drummondiana que traz poemas escritos entre 1940 e 1945. Não é difícil pensar no contexto histórico que cerca o discurso do poeta, marcado por conflitos e opressão no mundo. Trata-se da poesia que se desenvolveu durante a Segunda Guerra Mundial — momento vivido intensamente e à distância pelo poeta. Poderíamos perguntar aqui que olhar do outro captou Drummond de seu lugar e de sua época. Para responder a essa pergunta, poderíamos dizer que pensar a poesia naquele momento é como compreender que lugar essa atividade estética ocupou naquele mundo.

Esses aspectos constitutivos do discurso assinalam os procedimentos empregados pelo enunciador para cumprir o contrato, ainda que este seja apenas um simulacro das coerções impostas no Regulamento do concurso. Parece ser essa a razão de o discurso do outro aparecer ora de modo implícito, ora de modo explícito como se observa na seguinte passagem do texto:

“Origem: É uma sobremesa literária elaborada a partir de alguns dos mais profundos *sentimentos do mundo*. Pode ser produzido numa “*cidadezinha qualquer*”, de preferência numa que esteja mergulhada nas montanhas de Minas. Seu tempo é o de casas entre *bananeiras, mulheres entre laranjeiras, pomares, homens vagarosos, cachorros vagarosos e janelas que olham. Eta sobremesa besta, meu Deus!*”  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 2 – figura 23, p. 76, grifo nosso)

Desta vez, um conjunto lexical destacado na citação acima denuncia explicitamente o diálogo com o poeta modernista. Como se observa uma rede intertextual e interdiscursiva põe em movimento a citatividade. Vale dizer que mais do que relação entre textos e discursos o que vemos é o modo como o narrador-enunciador vai tecendo o texto. Além disso, essas citações assumem funções diversas em *Guia de receitas brasileiras*.

Desse modo, não basta apenas apontar os vários discursos que se cruzam no interior de um único enunciado, mas compreender que efeitos ou imagens produzem em determinadas relações.

Na quarta receita, a importância desses recursos enunciativos é flagrante em um texto que precisa cumprir um regulamento, seu elemento propulsor. Tudo indica que esse diálogo com o poeta conduz o fio desse texto para além dos objetivos maior do enunciador, mostrar a constituição do povo brasileiro.

Encontramos dois textos na quarta receita: o dos alunos da Escola Estadual Francisco Campos e o poema “Cidadezinha qualquer”, de Drummond:

Cidadezinha qualquer

Casas entre bananeiras  
mulheres entre laranjeiras  
pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.  
Um cachorro vai devagar.  
Um burro vai devagar.  
Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(Carlos Drummond de Andrade. Cidadezinha qualquer. In: *Sentimento do mundo*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999, p. 51.)

O narrador-enunciador constrói a imagem de uma sobremesa literária, situando-a no tempo e no espaço do poeta de “Cidadezinha qualquer”.

Contudo, as modalidades existentes em “pode ser” e “deve ser” e a marca do imperativo “asse” não deixam dúvida de que se trata de um texto produzido no espaço e no tempo do evento cultural *Viagem Nestlé pela Literatura*. Só pode ser considerada intertextualidade a referência explícita ao conjunto lexical extraído do texto do poeta, como a presença do título do livro de Drummond *Sentimento do mundo*, publicado pela primeira vez em 1940, o poema “Cidadezinha qualquer”, do livro *Alguma poesia*, de 1930, e os versos desse poema, “casas entre bananeiras”, “mulheres entre laranjeiras”, o substantivo “pomares”, que no poema aparece na forma singular e o verso “Eta vida besta meu Deus”. As outras referências são da ordem da interdiscursividade.

Note que além dos ingredientes necessários, 4 claras de ovos, 4 pires de açúcar, uma paixão frustrada, melancolia, saudades e muitos quilos de ironia, “a criatividade deve ser utilizada para além das medidas convencionais.”. Mais do que mostrar a formação do povo brasileiro, como observamos nas receitas anteriores, o que se revela na palavra

“criatividade” é a capacidade de representar o mundo a partir dos recursos estéticos de que a língua portuguesa dispõe. É desse lugar estratégico que o enunciador se posiciona diante do mundo representado para interpretar os elementos que constituem o povo brasileiro.

A quinta receita, “Sonho universal”, além de recuperar personagens de *Dom Casmurro* (1899), obra de Machado de Assis, ilustra bem a forma de organização de todo o texto na passagem que diz:

“Origem: Não se trata de um doce típico do Brasil, mas nem por isso pode ser considerado menos nosso que o pé-de-moleque ou o doce de leite. Sua essência é tão comum como o sal e a água, Bentinho e Capitu, o amor, o ódio, a desconfiança...”  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 3 – figura 24, p. 77)

A referência a Bentinho e Capitu não só transporta o leitor para o universo machadiano como também aponta para os valores que estão em jogo em *Guia de receitas brasileiras*. No trecho que diz “Grandes obras da literatura universal são o acompanhamento perfeito”, o enunciador fortalece o aspecto da leitura dos clássicos universais. Vemos aqui uma resposta ao simulacro de contrato com a esfera da atividade em que se produz e circula o texto. Os valores em torno da leitura dos clássicos universais são convocados nessa receita em “Modo de servir: Sirva com fartura, sem distinção de idade, cor, nacionalidade ou religião. Grandes obras da literatura universal são o acompanhamento perfeito”.

O que se quer dizer é que a leitura pode ser uma verdadeira viagem em qualquer idade. Há aqui o discurso de que a literatura é uma arte que encanta leitores de todas as idades. O enunciador-narrador conduz assim o fio do texto, reafirmando que mais do que atender ao tema do evento *Viagem Nestlé pela Literatura* o que está em jogo é a importância do ato de ler, sobretudo, os clássicos da literatura universal.

Interessante notar que o diálogo com a obra machadiana aparece na última receita. Como se observa, aqui não é o tema que se impõe como força do regulamento do concurso, mas os valores ideológicos de um momento em que o Brasil é colocado no 32º de leitura, segundo dados do PISA de 2000.

Repleto de imagens discursivas, o texto de *Guia de receitas brasileiras* expõe muito mais do que relações entre textos. Poderíamos dizer ainda que há também relações que os autores do texto mantêm com os acontecimentos de sua época. Há, portanto, um discurso ideológico de que diante do cenário desolador, imagem de estudantes com

condições precárias de leitura, há a necessidade urgente de educar crianças e jovens para a leitura, e por que não prepará-los para o diálogo com a tradição clássica da literatura brasileira.

O narrador-enunciador se instaura como um sujeito que afirma o discurso de que os jovens brasileiros precisam descobrir o “sabor” da leitura.

“Os demais ingredientes não possuem medida exata, sendo a quantidade e o uso determinados pelo gosto de cada um”.  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 3 – figura 24, p. 77)

O modo como o narrador-enunciador se mostra após a quinta receita merece atenção. Ele interrompe a narrativa de *Guia de receitas brasileiras* e se volta para a natureza do trabalho que se propôs a fazer no evento *Viagem Nestlé pela Literatura* de acordo com o que afirma em “Devido à natureza resumida deste trabalho, não pudemos abordar outras importantes receitas. Aguardem o lançamento do próximo capítulo, em que trataremos receitas inusitadas”.

A palavra “capítulo” desloca o enunciador do guia de receitas para outra esfera. Certamente, a palavra “capítulo” expõe de forma explícita o campo estritamente reservado para fazer literatura. Para nós importa saber que imagem o enunciador constrói ao se identificar diante do leitor.

Envolvido no discurso do enunciador, o leitor de *Guia de receitas brasileiras* é, portanto, co-enunciador. É o que mostram as formas verbais “pudemos”, “aguardem”, “traremos”, “explicaremos”, “falaremos”, “mostraremos” presentes no último parágrafo. Podemos destacar aqui dois elementos importantes, marcados explicitamente nessas formas verbais, para a compreensão dos valores que a leitura ocupa no texto vencedor: (1) a voz que dá importância ao outro, o leitor do texto vencedor; (2) a relevância do leitor no texto vencedor. Sendo assim, o discurso dos valores da leitura permeia *Guia de receitas brasileiras*.

O fechamento do texto nos conduz à dimensão cronotópica de onde tudo começou, no Brasil dos *Cronistas do Descobrimento*. Entretanto, é do espaço do *aqui-agora*, em “Dores do Indaiá, Minas Gerais”, que o sujeito da enunciação se desloca para o ano de 499. Como se observa, há um jogo de imagens ora remetendo a um passado distante, ora ao presente do Brasil contemporâneo, como na passagem final do texto que diz:

“Dores do Indaiá, MG, ano 499 da  
deglutição de Pero Vaz de Caminha.”  
(*Guia de receitas brasileiras*, p. 3 – figura 24, p. 77)

Com efeito, duas imagens discursivas se cruzam nesse trecho e vêm confirmar o conteúdo temático já delineado ao longo de todo o texto de *Guia de receitas brasileiras*, ao unir o espaço de Dores do Indaiá, o *aqui-agora*, com o tempo de Pero Vaz de Caminha, o *lá* do ano de 499. Tudo indica que essa junção de espaço-tempo não concomitante aponta para os discursos que se mesclam.

O discurso da valorização da diversidade cultural brasileira aparece na primeira *Viagem Nestlé pela Literatura* e podemos confirmá-lo nas palavras do Ministro da Educação da Cultura, Francisco C. Weffort, por ocasião da cerimônia de entrega da Insígnia da Ordem do Mérito Cultural<sup>33</sup>, realizada no Palácio do Planalto, Brasília, no dia 7 de novembro de 2000.

Transcrevemos a seguir um trecho do pronunciamento ministerial com o intuito de mostrar mais um discurso que se mescla na rede intertextual e interdiscursiva de *Guia de receitas brasileiras*.

Uma das vantagens do Brasil no mundo atual, marcado pela globalização, é a de sermos um país que vem forjando uma *identidade própria* em um grande mutirão de povos das mais diversas origens. *Somos um caso peculiar de uma riquíssima diversidade* que se realiza no âmbito de uma extraordinária *unidade cultural*. *Somos um país multicultural* e já o éramos muito antes que alguém se lembrasse de inventar esta palavra. Se nisso formos comparáveis a outros países, temos, porém, algo de especial. Como já disse o Presidente Fernando Henrique Cardoso, não somos apenas um povo misturado, nós gostamos de ser assim. E, bem pensadas as coisas, é este nosso *gosto pela diversidade um dos fatores da nossa unidade*.<sup>34</sup>

Como se observa, o discurso do ministro da cultura é proferido num momento particular em que a globalização ganha espaço no cenário político, econômico e cultural. Neste contexto, emerge a necessidade da busca de uma identidade nacional como atestam

<sup>33</sup> A *Ordem do Mérito Cultural* foi instituída pelo Ministério da Cultura em 1995, por decisão do Presidente da República. O objetivo dessa atribuição era valorizar e tornar público o empenho de cidadãos e cidadãs que se destacaram na prestação de serviços à cultura brasileira.

<sup>34</sup> Pronunciamento ministerial de Francisco Correa Weffort. In: *Rede de apoio. Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 2000, grifo nosso.

as palavras do ministro em “um país que vem forjando uma identidade própria em um grande mutirão de povos das mais diversas origens”.

Que rosto tem a identidade brasileira? Como uma resposta ao discurso do Ministro da Cultura, *Guia de receitas brasileiras* traz a antropofagia brasileira, aquela que incorpora mas não apaga as diferenças. Nas palavras do ministro Francisco Correa Weffort “somos um caso peculiar de uma riquíssima diversidade”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando tentamos interpretar e explicar uma obra apenas a partir das condições de sua época, apenas das condições da época mais próxima, nunca penetramos nas profundezas dos seus sentidos. O fechamento de uma época não permite compreender a futura vida da obra nos séculos subsequentes; essa vida se apresenta como um paradoxo qualquer. As obras dissolvem as fronteiras da sua época, vivem nos séculos, isto é, no *grande tempo*, e além disso levam frequentemente (as grandes obras, sempre) uma vida mais intensiva e plena que em sua atualidade.

*Mikhail Bakhtin*

Nosso objetivo inicial estava voltado para a busca de respostas à questão levantada no início desta pesquisa: como ocorre a produção de sentidos em *Guia de receitas brasileiras*, texto premiado na primeira edição do Concurso Cultural *Viagem Nestlé pela Literatura* (1999), produzido por um grupo de alunos da Escola Estadual Francisco de Campos, em Dolores do Indaiá, Minas Gerais, em 1999, momento em que o Relatório Nacional do PISA (2000) contradizia os resultados do *Viagem Nestlé pela Literatura*.

O volume de 3350 produções escolares de boa qualidade na primeira edição (1999) surpreendeu a coordenação do *Viagem Nestlé pela Literatura*. Na ocasião, o Brasil era apontado no PISA (2000) na 32ª posição, à frente apenas de Macedônia, Indonésia, Albânia e Peru na avaliação do domínio de leitura dos estudantes brasileiros na faixa de 15 anos.

A investigação do texto *Guia de receitas brasileiras* não apenas respondeu à nossa questão inicial como mostrou, também, outros aspectos que delimitaremos aqui.

Observamos, na análise dos elementos enunciativos e discursivos, demonstrada no quarto capítulo desta pesquisa, como ocorre a produção de sentidos em *Guia de receitas brasileiras*. Verificamos que as relações produtoras de sentido são de natureza espaço-temporal.

As observações feitas no estudo de Bakhtin, no terceiro capítulo desta pesquisa, apontam explicações para as relações espaço-temporais produtoras de sentido em *Guia de receitas brasileiras*. A análise das relações espaço-temporais mostrou que, na produção de sentidos do texto, autores e leitores desempenham papéis ativos, sendo o repertório de natureza literária de ambos o aspecto relevante na relação que se cria entre enunciados no mesmo espaço narrativo.

O *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* favoreceu a transformação dos jovens alunos para leitores críticos e autores do próprio texto na medida em que mostrava aos alunos o diálogo entre as obras citadas e os textos selecionados para compor a rede intertextual e interdiscursiva da viagem literária. Para dar sentidos ao texto *Guia de receitas brasileiras*, os alunos transformaram o que leram em algo novo e único no espaço literário.

Utilizando textos e autores de ontem e de hoje, o olhar dos leitores do *Viagem Nestlé pela Literatura* apresentou, no texto vencedor, a imagem do Brasil que se constitui e se constrói no espaço do **ontem** (1560 – Brasil primitivo, 1890 – Brasil no cortiço do Rio de Janeiro, 1899 – Brasil nos olhos do homem solitário em *Dom Casmurro* de Machado de Assis, 1940 – Brasil nos olhos inquietantes do poeta das Minas Gerais, Carlos Drummond de Andrade, 1943 – Brasil no olhar de mestre Amaro em *Fogo morto*) e do **hoje** (1999 – Brasil no olhar dos jovens leitores de Indaiá, em Minas Gerais). Observamos que essas imagens se mesclam com os elementos da cultura da culinária brasileira – farofa nordestina, feijoada carioca, suspiro mineiro. Esse aspecto indicou que as relações espaço-temporais estão em volta dos valores culturais em *Guia de receitas brasileiras* mostrados na escolha dos pratos poéticos que compõem o guia de receitas culinárias.

No conjunto das diferentes imagens do cotidiano brasileiro em diferentes épocas e, em uma dada sequência, os alunos da Escola Estadual Francisco de Campos não apenas constroem o rosto da identidade brasileira, mas também deixam, em 1999, um caminho para nós leitores continuarmos a construção da identidade brasileira a partir do ponto espaço-temporal em que nos encontramos.

Tanto no texto *Guia de receitas brasileiras* como no conjunto de textos em *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, há imagens do Brasil que se revezam entre passado e presente, como, por exemplo, duas imagens presentes no segundo capítulo desta pesquisa – o Brasil de hoje na foto da Praia de Itacaré, litoral do estado da Bahia, trabalho de Sebastião Salgado, e o Brasil de ontem na descrição de Pero Vaz de Caminha e Hans Staden. Essas imagens compõem o repertório de natureza literário-cultural colocada em

cena no *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* e no espaço escolar da Escola Estadual Francisco de Campos para dar condições de os alunos produzirem um intertexto literário-cultural.

Verificamos, portanto, que a realização da construção de sentidos em *Guia de receitas brasileiras* foi possível porque o “passeio literário” dos alunos de Indaiá não se deu apenas na leitura das cinco obras — *Cronistas do Descobrimento* (Hans Staden, Pero Vaz de Caminha e outros), *O cortiço* (Aluísio Azevedo), *Dom Casmurro* (Machado de Assis), *Fogo morto* (José Lins do Rego) e *Sentimento do mundo* (Carlos Drummond de Andrade), mas no diálogo dessas obras com outros enunciados inseridos na proposta de atividades de antecipação de leitura, na seção “O hoje e o ontem”, do *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, conforme destacamos no segundo capítulo desta pesquisa.

O espaço escolar é também como o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura* e o texto *Viagem Nestlé pela Literatura*, o espaço do diálogo. Nesse espaço circulou um regulamento de concurso, cuja proposta era de que os participantes estabelecessem no texto um diálogo com o cotidiano, com a História e com múltiplas manifestações do espaço cultural brasileiro. Observamos que as palavras ditadas no Regulamento do *Viagem Nestlé pela Literatura* produziram efeito de coerção na medida em que os alunos produziam o texto atendendo a uma proposta. Isso acrescentou algo significativo na relação existente entre a produção e a recepção do texto.

O modo como os autores do texto vencedor responderam às coerções, características de um regulamento, isto é, às normas que ditaram a proposta temática, conforme vimos no segundo capítulo desta pesquisa, não apenas atendeu a uma espécie de simulacro de contrato entre os autores e o enunciador do evento *Viagem Nestlé pela Literatura*, na figura da empresa financiadora do concurso – a Fundação Nestlé de Cultura –, mas mostrou que a composição híbrida (receita poética e receita culinária) nasce em um ponto espaço-temporal (Escola Estadual Francisco de Campos, Dores de Indaiá, Minas Gerais) que comporta tal produção de sentidos.

Se levarmos em consideração que a ideologia de uma época está sempre expressa na linguagem, *Guia de receitas brasileiras* apresentou os valores que estão em jogo em um dado período da educação e da cultura brasileira. Com os valores culturais brasileiros expressos nas imagens do cotidiano das obras que compõem o *Guia Viagem Nestlé pela Literatura*, e que estão em volta do cronotopo da viagem literária, os alunos reagiram aos acontecimentos — por exemplo, (1) participaram de um evento literário-cultural em um

momento em que a educação brasileira mostrava por meio de exames de avaliação que os jovens não se interessavam por leitura de livros clássicos da literatura brasileira, (2) tornaram-se autores do texto que ficou dentre os três vencedores na edição que possuía mais de seis mil escolas inscritas, (3) conheceram o rosto da identidade brasileira.

Esperamos que a investigação da produção escolar premiada, *Guia de receitas brasileiras*, realizada, nesta pesquisa, possa contribuir para mostrar possibilidades de como se constrói leitor e autores.

**BIBLIOGRAFIA GERAL**

- AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- \_\_\_\_\_. Cronotopo e exotopia. In: Beth Brait (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª edição, São Paulo: Contexto, 2008, pp. 95-114.
- BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5ª. edição, Tradução de Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2002.
- \_\_\_\_\_. Formas de tempo e de cronotopo no romance: ensaios de poética histórica. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 5ª. ed., Trad. de A. F. Bernardini et al. São Paulo: HUCITEC, 2002, pp. 211-362.
- \_\_\_\_\_. O discurso no romance. In: \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora F. Bernardini et al. São Paulo: 2002, pp. 71-210.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª edição, São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- \_\_\_\_\_. O autor e a personagem. In: \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. Tradução de Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, pp.3-20.
- BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008a.
- \_\_\_\_\_. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008b.
- \_\_\_\_\_. Análise e teoria do discurso. In: \_\_\_\_\_. *Bakhtin: outros conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2008b.
- \_\_\_\_\_. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2ª. edição, Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2008.

- \_\_\_\_\_. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- \_\_\_\_\_. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. Gragoatá. Publicação do Programa de Pós-Graduação em letras da Universidade Federal de Fluminense. nº 1 (jul./dez. 1996). Niterói: EdUFF, 1996 – v. 17.
- \_\_\_\_\_. Fronteiras entre sentidos. Revista *Língua Portuguesa*. São Paulo, nº. 40, pp. 34-35, fevereiro de 2009.
- \_\_\_\_\_. Memória de escrito. Revista *Língua Portuguesa*. Ano 3, nº.43, pp. 34-35, maio de 2009.
- \_\_\_\_\_. Da Rússia czarista à web. In: \_\_\_\_\_. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009
- \_\_\_\_\_. *Bakhtin e o Círculo*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 15-30.
- CAMPOS, Maria Inês Batista. Questões de literatura e de estética: rotas bakhtinianas. In: BRAIT, Beth (org.). *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009, pp. 113-149.
- DE PAULA, Luciane e Grenissa Stafuzza (orgs.) *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: Inclassificável; v.1).
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- EINSTEIN, A. *O significado da relatividade*. Coimbra: Arménio Amado, 1984.
- FARACO, Carlos Alberto. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. 4ª edição, São Paulo: Contexto, 2008, pp. 37-60.
- FIORIN, José Luiz. Interdiscursividade e intertextualidade. In: Brait, Beth (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*. 1ª edição, São Paulo: Contexto, 2008, pp. 161-193.

MACHADO, Irene. A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopo e exotopia. In: DE PAULA, Luciane e Grenissa Stafuzza (orgs.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2010, pp. 203-234. (Série Bakhtin: Inclassificável; v.1)

**BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA**

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999.

\_\_\_\_\_. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Série Bom Livro, 28ª. edição, São Paulo: Ática, 2001.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999.

*Brasileiro de muitos sabores*. 1999. Texto produzido pelos alunos do Colégio Vovó Olívia na cidade de Luziânia em Goiás.

*Do sabor ao saber*. 1999. Texto produzido pelos alunos do Colégio XIX de Março em Itajubá, Minas Gerais.

*Guia de receitas brasileiras*. 1999. Texto produzido pelos alunos e professores da Escola Estadual Francisco de Campos, na cidade de Dores do Indaiá, em Minas Gerais.

MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho (coord.). *Guia da Viagem Nestlé pela literatura*. Fundação Nestlé de Cultura, 1999.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Pluralidade Cultural: O sabor da diversidade revelado pela arte literária brasileira*. Fundação Nestlé de Cultura, 2000.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Convivência: a pluralidade compreendida na dimensão do sonho e das relações humanas*. Fundação Nestlé de Cultura, 2001.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Movimentos da viagem*. Fundação Nestlé de Cultura, 2002.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Fome de solidariedade*. Fundação Nestlé de Cultura, 2003.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Ler: Compreender o Mundo*. Fundação Nestlé de Cultura, 2004.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Nós e os outros textos: um diálogo incrível que alimenta o espírito*. Fundação Nestlé de Cultura, 2005.

\_\_\_\_\_. Caderno Pedagógico. *Ler, pensar e criar: viajar pela literatura faz bem*. Fundação Nestlé de Cultura, 2006.

OLIVIERI, Antonio Carlos e Marco Antonio Villa (orgs). *Cronistas do Descobrimento*, textos de Pero Vaz de Caminha, Hans Staden e outros. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999.

REGO, José Lins do. *Fogo morto*. Fundação Nestlé de Cultura. Rio de Janeiro: Record, 1999.

STADEN, Hans. *Duas viagens ao Brasil: primeiros registros sobre o Brasil*. Trad. de Angel Bojadsen. Porto Alegre, Rio Grande do Sul: L&PM, 2010.

Pronunciamento ministerial de Francisco Correa Weffort. *In: Rede de apoio. Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura, 2000.

Revista *Nestlé com você*, São Paulo, ano 12, n. 45, p. 4, mar. 2010.

## ANEXO A- Viagem Nestlé pela Literatura - Concurso Cultural – Regulamento

# Viagem Nestlé pela Literatura Concurso Cultural

## Regulamento

**Artigo 1º** - Viagem Nestlé pela Literatura é um concurso de literatura promovido pela Fundação Nestlé de Cultura, com o apoio do Ministério da Cultura, aberto a todas as escolas de ensino médio do país, e destina-se prioritariamente a:

\* Incentivar a leitura de obras literárias representativas do cotidiano brasileiro, desde os primeiros relatos da época do descobrimento até os dias atuais, possibilitando aos jovens reflexões sobre os diferentes aspectos da cultura brasileira.  
\* Valorizar os melhores textos literários produzidos por escolas públicas e particulares de ensino médio de todo o país, premiando as escolas e seus respectivos professores e alunos, inscritos no concurso.

Foram criteriosamente selecionadas cinco obras literárias:

• *Cronistas do Descobrimento* • *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo • *Dom Casmurro*, de Machado de Assis • *Fogo Morto*, de José Lins do Rego • *Sentimento do Mundo*, de Carlos Drummond de Andrade

**Artigo 2º** - A produção cultural será realizada por uma equipe formada por até 30 alunos da 1ª e/ou 2ª e/ou 3ª séries, sob a coordenação de professores de ensino médio da escola, tendo no mínimo 1 professor coordenador e no máximo 3 professores coordenadores. O texto crítico ou literário deverá ser inédito e escrito no idioma português.

**Artigo 3º** - Para participar da Viagem Nestlé pela Literatura, a escola deverá inicialmente preencher a Ficha de Adesão e enviá-la à Coordenação do Concurso: Caixa Postal 20053, CEP 02720-999, São Paulo, SP. A Ficha de Adesão, uma parte destacável da mala direta, foi encaminhada a todas as escolas de ensino médio, na 1ª quinzena de maio.

§1º - Será aceita uma única Ficha de Adesão por escola.

§2º - Todas as informações solicitadas na Ficha de Adesão deverão estar devidamente preenchidas.

§3º - Só será aceita a Ficha de Adesão carimbada e assinada pelo diretor da escola.

§4º - A Ficha de Adesão deverá ser enviada pelo correio ou fax.

§5º - O último dia estabelecido para o envio da Ficha de Adesão é 28 de maio de 1999.

§6º - Até determinação em contrário, não serão aceitas fichas de adesão com carimbos do correio ou fax transmitidos após essa data.

**Artigo 4º** - Poderão participar da Viagem Nestlé pela Literatura as primeiras 5.000 escolas classificadas por ordem de chegada das fichas de adesão.

**Artigo 5º** - As escolas que aderirem ao concurso receberão um kit com:

§1º - Dois exemplares de cada uma das cinco obras selecionadas.

§2º - "Caderno-Roteiro Cultural" de apoio ao professor com sugestões de atividades a ser desenvolvidas com os alunos.

§3º - Formulários da "Produção Cultural", nos quais será escrito o texto literário produzido pela escola.

§4º - Diário de Viagem

§5º - Materiais de apoio e divulgação, como fita cassete, cartazes, adesivos, transparências e outros.

§6º - Envelope específico do concurso Viagem Nestlé pela Literatura.

**Artigo 6º** - A inscrição da escola ocorrerá efetivamente com a devolução de um texto crítico ou literário, produzido e escrito pelos estudantes, em formulários específicos do concurso "Produção Cultural", acompanhado do respectivo Diário de Viagem, com as anotações do andamento dos trabalhos com os alunos.

§1º - No "Caderno-Roteiro Cultural" e nos formulários "Produção Cultural", encontram-se recomendações que deverão ser observadas pelos participantes, tendo força de regulamento.

§2º - Os critérios para a produção do texto crítico ou literário encontram-se mencionados no "Caderno-Roteiro Cultural".

§3º - O Diário de Viagem será instrumento complementar e obrigatório, a ser devolvido no envelope Viagem Nestlé pela Literatura, e ficará à disposição do júri nos casos de empate.

**Artigo 7º** - A devolução do formulário "Produção Cultural" deverá ocorrer até o dia 17 de setembro de 1999, em envelope específico do concurso, e dirigido à coordenação.

§1º - Serão acolhidos, a título ilustrativo, materiais criativos complementares ao texto literário.

**Artigo 8º** - As produções culturais serão analisadas por um júri nomeado pela Fundação Nestlé de Cultura, composto de cinco pessoas qualificadas das áreas de literatura, história e educação.

O júri selecionará as três melhores produções culturais, emitindo um parecer final justificando cada uma das indicações até 30 de outubro.

§1º - Os critérios de julgamento estão descritos no "Caderno-Roteiro".

§2º - A critério do júri poderá haver indicações de Menções Honrosas.

### **Artigo 9º - Premiação**

As três melhores produções culturais, de três escolas distintas, serão premiadas da seguinte forma:

- Escola: R\$ 12.000,00 (em bens ou benfeitorias) - Professor: R\$ 8.000,00, para cada um dos envolvidos (em cheque)

- Estudante: R\$ 1.500,00, para cada participante (depósito em caderneta de poupança)

§1º - O total máximo por escola será de até R\$ 81.000,00 (R\$ 12.000,00 + R\$ 24.000,00 + R\$ 45.000,00).

§2º - O pagamento dos prêmios estará sujeito às disposições do Regulamento do Imposto de Renda.

**Artigo 10º** - A divulgação das escolas vencedoras e seus respectivos professores e estudantes premiados estará à disposição do público a partir de 30/10/99, sendo as escolas vencedoras comunicadas por escrito na 1ª semana de novembro. Também serão divulgados os resultados na revista Manchete de 20/11 (edição 2484) e 27/11 (edição 2485).

**Artigo 11º** - A data da entrega dos prêmios ocorrerá na 2ª quinzena de novembro/99 em dia e local a ser definidos.

### **Disposições Gerais**

§1º - No ato da inscrição, fica a Fundação Nestlé de Cultura autorizada a utilizar nomes e imagens dos inscritos, bem como o direito de reproduzir as produções culturais, na divulgação do concurso e seus resultados, preservando os créditos dos autores, sem que isso implique qualquer tipo de ônus à Fundação Nestlé de Cultura.

§2º - A Fundação Nestlé de Cultura designará uma comissão do concurso Viagem Nestlé pela Literatura, à qual caberá dirimir todas as dúvidas e casos omissos e cujas decisões serão irrecorríveis.

§3º - As escolas inscritas (diretores, professores e estudantes) e o júri se comprometem a cumprir este regulamento e acatar as decisões da comissão do concurso Viagem Nestlé pela Literatura.

§4º - Não haverá devolução das produções culturais encaminhadas à Coordenação do Concurso.

§5º - Fica vetada a participação de funcionários da Nestlé Brasil Ltda. e suas empresas coligadas societariamente, da Zymborg Marketing Direto S/C Ltda., da Publicis•Norton, da Chiesa & Cia. Ltda., bem como de todos os envolvidos nos processos de elaboração, julgamento, premiação e divulgação do concurso Viagem Nestlé pela Literatura.



DU WFN 07-01 000001

**Anexo integrante (Material de apoio do Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura 1999.)**

1893

## DATAS

2 de fevereiro — Vindos do Uruguai, os maragatos (federalistas parlamentaristas) invadem o Rio Grande do Sul para tomar o poder aos pica-paus (republicanos presidencialistas): tem início a guerra civil conhecida como Revolução Federalista.

28 de abril — O ministro da Marinha, almirante Custódio de Melo, demite-se do gabinete de Floriano por discordar do apoio do presidente a Júlio de Castilhos, vitorioso nas eleições governamentais do Rio Grande do Sul.

21 de maio — Em sua volta à imprensa, Rui Barbosa assume a direção do *Jornal do Brasil*.

6 de setembro — Custódio de Melo, no comando do *Aquidabã*, hasteia o pavilhão da insurreição contra o marechal Floriano: a baía da Guanabara assiste ao episódio da Revolta da Armada.

10 de setembro — O governo decreta o estado de sítio para a Capital Federal e Niterói.

Setembro — Sob a alegação da guerra civil no Sul e da Revolta da Armada na capital, Floriano Peixoto adia as eleições presidenciais de 20/10 para 15/3/94.

25 de outubro — Iniciando sua escalada ao poder, o Partido Republicano Paulista cria o Partido Republicano Federal.

## Ainda este ano:

A produção anual do café do Brasil é de 6 535 milhões de sacas de 60 kg; o total de todos os outros países é de 4 740 milhões de sacas.

A atitude do beato Antônio Conselheiro, rebelando-se contra a cobrança de impostos em Bom Conselho, BA (quemimou os editais que continham as taxas a serem recolhidas), é o primeiro sintoma da Rebelião de Canudos.

A *Ilusão Americana*, de Eduardo Prado, é confiscada por conter críticas à República norte-americana, no Rio de Janeiro.

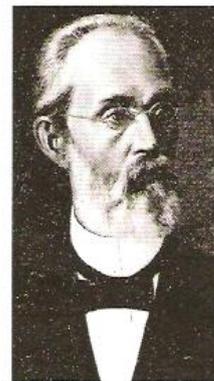


Casario pobre e sujo no centro do Rio: desafio ao novo prefeito.

## Guerra aos cortiços no Rio

O presidente Floriano Peixoto criou no ano passado o cargo de prefeito do Distrito Federal, substituindo o cargo de intendente. Desde então, o ocupante do posto tem sido Cândido Barata Ribeiro, lente da Faculdade de Medicina, empossado no dia 19 de dezembro. Preocupado com as condições higiênicas da cidade, o prefeito iniciou uma campanha de demolição dos cortiços. O mais famoso deles tinha o sugestivo nome de Cabeça de Porco. Barata Ribeiro desalojou cerca de 4 mil pessoas. As classes mais favorecidas exultaram: o Rio poderá ganhar enfim um ar civilizado. No folclore popular, co-

menta-se ainda os feitos da "barata que engoliu o porco". No dia 29 de janeiro, o escritor Machado de Assis comenta em uma das suas crônicas: "Gosto deste homem pequeno e magro chamado Barata Ribeiro ... Como Josué, acaba de pôr abaixo as muralhas de Jericó, vulgo Cabeça de Porco. Chamou as tropas ... deu volta à cidade e depois mandou tocar as trombetas. Tudo ruuiu, e, para maior justiça bíblica, até carneiros saíram de dentro da Cabeça de Porco, tal qual da outra Jericó saíram bois e jumentos". Expulsos, os antigos moradores foram erguer cascbres nos morros próximos.



Barata Ribeiro: o primeiro prefeito.

## Pregações de velho beato agitam o sertão da Bahia

Notícias provenientes do interior da Bahia dão conta de que um beato rude e maltrapilho rebelou-se contra a cobrança de impostos no município de Bom Conselho. Sabe-se que esse homem, por todos chamado Antônio Conselheiro, anda fazendo pregações pelo sertão do Nordeste

desde o ano de 1857. Agora, ele dá mostras de descontentamento contra a Igreja e contra o governo da República. Para ele, o casamento civil, a liberdade de culto, a secularização dos cemitérios e a separação entre a Igreja e o Estado — medidas adotadas pelo poder republicano — são altamente condenáveis.

Tempos atrás, o beato queimou, em plena feira de Bom Conselho, as tábuas onde estavam afixados os editais com os novos aumentos de

impostos. Trinta praças foram enviados de Salvador, em represália, para prendê-lo. Informações mais recentes, contudo, indicam que ele conseguiu fugir, enveredando pelo sertão com um grupo de seguidores. Revela-se que está refugiado numa fazenda de gado perto do rio Vaza-Barris. Ali teria erguido um arraial "sagrado" chamado Belo Monte, onde já estariam residindo centenas ou mesmo milhares de pessoas. O lugar chama-se Canudos.

## Coleção 100 Anos de República – volume 1

Anexo integrante (Material de apoio do *Concurso Cultural Viagem Nestlé pela Literatura*. São Paulo: Fundação Nestlé de Cultura 1999. *1893 In: 100 anos de República*, volume 1 (1889-1903), São Paulo, Nova Cultural, 1989)